

SERÕES



A INFANCIA

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 41-NOVEMBRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Summario

MAGAZINE

	Pag.
OS MEUS CÃES	
<i>(Frontispicio)</i> Quadro de J. N. SYLVESTRE.....	306
SIMÕES D'ALMEIDA (SOBRINHO)	
<i>(17 illustrações e 1 vinheta)</i> por ALFREDO DE GUIMARÃES.....	307
A' MORTE DO AVÓ (Soneto) por MARIA O'NEILL.....	314
ESCOLA PRATICA DE ENGENHARIA	
<i>(15 illustrações)</i> por F. A. GARCEZ TEIXEIRA.....	315
CANÇÃO DA TRICANA (Versos) por ANDRÉ DOS REIS.....	324
A ALMA DOS JARDINS	
<i>(9 illustrações)</i> por João DO RIOS.....	325
A MISERIA EM LISBOA	
<i>(12 illustrações e 1 vinheta)</i> por LUIS DA CAMARA REYS.....	334
BEIJOS DE MÃE (Soneto) de RICARDO DE SOUZA.....	343
O CASTELLO DE S. JORGE EM LISBOA	
<i>(14 illustrações)</i> por A. VIEIRA DA SILVA.....	344
OS BASTIDORES DO NIHILISMO	
<i>(1 vinheta e 1 illustração)</i> traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA.....	355
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR	
<i>(6 illustrações e 1 vinheta)</i> por M. A.	359
A PRINCEZINHA (Soneto) por J. B. PINTO DA SILVA.....	366
OS NOSSOS VINHOS E O BRAZIL	
<i>(3 illustrações e 1 vinheta)</i>	367
MARIA (Soneto) por JOSÉ APOLINARIO D'OLIVEIRA (OLIVEIRA BRAZIL).....	370
ACTUALIDADES	
<i>(32 illustrações)</i>	371

OS SERÕES DAS SENHORAS (52 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS..... pag.	65	LAVORES FEMININOS..... pag.	74
OS NOSSOS FIGURINOS..... "	67	CONSULTORIO DE MARIA..... "	77
CHAPÉOS MODELOS..... "	70	NOTAS DE DONA DE CASA..... "	79
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... "	72		

A MUSICA DOS SERÕES

NAS AZAS DO SONHO, por F. MENDELSSOHN.....	4 paginas
--	-----------

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADO.

Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	}	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »	
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno			15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) **27**

Telephone **805**

LISBOA



A Nacional

Companhia Portuguesa de

Seguros de Vida

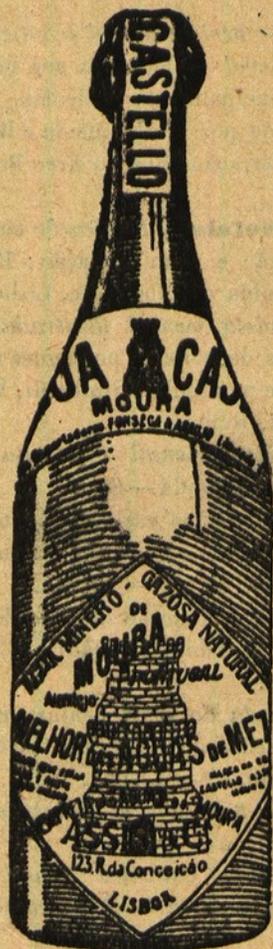
CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

- Predestinado** — Com este titulo publicou o sr. Cesar de Castro, n'uma edição feita em Porto Alegre, Brasil, dois interessantes contos, escriptos com extrema vivacidade de estylo. Bem elaborados, deixa-se o auctor arrastar pela phantasia que scintilla pujante em todos os trechos.
- Echo militar** — Recebemos o n.º 4 d'esta interessante revista, que vê a luz em Porto Alegre, Brasil. O seu summario, attrahentissimo, insere artigos assignados por nomes muito conhecidos nas letras da nação irman.
- Ementario**, por Gustavo Teixeira—S. Paulo, 1908—Um novo e radioso talento de poeta surge das plagas brazileiras, revelando-se abertamente n'este bello livro. *A poesia do Ementario* — diz o prefaciador sr. Vicente de Carvalho — «flue como as claras e tranquillias nascentes de varzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia». Mas o brilho e a perfeição de forma e o alevantado da idéa induzem-nos a uma saudação entusiastica, sentindo não poder dedicar ao juvenil poeta mais do que estas linhas desataviadas.
- Kosmos** — *Revista artistica, scientifica e litteraria* — Redacção e officinas: Rua da Assembléa, 62, Rio de Janeiro.
- Azulejos** — *Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes* — Redacção e administração: Calçada do Jogo da Pella, 6, 2.º, Lisboa.
- Arte** — *Archivo de Obras d'Arte* — Redacção e administração: Rua de S. Lazaro, 310, Porto.
- Archivo Bibliographico** — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.
- O Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria*. — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.
- Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.
- Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.
- A Vinha Portugueza** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.
- Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º, á Avenida da Liberdade, Lisboa.
- Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.
- Luz do Oriente** — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Ponda — Gôa.
- A Saude** — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.
- Propaganda Catholica** — A acção do sacerdote na imprensa. — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.
- A Caça** — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro, 36, 2.º — Lisboa.
- Voz de Santo Antonio** — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.
- Estudos Sociaes** — *Revista Catholica Mensal* — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 27.



Os meus cães

(Quadro de J. N. Sylvestre)

SIMÕES D'ALMEIDA

SOBRINHO



BUSTO DE SIMÕES D'ALMEIDA (TIO)

RUSKIN afirmava que seria sempre o maior artista aquele que mais docemente interpretasse a vida. E assim como n'um rio pode ouvir-se, ainda, o mormurio fluido d'uma nascente, assim ele proprio, manifestação transitoria da natureza, propagaria, no sentimento e entendimento humanos, a beleza que em si reuniu a ordem suprema d'uma triologia vital—o desejo, a affectividade e a razão.

Depois d'um principio de sciencia criticã tão poderosamente determinado, seria quasi imprudencia a von-

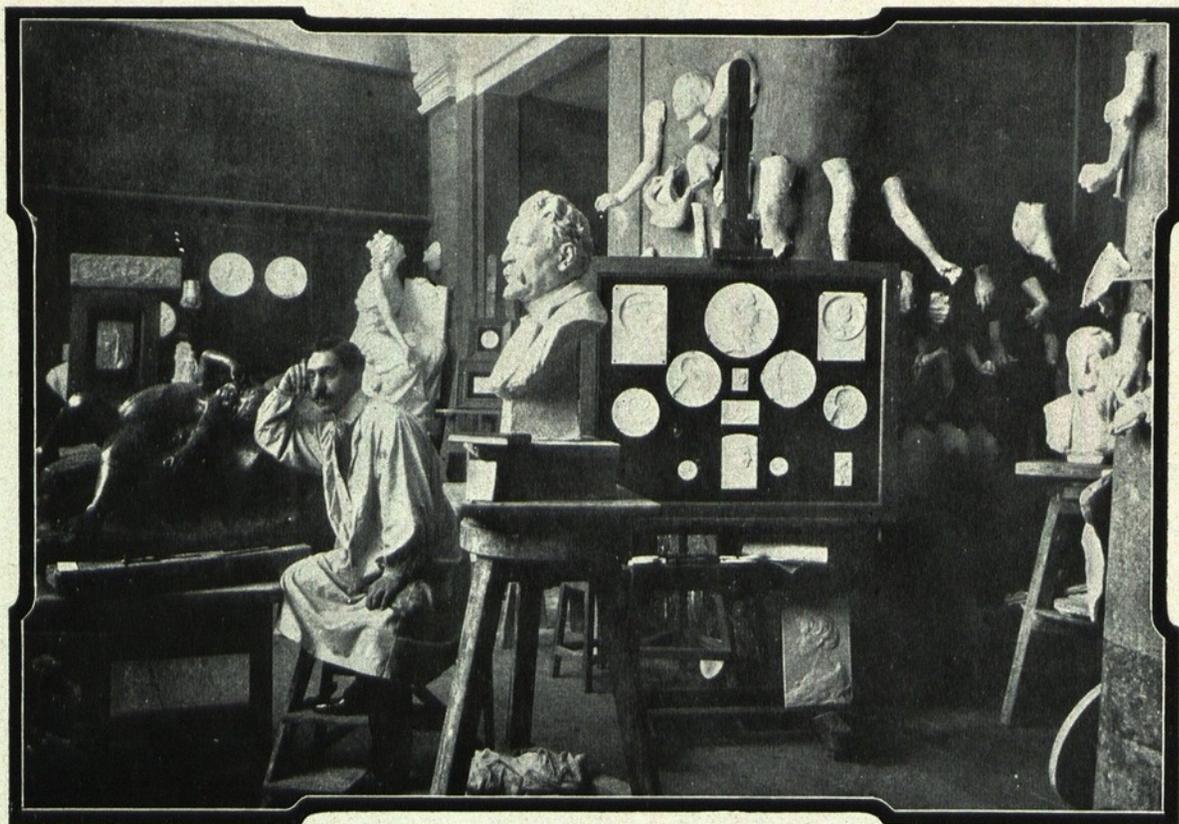
tade d'uma afirmação sob qualquer modo ou ordem subjectivos, levados a interpretar a condição moral da Arte. Ruskin disse profundamente a verdade; e

ligados ao pensamento dominante do sabio inglez são evidentes os exemplos de Virgilio, Leonardo de Vinci, Donatello e Lizte (os interpretes mais subtis), porque entre a renovação continua dos ascendentes humanos é, e será, eterno o calôr absorvente da sua obra.

Sentir bem e dizer bem foi, quasi sempre, o instinto de cada penna, de



MEDALHA DO PROFESSOR MIGUEL BOMBARDA

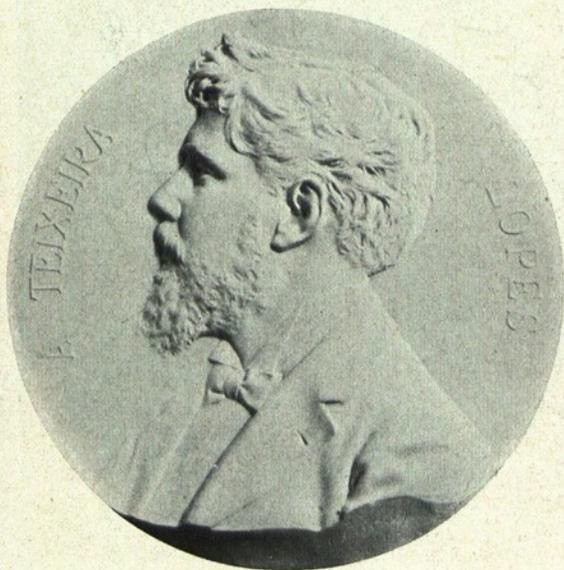


ATELIER DE SIMÕES D'ALMEIDA (SOBRINHO)

cada pincel, de cada escôpro. E a harmonia tangível, mas difícil, da verdade, só na máxima expressão concede ao labor moral, como um corpo virgem á ambição do nosso instinto, a faculdade divina de se mostrar tal qual a sua ordem em poder expressivo — sempre pura, para

a razão; sempre nova, para o tempo, e indeterminadamente preciosa para a intelligencia e necessidade dos homens.

Ao cabo de se haver realisado uma parte dos segredos aféctivos da natureza, é monumental e doloroso que pouco se haja realisado do muito que



MEDALHA DO ESCULPTOR TEIXEIRA LOPES

possuíamos para realizar. Agua inesgotavel a dar an-ciedades de puro espirito, curvam-se para ella todas as faculdades da nossa vida; e a cada reflexo de verdade, que apaga, naturalmente, uma duvida, outra duvida, imprevisa e nova, se sobrexcita, porque dos desejos saciados, vibrando sobre uma corrente interminavel, como das cinzas pagãs, um novo fructo aborta no impulso e desejo da nossa vontade inextinguivel.

A Arte tem por fim o dol-cificar este mal absoluto da existen-cia. Quem mais sentir mais commu-nica. E o mais lucido dos homens é o que abrangeu nas expressões da vida um aspecto de subtilesa racio-nal e profundo, em que a harmonia da verdade seja ainda a origem d'uma precessão delicada e aliviadôra, com a qual é piedoso e puro envolver os largos sacrifi-cios do pensa-mento.

Assim, novos sentidos e novas modalidades têm elevado, no principio intelectual da Arte, as tendencias da expres-



O RISO

são e assimillação, que in-tegram o seu modo de ser affectuoso e encantadôr. Na-da pode obstar a que ella se propague, porque o sen-timento humano inextingui-vel e amargo, será sempre mais puro, mais expressivo e mais belo, quanto mais a Arte d'ele se aproxime, con-fundindo o rhitmo de to-das as dôres no rhitmo das suas proprias delicadezas.

*

E estas reflexões — como dizia Anatole France — põem-me no coração do meu assumpto.

Um medalheiro original, genero d'Arte quasi virgem entre nós, e tra-balhado ás mãos d'um artista cheio de talento (sem a omissão do meu favor), pode considerar-se o facto



A INFANCIA

artístico mais interessante dos últimos tempos, sómente porque a exclusiva tendencia da sua simplicidade é a razão mais convincente do seu proprio merecimento.

Não quer isto dizer, de modo algum, que o escultor Simões d'Almeida (sobrinho) limite os seus cuidados de artista á produção quasi minuscula da medalha.

O busto do grande artista que é seu tio; a composição das *Nymphas do Mondego*; o nú esplendido do seu bronze a *Infancia*; e muitos outros trabalhos, de maior formato que os originaes que aqui exclusivamente distingo, foram tambem motivo para que um artista da sua idade, pela representação do proprio valôr, pudesse ser tão vivamente discutido, conseguindo o que a raros é accessivel no extremo d'uma longa vida tão movimentada como é a vida de *atelier*.

Não são, positivamente, as repro-

duções dos modelos que podem dar o caracter e a expressão, o requinte de delicadeza, do medalheiro cheio de subtilidade, por vezes aparentemente immaterial, que pude ver no *atelier* do artista á Academia de Belas Artes.

Reproduções, em casos d'esta natureza artistica, são sempre reproduções; dizem, se tanto, metade do encanto e movimento do objecto reproduzido. E melhor seria, para que a visão de todos me acompa-

nhasse, que os originaes dissessem, ou tivessem dito, a cada qual, todas as suas provas de delicadeza e amorosidade, que hoje são, incontestavelmente, o elogio mais expontaneo que os merecimentos d'um artista de sangue pode recolher no seu caminho de combate e engrandecimento.

Como nas paginas de Flaubert ha mormurios d'agua e leves agitações de folhagem, no seu esforçado desejo de assimilhação á natureza; nos bustos e episodios das medalhas de Simões d'Almeida (sobrinho) surprehendemos, no diluido vago dos con-



EL-REI D. CARLOS I



CABEÇA DE ITALIANA



O CHA

tornos, os macios tons d'aguarela, atenuados até um extremo de sujeição; sendo essa, a paz da sua simpli-

Os seus trabalhos de busto de creança (elementos expressivos para o formato minuscuro da medalha),



AS NYMPHAS DO MONDEGO

cidade e ineditismo de processo, a qualidade mais pessoal e mais elevada da obra do moço artista.

não tem a preocupação de dar o cliché retocado e incaracterístico, que em tantos outros tem sonogado aos

pequenos modelos o modo simplicissimo das suas expressões. Longe de tal pretensão, repito, incaracteristica, são a meiguice ingenua, a doce meiguice menineira, surprehendida no que accentua de mais natural e sobrio; não dando, na figura, mais do que lá está, mas communicando do seu conjunto a vaga corrente delicada que é inseparavel do gesto atenuado e simples das creanças.

Um medalheiro que retrata artistas e reproduz flôres. Reune na sua obra

os elementos elegantes da sua simpatia. E nem

eu sei qual é

mais singular e mais agradavel, se a medalha de Teixeira Lopes, o estatuario melancolico do *Santo Isidro*; se a cesta de rosas, cheias de *côr* e de *frescura*, que eu fui encontrar aos ultimos retoques no *atelier* socegado da academia de Lisbôa.

Assim, chama-se a este modo, a esta comprehensão do problema artistico, o possuir a intelligencia e a piedade mentalmente predispostas á renuncia das suas proprias crises, para verter sobre a tortura dos homens um pouco de illusão e de prazer, que dêem, no esforço continuo da existencia, a alma sempre nova, a sempre esperada ventura, cujo desejo náda na *côr* do nosso sangue e ha-de exceder, propagado, o quarto de legua da nossa existencia.

Dizer que em cada uma das medalhas de Simões d'Almeida (sobrinho) existe um conjunto de musica e de *côr*, indolentes de caracter, que são, adjuntas a uma simples simplicidade, a nota irmã do seu proprio temperamento; e que exteriorisam d'um modo intelligente e particular; não é, de modo algum, exceder a verdade e pôr pre-



MADAME X...



EVORA AGRADECIDA

juízos de sympathia onde a admiração é sobeja e justificada. Na medalha *O chá* sobre o ponto de vista de requintada e subtil delicadeza, comprehende-se um exemplo bem determinado e fino. No busto-medalha de Madame X a galanteria e subtilidade que possui, dão bem o personagem delicado que o artista tratou com um claro entusiasmo de rapaz. E ainda a colecção de bebés italianos, aparecendo, destacada, pelos cavaletes, plintos e quadros do *atelier*, exprime na obra de Simões d'Almeida (sobrinho) a curiosidade multiplice dos seus prazeres d'Arte, tantas vezes os mais insinuantes e os mais difíceis.

Deixei, prepositadamente, para este final de artigo as referencias ao busto de Simões d'Almeida (tio) que o artista de que trato executou com uma mestria extraordinaria. De todas as manifestações de homenagem que o grande mestre da estatuaria tem recebido durante o largo periodo da sua vida de artista, é esta, certamente, a prova de admiração que mais o li-songeará, quando ella é obra do talento que enobrecce o seu proprio sangue, do artista moço que bem pode ser o

continuidor da sua obra reflectida e sonora.

O mestre que esculpina a beleza delicada da *Puberdade*, tão vivo e insinuante de temperamento, é bem a figura decidida e sobria que Simões d'Almeida (sobrinho) tratou com o maior dos seus cuidados.

Dir-se-ia que uma infinita corrente de sugestão, intencionara o artista moderno da *Infancia* a dar ao modelado o proprio cunho de

firmeza e grandiosidade que foi a característica dominante da escola d'Arte a que o velho professor pertencera como um dos melhores e mais constantes artistas. Surprehende-se na sobriedade do desenho o modo sobranceiro e firme do seu trato, da sua figura, dos seus processos. E ninguem dirá que a par d'essa rigorosidade de observação, dando as proprias rigorosidades pessoases, não existe uma macia execução de contornos, na moleza do cabelo, nas



MADAME BOUILLOT



CREANÇAS ITALIANAS

rugas da mascara, no desenho de vestuario, o que torna esse busto admiravel uma das obras mais invejaveis que Simões d'Almeida (sobrinho) tem produzido.

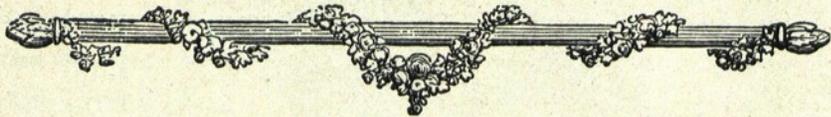
*

O que me resta dizer? Penso eu que tudo ou nada mais. Tudo, se eu

tentasse communicar um pouco, das impressões delicadas que trouxe da visita de ha alguns dias. Nada mais, se eu referi só verdade onde encontrei verdade e puro prazer de espirito. Resta, portanto, que uma sucessão enumera de applausos, pelos annos fóra, venham, se é possivel, ligar mais fé e mais sinceridade á sinceridade bem louvavel d'estas velhas palavras.

Lisboa -- 1908.

ALFREDO GUIMARÃES.



À morte do avô

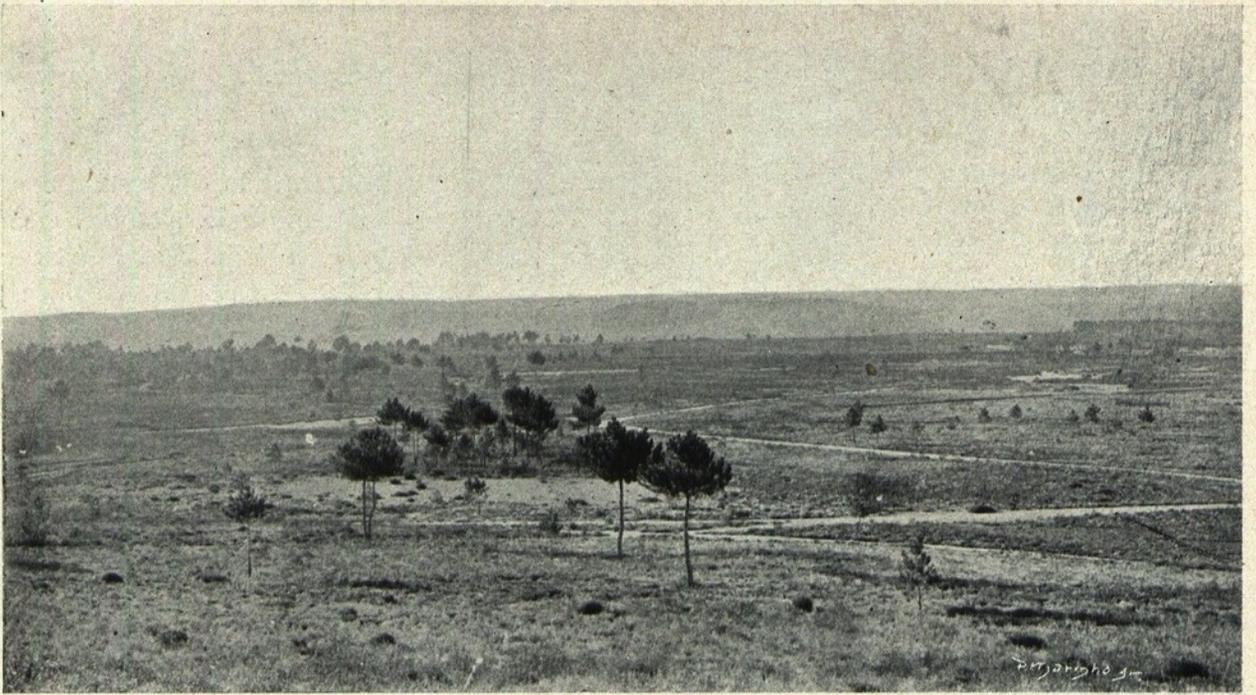
Não mais verei tua gentil cabeça,
Orlada por cabellos côr da neve!...
O que a minha alma sente não se escreve.
Pode sabê-lo quem tal dôr conheça.

Mas não. Não póde porque haver não deve
Quem ser amado, como tu, mereça;
Nem ninguem, como eu amo, a amar se atreve
Com receio que a vida lhe feneça.

Queima-se o coração, morre-se vivo,
É tudo a mais soffrer forte incentivo!...
Ultraja o sol a dôr no azul dos céus...

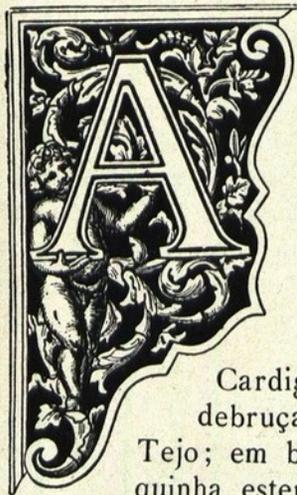
O corpo vérga a um pezo que m'o esmaga...
Resignação não tenho... a fé se apaga...
Qu'ria arrancar-te em lucta ás mãos de Deus.

Maria O'Neill.



UM ASPECTO DO POLYGONO, VISTO DO ALTO DE D. LUIZ

Escola Pratica de Engenharia



quem de Lisboa se dirija pela linha de Leste, logo adiante da estação do Entroncamento se lhe depara o amplo valle do Tejo numa soberba paisagem cheia de vida e de luz. A' direita, a magnifica quinta de

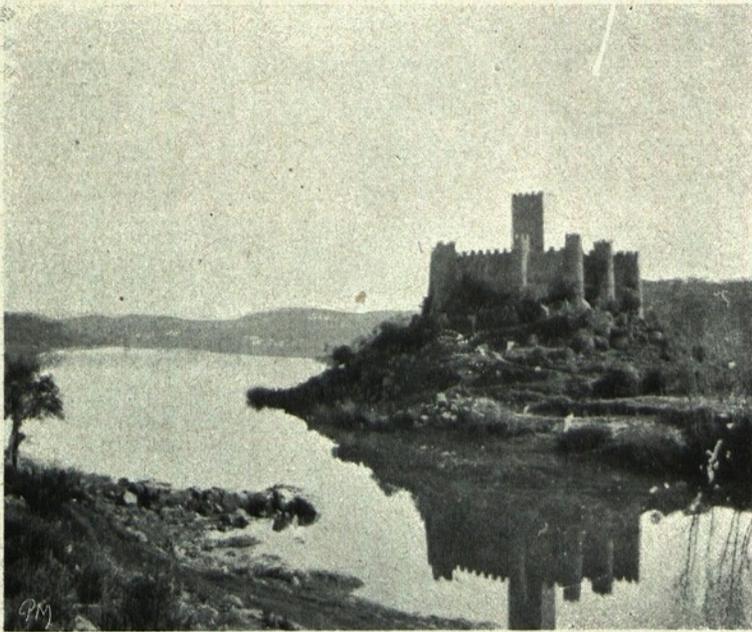
Cardiga com os seus jardins debruçados sobre as aguas do Tejo; em baixo, a villa da Barquinha estendendo-se ao longo do

areal na margem do rio; mais além, o Tejo Velho, extensa planicie por onde em tempos não muito remotos corria o rio, que a tradiçãõ diz ter sido desviado pelos frades do convento da Cardiga, obrigando-o a vir regar-lhes os seus campos. E' um mixto empolgante de verdura e agua a que os tons

quentes da areia veem pôr notas alegres e que nos traz á lembrança os formosos campos do Mondego. Mas já o comboio nos levou até á altura do rapido da Agua Tesa verdadeiro descarregador do açude natural que barra o amplissimo pégo do Almourol. Agora, vemos na margem opposta o Arripiado, enquanto passamos a todo o vapor pelo meio da antiga villa de Tancos, outr'ora uma das mais florescentes do paiz, quando o commercio do norte vinha ali fazer a travessia para o sul, e reduzida hoje á mais desoladora aldeia. Vibrou-lhe o primeiro golpe a barca que se estabeleceu a jusante e de cuja prosperidade surgiu a Villa Nova da Barquinha; vibrou-lhe o golpe de misericordia o monstro d'aço que agora diariamente a atravessa resfolgando.

Hoje, apenas ali o amator de antigualhas encontrará nomes nobres nas lousas semi- apagadas da vasta igreja, ruinas de





CASTELLO DE ALMOUROL

palacios que deviam ter sido grandiosos e um bom caes de cantaria que bem mostra a grande importancia do movimento commercial da villa. Tudo o mais lhe levaram. As pedras dos seus palacios teem ido enriquecer as construcções dos arredores. O seu pelourinho foi servir de chafariz para a Barquinha. Até as cinzas dos seus mortos lá foram tambem para o cemiterio d'esta villa!

Para irrisão, apenas lhe deixaram a sua forca, talvez hoje a unica no país. Num alto sobranceiro á villa, os seus dois robustos pilares de alvenaria parecem ainda aguardar a trave infamante.

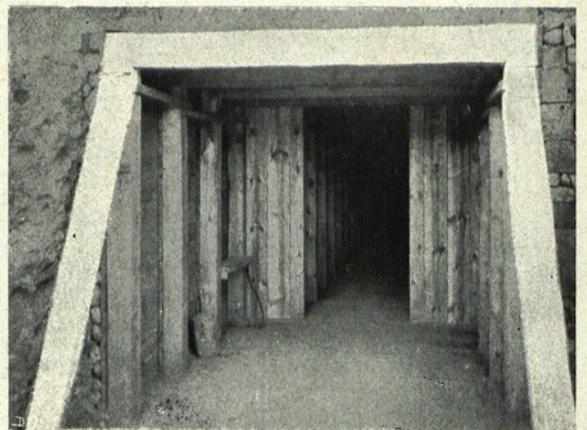
Mas a paisagem que agora se desenrola deante de nós faz-nos esquecer tão tristes reminiscencias: na nossa frente, espelhando-se como que num vasto lago, o Castello de Almourol, que d'este logar parece emergir de um massiço de choupos e salgueiros, surge-nos como uma visão scenographica. E' um encantamento seguido a paisagem que se nos vae sempre desenrolando á direita da linha. O Tejo, cujo estuario se vae alargando até ao local do ilheu do Castello, mais parece, durante a estação calmosa, um vasto e pacifico lago, do que o rio revoltoso em que o Tejo se transforma durante as grandes cheias e que ali teem chegado a attingir a cota de 10^m sobre a estiagem.

A paragem do comboio na estação de Tancos arranca-nos ao enlevo da soberba

paisagem. A pequena estação, apesar do seu nome, serve a Escola Pratica de Engenharia. Uma estreita via ferrea, com o seu minuscuro material circulante, á esquerda, e uma estrada ensombrada de eucalyptos, á direita, convidam o viajante a apeiar-se. E não é tempo perdido o que se consagre á visita d'esta Escola pois entre as quatro Escolas das diferentes armas é esta, sobretudo no periodo de maior actividade escolar, que offerece aspectos militares mais curiosos e typicos, quer pela variedade da instrucção ministrada, quer pelos aspectos da vida do seu pessoal, quer pelo pictoresco dos seus arredores. Estabelecida no

Polygono de Tancos, creado ha meio seculo para campo de manobras, apesar das successivas transformações que tem soffrido, ainda hoje se não despiu completamente da feição que teve na sua origem, do mesmo modo que ainda conserva na população dos arredores os nomes de *Campo* e *Manobra*.

Para o Polygono foi escolhida a charneca de Tancos, de pessima fama então, mas que a presença permanente das forças do exercito tornou mais segura do que a nossa Avenida. Ainda ha bem pouco para mostrar a sua origem, ella se engalanava e perfumava com as suas *estevas*, os seus *rosmaninhos* e as suas *murtinheiras*. Hoje já se lhe acabaram as suas primaveras floridas para dar logar ás messes doiradas. Mas não só de charneca é constituida a vasta area da



ENTRADA DE UMA GALERIA DE MINA

Escola. Os bellos oli-
vaes do Casal do Sei-
val, que se debruça na
crista da ribeira do
mesmo nome e os for-
mosos vergeis da quin-
ta do Loreto, pertença
de um desmoronado
convento franciscano,
que veem quasi mer-
gulhar nas aguas do
Tejo sob um duplo ren-
que de choupos e sal-
gueiros, estão ainda
compreendidos den-
tro da Escola.

A vida concentrada
das outras Escolas não
existe aqui. A dessimi-
nação por todo o Poly-
gono das barracas fei-
tas para alojamento
das diversas unidades
durante as manobras,
veiu influir sobre a dis-

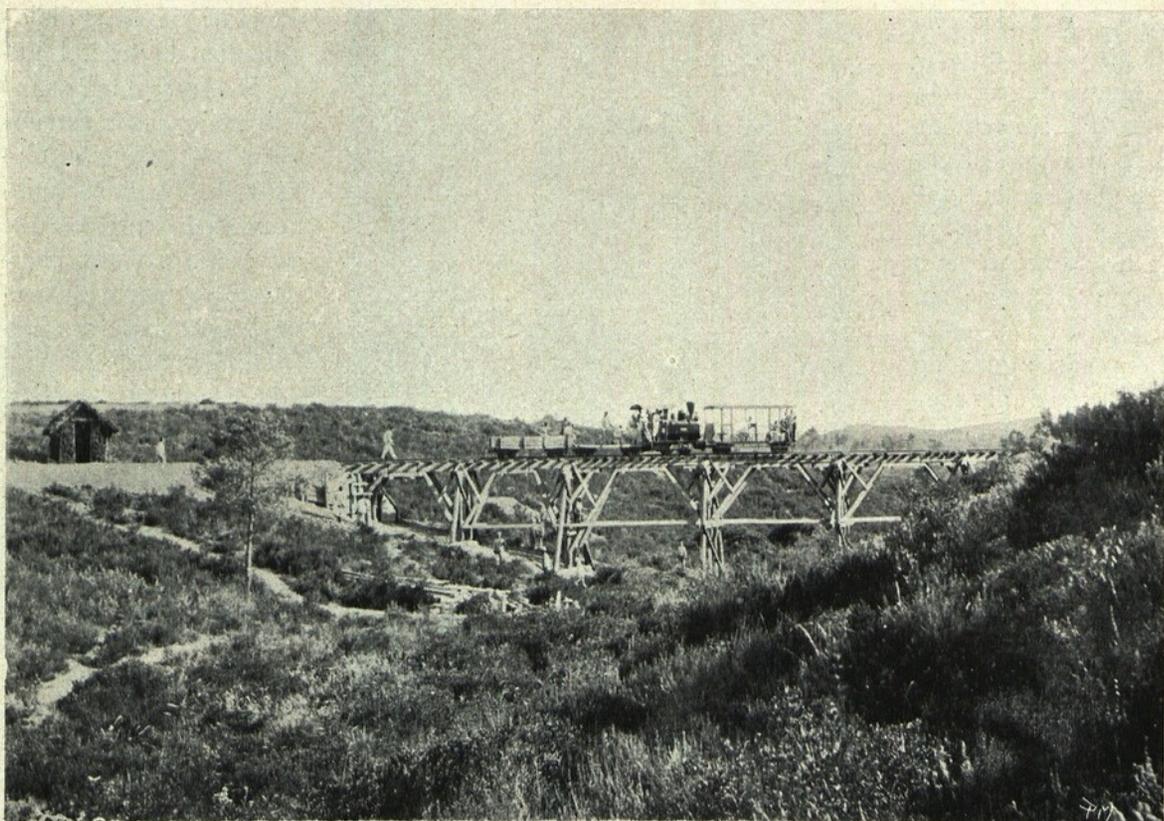


CORONEL CARLOS ROMA DU BOCAGE
Commandante da Escola Pratica de Engenharia

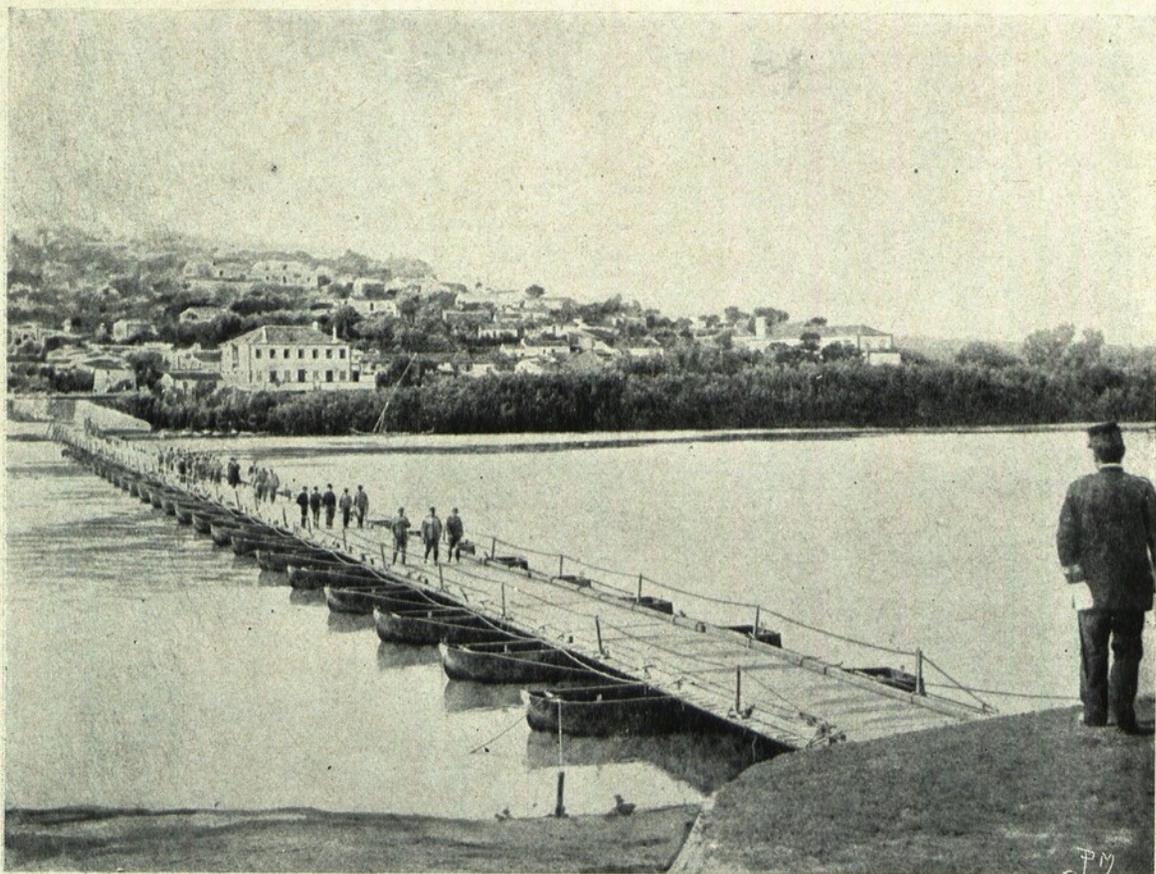
tribuição dos aloja-
mentos da actual Es-
cola. Aqui, é um grupo
de modernas construc-
ções — o *Quartel Ge-
neral* — outra reminis-
cencia do tempo em que
o Polygono era com-
mandado por um gene-
ral, onde se acham ins-
tallados as secretarias
da Escola, um esplên-
dido museu de mode-
los e photographias de
trabalhos executados
na instrucção, e ser-
vindo tambem de sala
de conferencias, bi-
bliotheca, gabinete de
provas, extensissimos
armazens de material
das companhias de
pontoneiros, sapado-
res, telegraphistas e
caminhos de ferro, ga-



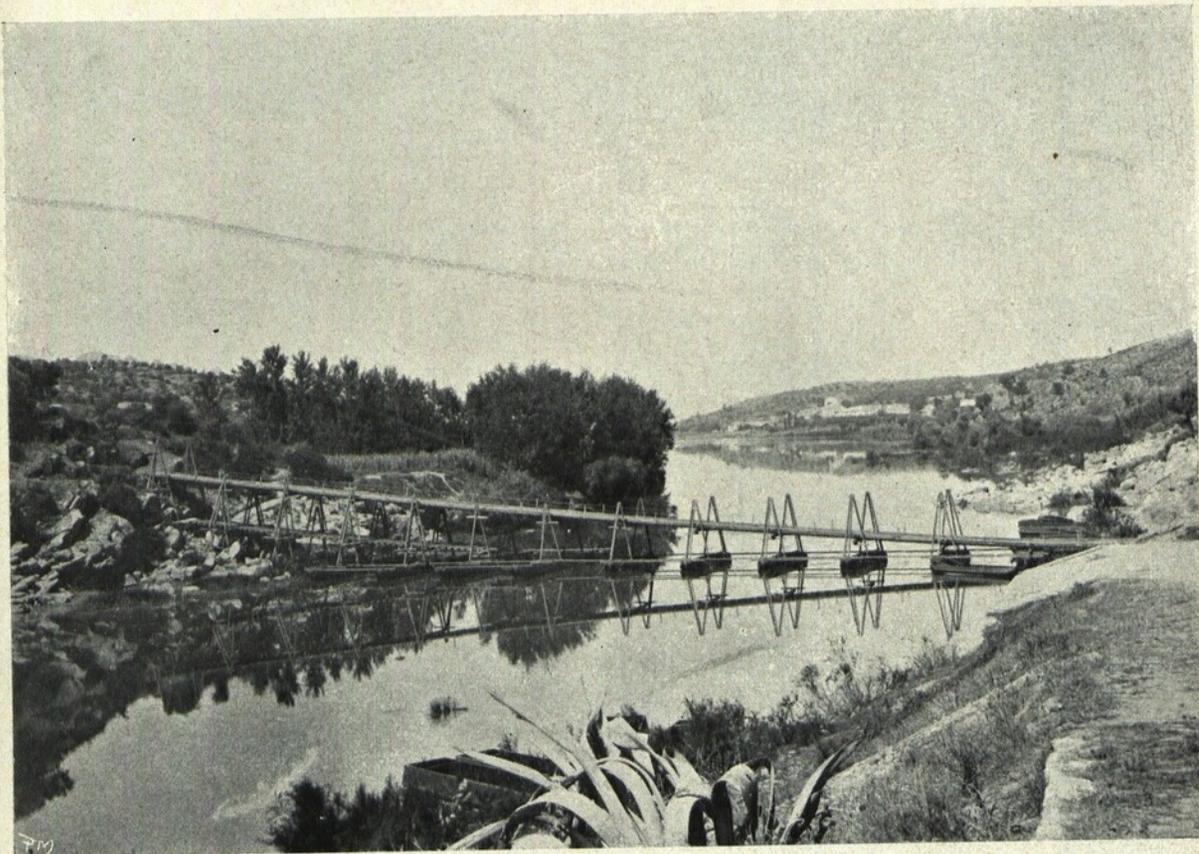
SALA DE CONFERENCIAS E MUSEU DE MODELOS



VIADUCTO E COMBOIO DA LINHA FERREA DECAUVILLE



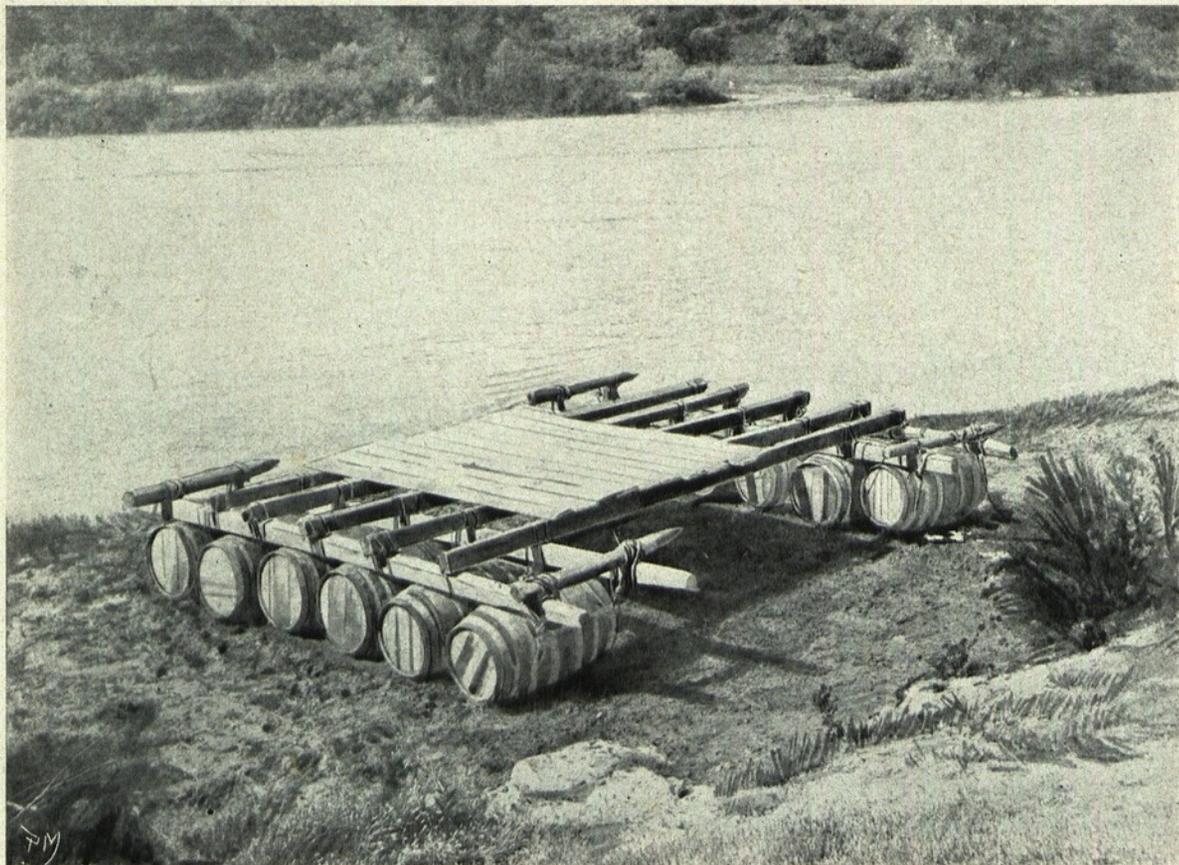
PONTE DE EQUIPAGEM DE BARCOS E CAVALLETES ENTRE AS POVOAÇÕES DE TANCOS E ARRIPIADO



INSTRUÇÃO DE PONTONEIROS — PONTE DE EQUIPAGEM DE CAVALLETES SOBRE BARCOS



INSTRUÇÃO DE PONTONEIROS — SUBSTITUIÇÃO DE UM BARCO NUMA PONTE DE BARCOS DE EQUIPAGEM



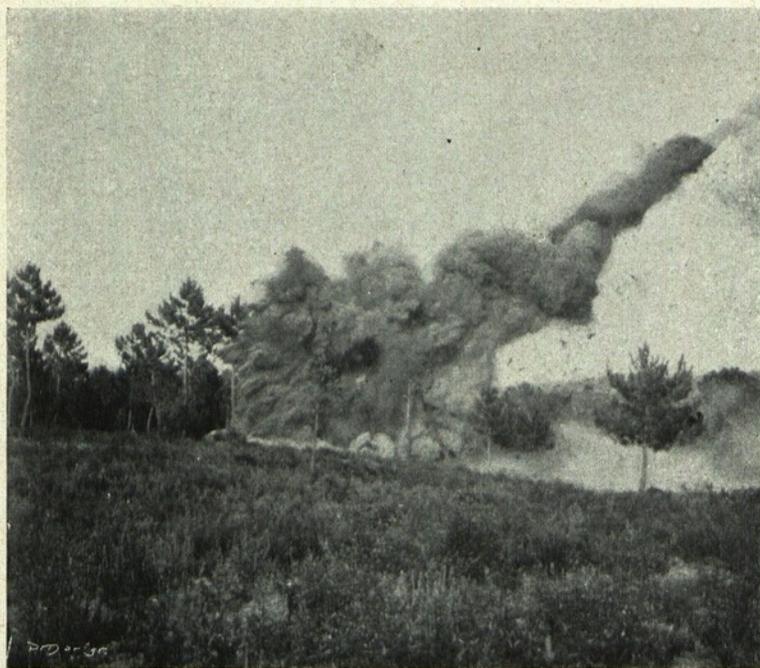
INSTRUCÇÃO DE PONTONEIROS — JANGADA PARA APOIO DE PONTE IMPROVISADA

binete de instrumentos de precisão, oficinas de carpinteiro, ferreiro, serralheiro, latoeiro e pintura, vastos alpendres para viaturas e locomotivas de linha de Escola, habitações

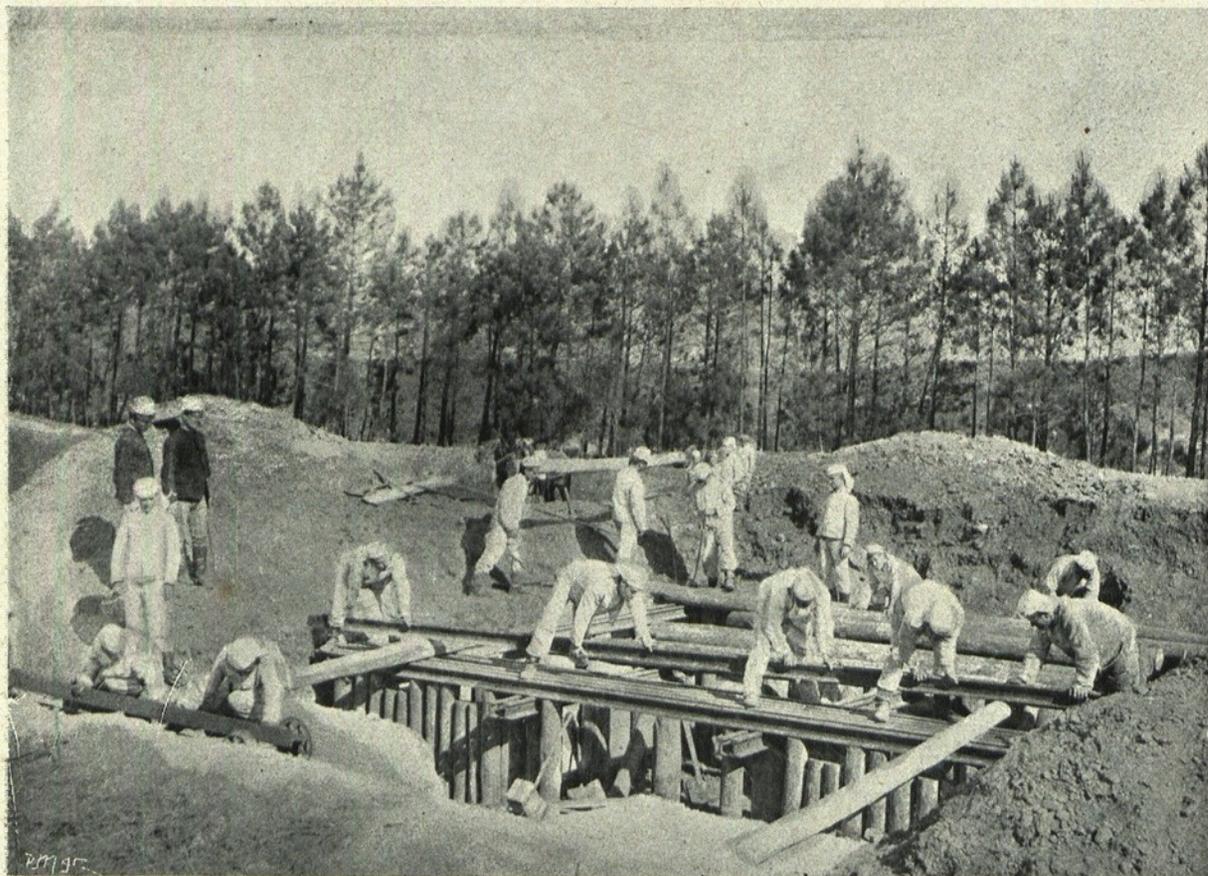
do pessoal permanente e sala de reunião de officiaes.

Além, sobre um pequeno planalto, outro bairro — o *Relógio* — grupo de pequenas construções capitaneadas por uma torre com a fôrma do castello symbolico da arma de engenharia, encimado por um relógio que deu o nome ao bairro. E' aqui que habitualmente se alojam as tropas de engenharia que frequentam o Polygono. Casas separadas constituem as habitações dos officiaes destacados. E' ainda aqui que existem os depositos da agua que, elevada do abundante manancial do Loreto se distribue por todas as dependencias da Escola. Tambem ali existe um posto meteorologico ligado com a rede geral do país.

Mais além, no começo da carreira de tiro, a que serve de espaldão o Alto de D. Luiz, e d'onde aquelle fallecido mo-



EXPLOSAO DE UMA FOGAÇA



INSTRUÇÃO DE SAPADORES-MINEIROS — CONSTRUÇÃO DE UM ABRIGO BLINDADO

narcha assistiu ás primeiras manobras feitas no Polygono, outro grupo de casas constitue o quartel do destacamento de cavallaria, que faz o serviço de ordenanças e a policia nocturna do campo.

Para habitação dos officiaes sem familia conta outro bairro, — a *Aringa* — cujo nome nasceu do aspecto especial, hoje completamente perdido, que lhe dava o seu vallado guarnecido de piteiras, o seu coreto, e os *chalets dos passarinhos*. E' aqui que tambem existem o laboratorio photographico d'onde sahem annualmente primorosos clichés como os que acompanham este artigo e finissimas provas em phototypia dos trabalhos realizados durante o anno. Tambem aqui existem os depositos de mobilia e de baracas de campanha, algumas das quaes, as reaes, são forradas interiormente de custosas sedas antigas.

Completam este grupo as casas de banhos, o refeitório e os quartos para officiaes, em tres edificios diversos.

Os *Annexos*, grupo de estabelecimentos



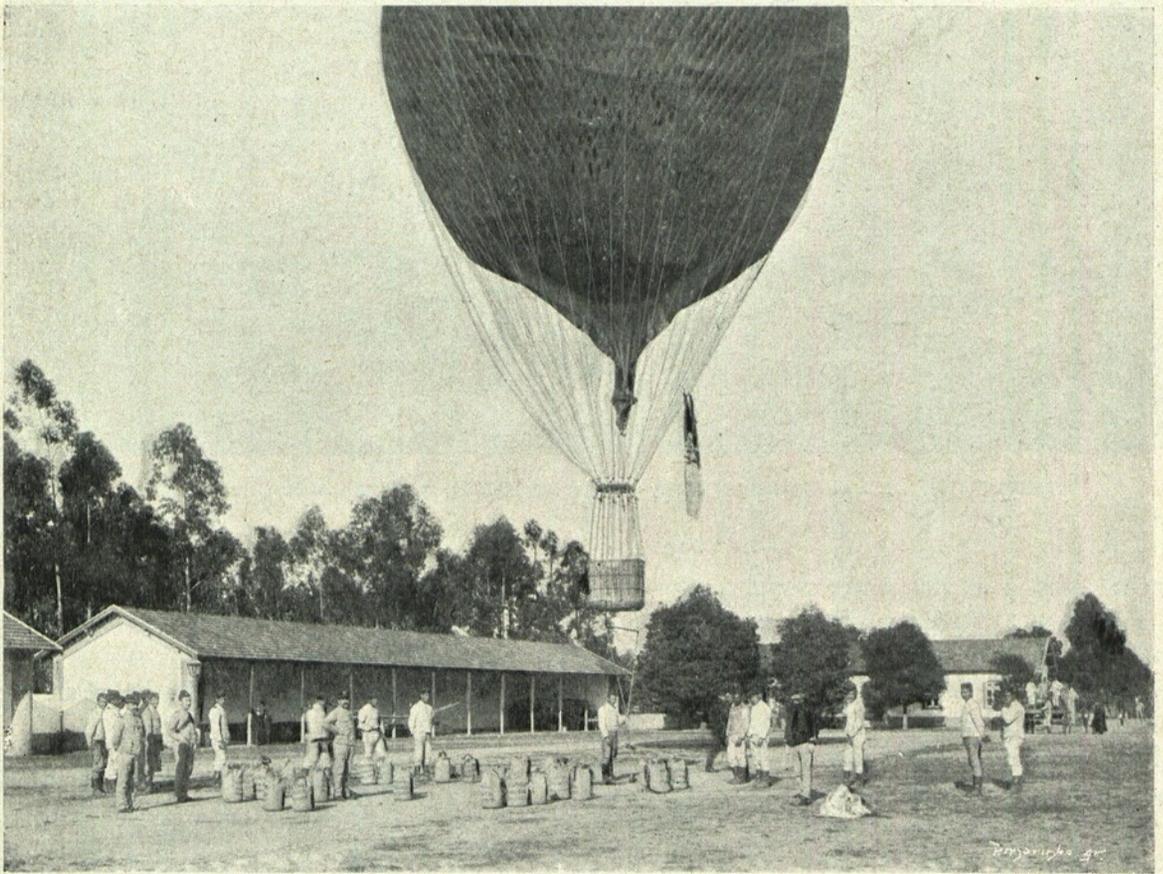
EXPLOÇÃO DE UMA FOGAÇA

onde tudo se vende, e que acompanham sempre de perto o estabelecimento de um quartel de tropas, estão situados junto da Aringa.

Do outro lado da estrada de Barquinha a Constancia, que atravessa o Polygono, estão a antiga Padaria e uma enfermaria modelar.

Afóra estes grupos mais definidos, um sem numero de pequenas construcções se acha espalhado por todo o Polygono, dando-lhe um aspecto caracteristico e interes-

resca cidade; a visita ao campo da batalha da Asseiceira; o passeio a Tancos e Barquinha, rematando na solarenga quinta da Cardiga, em S. Caetano; o declinar de uma tarde de estio passada num escaler ao largo do pégo do Almourol, constituem passatempos favoritos das familias dos officiaes ali destacados e que amenizam sobremaneira uma vida que á primeira vista poderia parecer monotona e aborrecida.



ASCENSÃO DO BALÃO CAPTIVO

sante. Ressentindo-se d'esta dessiminação, a vida nesta Escola é tambem assaz diferente da das outras Escolas Praticas. Naturalmente affastadas umas das outras, as familias dos officiaes sentem natural prazer em reuniões nos apraziveis passeios que os arredores offerecem.

O passeio até Abrantes, por Constancia, atravez de uma região feracissima, a excursão a Thomar, pela estrada nova que atravessa o celebre pinhal de Santa Cita, depois de passar pelo pictoresco logar da Matrena, nas margens do Nabão, e que nos offerece ensejo de visitar aquella historica e picto-

Por sua parte, os officiaes sem familia, no periodo em que ali concorrem em grande numero, encerrados na sua *aringa*, tambem procuram amenisar o mais possivel o tempo de destacamento.

As refeições em commum correm sempre cheias de alegria.

As noites, que, depois de um dia cheio de trabalho, pareciam deverem ser avaramente aproveitados, são frequentes vezes passadas na mais franca alegria e nas mais extraordinarias esturdias. E ái d'aquelle que a ellas se não associa, pois que lhe está reservado o papel de victima. Hoje, é um que ao re-

colher mais tarde encontra a sua mobilia mudada para local desconhecido e a sua porta sem batente. Amanhã é a procissão commemorativa a algum dos capitães tirocinantes, que fez as suas provas. E' emfim um retorno á vida descuidada de estudante que trás sempre uma agradável saudade áquelles officiaes que, tendo de ha muito abandonado as escolas, ali veem encontrar os seus antigos condiscipulos, as novas gerações de camaradas e as mais gratas lembranças de tempos que não voltam.

E' emfim uma Escola cheia de aspectos novos e até typos que todo o official da arma de engenharia recorda sempre, taes como o *cabo Machado*, antigo fiel da Escola, o *José Maria*, soldado reformado, verdadeiro patriarcha que ainda em avançadissima idade labora por suas proprias mãos a sua cuidada horta; o *Bernardino*, guarda campestre, encarnação material do ideal *Zé Povinho* de Bordallo Pinheiro.

Não é facil dar dos trabalhos de instrução nem mesmo uma rapida resenha, porque de anno para anno variam. Após os trabalhos geraes, que egualmente são executados por todas as companhias, veem os trabalhos da especialidade de cada uma d'ellas. Aqui são os sapadores fortificando os cabeços com reductos e defesas accessorias, atacando imaginarias posições com trabalhos de sapa e de minas. E ainda que estes trabalhos sejam para os profanos os que menos interesse offerecem, são comtudo os mais ingratos para as tropas que os executam.

O sapador ora se roja no ramal das minas, perfurando o solo á luz da sua lampada, para ir depór o forninho sob a obra a atacar, ora pela callada da noite vem, sob rigoroso silencio, abrir uma trincheira. E de todo este labor o visitante geralmente só aprecia a explosão do forninho, fazendo tremer o solo e lançando nos ares como que um gigantesco «bouquet».

Lá em baixo, junto ao rio, os pontoneiros afanosamente lançam as suas pontes de equipagem, armam as suas portadas e os seus trens de navegação. E debaixo de uma ordem rigo-

rosa, as diversas operações succedem-se repetidas pelos mesmos grupos de homens, vendo-se a ponte alongar com uma rapidez vertiginosa. E' um trabalho-quasi theatral.

Por toda a parte, quer pelas estradas, quer atravez da charneca, encontramos a esquadra de telegraphistas lançando as suas linhas e estabelecendo as suas estações. E' já outra especie de trabalho. Rapidamente, quasi na cadencia do trote das suas ligeiras viaturas suecas, vemos os delgados postes levantarem-se com a sua linha aerea, vindo rematar-se no carro estação, verdadeira estação telegraphica ambulante.

Agora é a companhia de caminhos de ferro que ou construe um viaducto, ou arma a ponte systema Eiffel, ou vae estendendo uma linha ferrea.

Além, sobe o balão captivo; aqui é um official que executa um reconhecimento. E' emfim uma labutação permanente que nem mesmo de noite cessa. Se não é uma sessão de sapas, são os exercicios com o projector para illuminação e exploração. E', pois, um conjuncto de trabalhos que se offerecem, mesmo ao mais leigo em assumptos militares, cheios de interesse e que largamente compensam os pequenos incommodos de uma viagem de pouco mais de duas horas de Lisboa.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.



O REGRESSO DA MISSA



Canção da Tricana

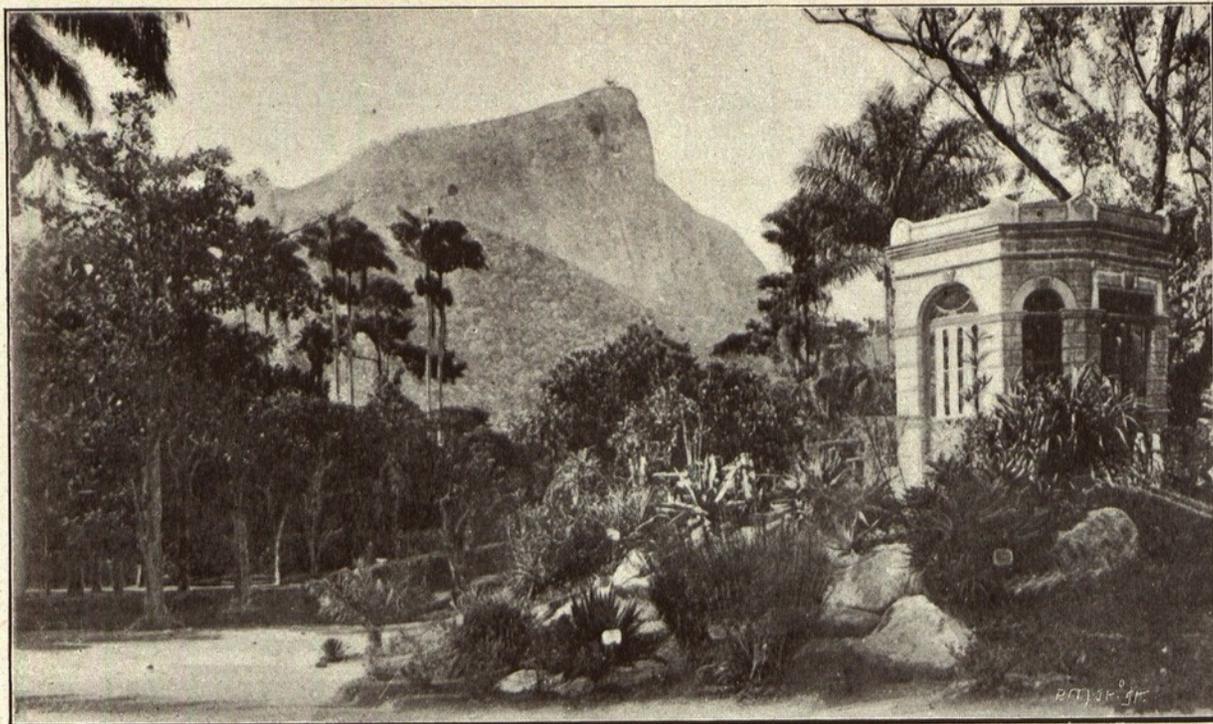


*D'esta Veneza tão bella,
Sem rival no mundo inteiro,
É a tricana a aurea estrella,
O seu fanal, seu luseiro . . .
Que os nossos olhos travessos,
Dardejando amor, dão luz . . .
São brilhantes de altos preços,
Cujos igneo fulgor seduz! . . .*

*Da tricana a realesa
Sobreleva a da rainha! . . .
Quem tem por manto a belleza
É o donaire da andorinha?
Não tem confins nosso imperio!
Como no infindo Oceano
Ha n'elle encantos, mysterio,
Que nem os sonha um profano!*

*De nossos labios purpúreos
Colher um beijo é magia! . . .
Tem raros, santos murmurios
De nossa voz a harmonia . . .
Nem o throno da sereia
Produce mais viva emoção!
Se cantamos se incendeia
Muito frio coração! . . .*

*A Virgem Nossa Senhora
Era tricana tambem.
Por isso o Universo a adora
Todo o mundo lhe quer bem!
Se um rei me dêsse o seu throno
Para tricana eu não ser . . .
Despresara-o! . . . Ambiciono
Ser tricana até morrer! . . .*



RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO — CORCOVADO

A alma dos jardins

Os jardins para as grandes cidades são como escapadas da civilização. Entre duas árvores, o homem é inteiramente diverso do homem entre duas vitrines. A' beira de um lago artificial, na sombra de velhas árvores, o cidadão sente o estremecimento atavico, o acordar dos instintos. Onde houver muitas árvores, o ar livre, o céu azul visto através do rendado das folhas verdes, podeis ter a certeza de que ahi as criaturas mais amarfanhadas pela nevrose urbana, sentem o desabrôcho rubro do sexto sentido. E' como a sensualidade, é tal qual a luz e tal qual o perfume, impalpavel e invisivel, a sensualidade parece pender dos ramos no cheiro forte das folhas, na

luz de que se abebera a fronte. As árvores guardam sempre amadryadas no tronco e vêm sempre passar os faunos. Os ramos de certas árvores, abrem como querendo abraçar. E ha troncos de uma tão insidiosa cumplicidade d'amor!...

Por isso quem entra nos jardins por estes mezes de primavera maddida volta ao paraizo primitivo, por isso, os jardins encravados na cidade são como as escapadas da natureza, as peias da civilização.

Eu vou aos jardins publicos. Tu tambem vaes. E' provavel, porém, que nunca tivesses reparado nas pessoas que vão aos jardins. Eu vou e reparo.

Oh! as pessoas que entram nos jardins! Nunca se entra n'esses si-

tios, como no theatro, como em qualquer rua, como por uma porta qualquer. Os que transpõem os grandes portões de ferro approximam-se, sentem a necessidade, ou são forçados a

aléa sombreada d'arvores, não sinta a necessidade, a obrigação de se expandir em gestos, de se penetrar de aquelle verde, d'aquella atmosphaera, d'aquelle ambiente de quieta e morna e dôce sensualidade, e não deite logo a correr.

Correr, correr inutilmente, é um prazer, um enebriamento que nos vem do homem das florestas. As creanças correm, ficam excitadas, ficam mesmo brutaes. E, pela manhã é curioso vê-las á solta, brigando com as amas, gesticulando, gritando, rindo, para, á sahida, retomar o passo medido da calçada e do seu gráo social. Apenas uma grade separava-as da rua activa — e era um mundo...

Aos jardins vão tambem homens e mulheres. Ha jardins aristocraticos onde só se encontram — mas oito, dez, mais por dia! — as tentações do escol e o começo dos romances d'alto tom. Não só a gente do alto tom, obedecendo a uma



RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO

approximarem-se da natureza. Vêde as creanças. Na rua, em casa ellas estão d'outro modo. Logo que chegam a esses lugares, perdem o respeito como se retomassem o sentimento da liberdade primitiva. E' rara a creança da cidade que vendo uma

sugestão muitas vezes millenar, se julga nos jardins ao abrigo da curiosidade para o abandono dos beijos. Foi bem n'um jardim que se deu a Revelação — porque até hoje a mulher de todas as classes e o homem de classes variadas procuram, in-



RIO DE JANEIRO—JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA—PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

conscientemente, o jardim para a entrevista.

Entretanto não ha quem não tenha

trocado palavras como estas, na vida:

— Amanhã?

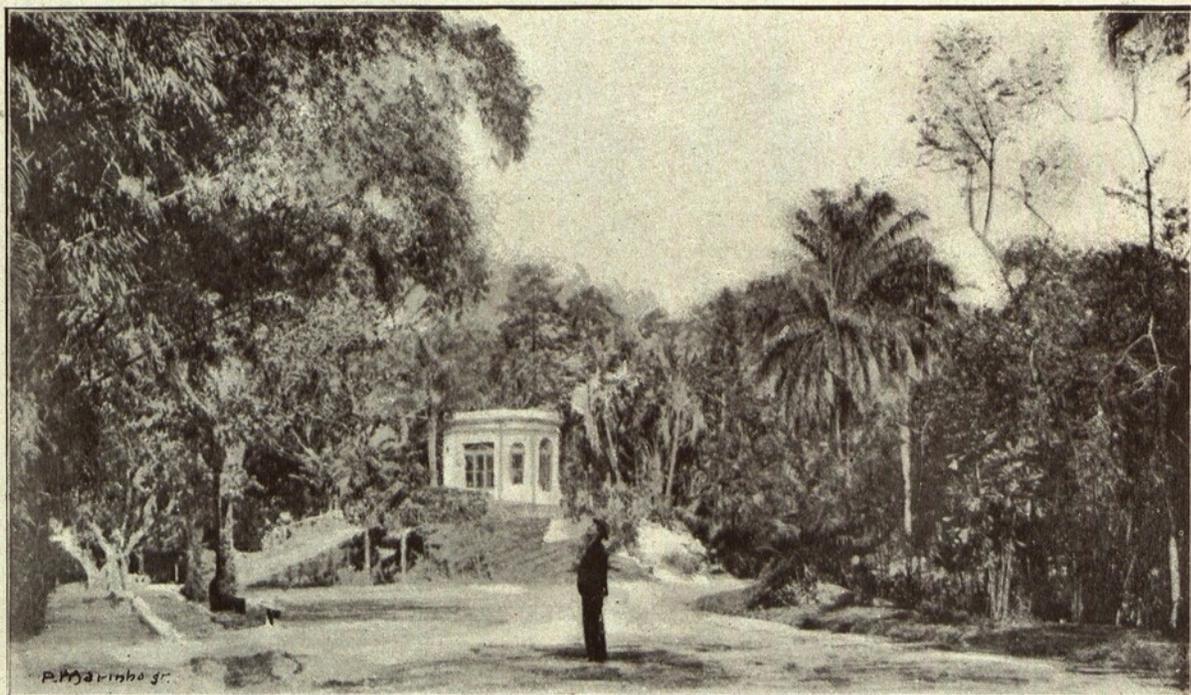
— Onde?

— No Passeio, ás 2.

No Passeio, no Parque da Acclamação, no Jardim Botânico. Não importa o nome. O lugar é sempre um jardim.

Tenho passeado com calma por esses surtos selvagens da cidade e sempre pasmei da variedade dos grupos. Ha senhoras casadas que vão a esses logares, vestidas de escuro com veus espessos. Como em geral ellas amam ou se encapricham por cida-

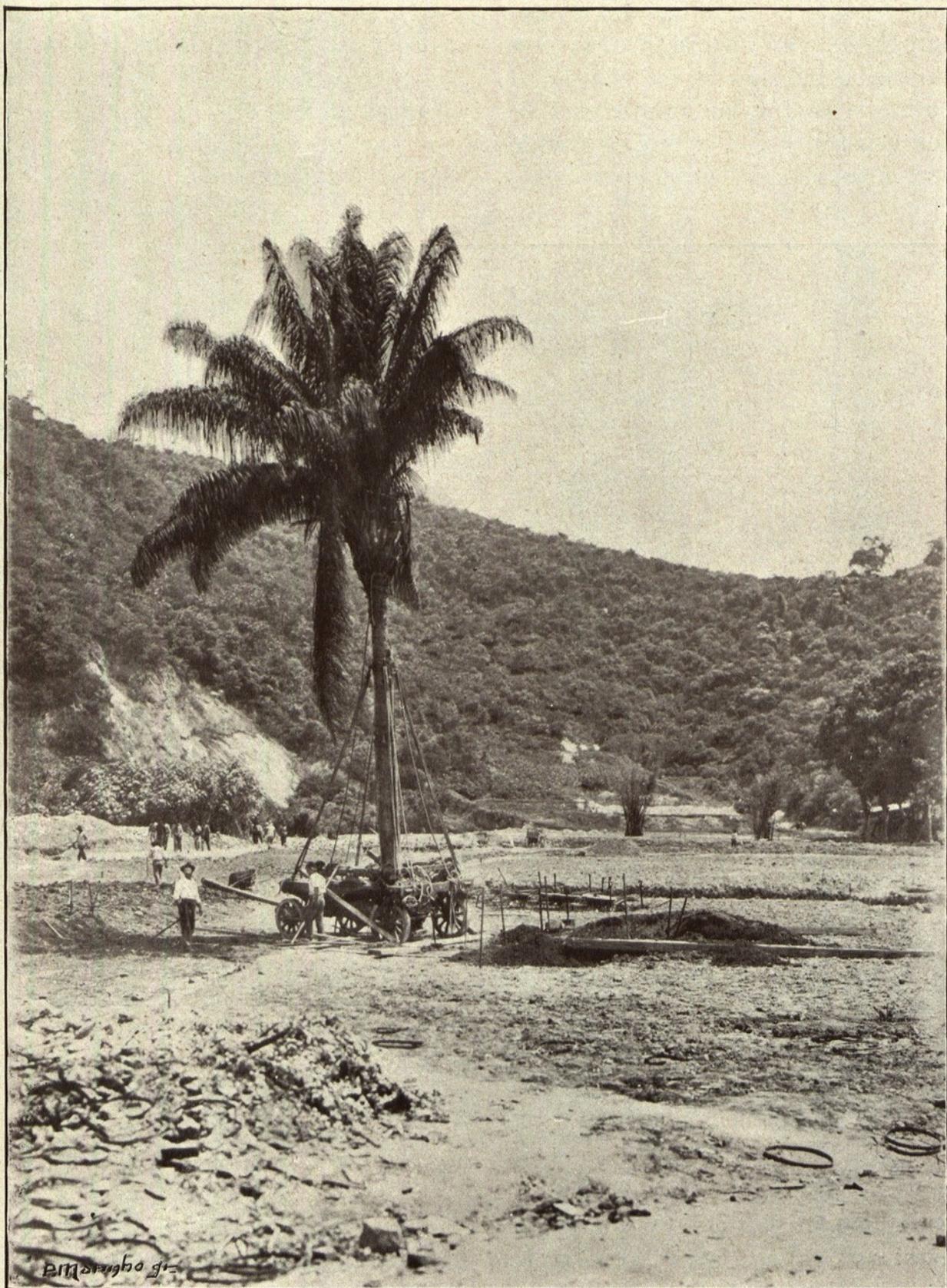
sentem um prazer extraordinario em conversar com o seu querido em sitios umbrosos. O querido é sempre um soldadinho joven ou um joven paisano. E é interessante ver entrar para o mesmo logar homens de tão differente existencia, mulheres de responsabilidade tão variada. Muitas vezes os pares encontram-se. Alguns trocam sorrisos de mutuo consentimento, de doce cumplicidade. Solidarisam-se o peccado. Só ha uma evidente



RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO

dãos da sua esphera, os porteiros sabem logo a sorte do felizardo que entra e do infeliz que não entra. Ha damas que se sentam nos bancos, á beira dos lagos, e procuram o recesso dos massiços, a sombra da folhagem; e meninas que entram, á volta dos cursos para conversar com os namorados; e ha tambem um facto tocante — se ainda na vida podesse haver factos tocantes! —: as mais baixas mulheres, a que o mundo não perdôa,

irritação dos pares, que se traduz pelo olhar frio e duro, pelo subito silencio, pelo desenlaçar das mãos, quando passa uma mulher sem companheiro ou um homem isolado. E' que lhes germina o egoismo, e o ciume primitivo, a necessidade de defeza e da posse. E, por mais que elles saibam do contrario, o atavismo, o instincto sensual, sob a influencia amoral das folhas e dos troncos, brota e floresce no jardim sensual.



RIO DE JANEIRO — REMOÇÃO DE UMA ANTIGA PALMEIRA DE UM PONTO PARA OUTRO

Nos jardins encontram-se também os desgraçados, os sem emprego, os mendigos. O mendigo é o cisco da

cidade. A sua função, com o embotamento das forças vivas de resistência é vegetarizar-se. Os mendigos

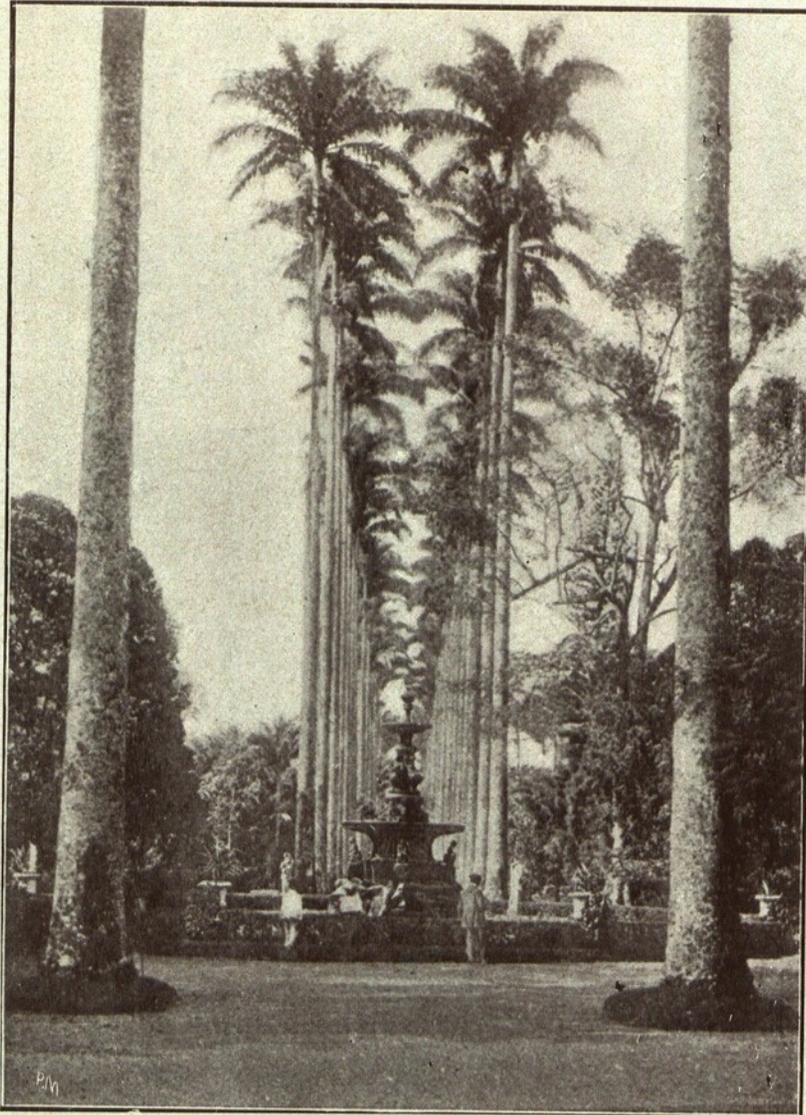
nos jardins chegam ao fim da desagregação. Os desgraçados, os sem emprego, apoiam-se na eclosão da natureza para criar animo, para beber esperanças, e, como os doentes do corpo vão ao campo convalescer,

tir á peça, não namoram á refeição porque vão comer; não namoram na rua porque vão com destino certo. Namoram, isto é, apanham a mulher no jardim, á sombra das arvores. D'ahi, aos domingos, os jardins estarem cheios. O dia de folga, as bebidas, o prazer, levam-nos lá. O

instincto rebenta ao contacto com o resuno da floresta. Ha bandos de adolescentes peza-dos, de bengalão e charuto, dizendo facecias grossas. E ha tambem bandos de meninas namoradeiras, de costureirinhas, a rir, a responder aos dischotes.

Não vos espanteis, oh! não! A' noite, os jardins acolhem tambem os degenerados, esses doentes da sensualidade, cuja loucura na rua sabe soffrear-se para não entrar no hospicio: damas de appetites desvairados, sujeitos de vicios secretos. Não fôsse o jardim a recordação da floresta antiga e não precisava de bacchantes e de satyros!

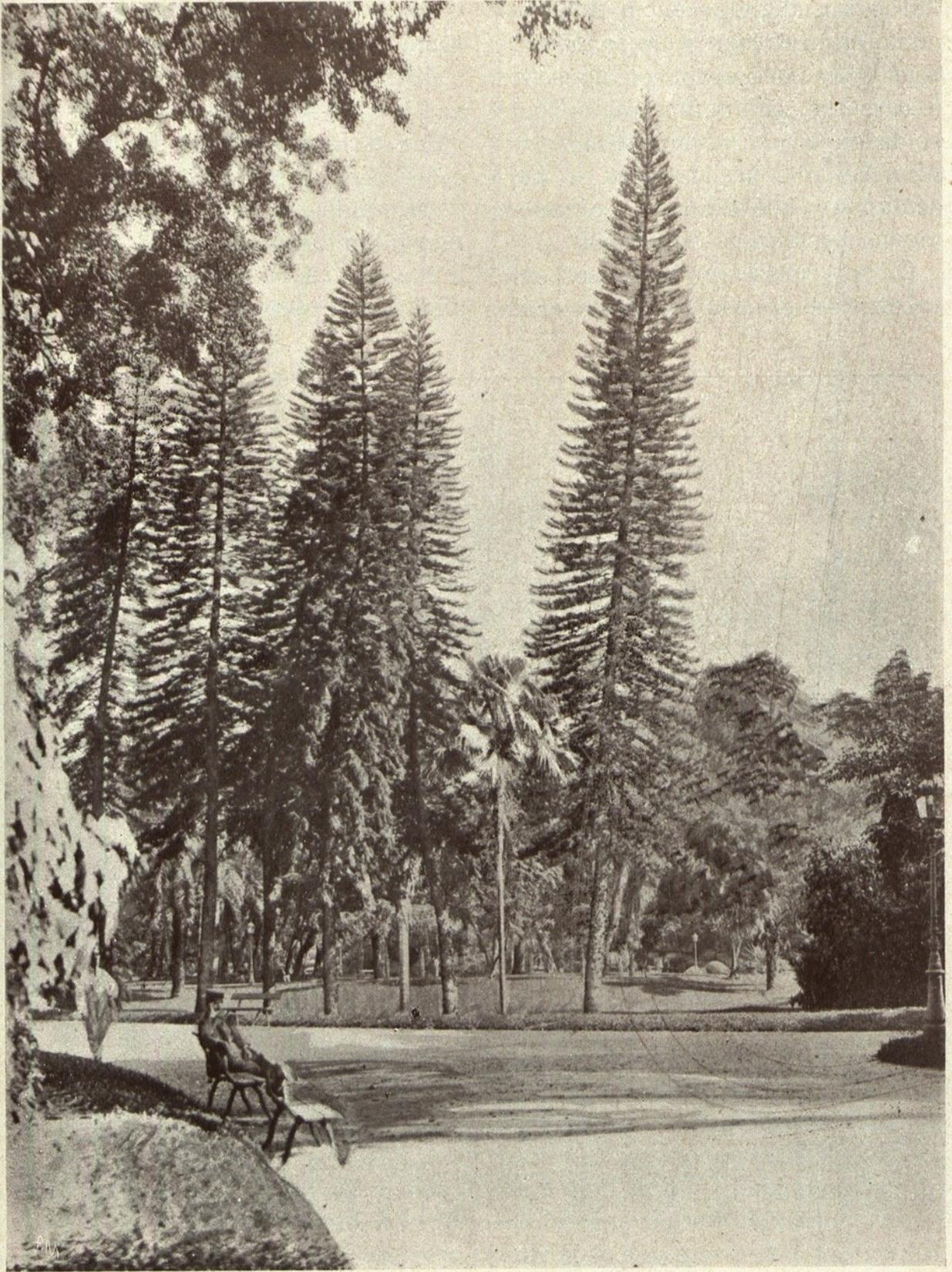
Como a licença cria austeras philosophias, os jardins tem tambem philosophos, esfarrapados cheios de orgulho, de cabeça socratica e gesto medido que pela manhã disertam para pequenos grupos sobre a decadencia d'este paiz. E tem mesmo ex-pisa flôres, ex-leões da moda, da diplomacia dos fallecidos *cotillons* do



RIO DE JANEIRO — JARDIM BOTANICO — ALAMEDA DAS PALMEIRAS

ha homens sujos e pallidos nos jardins, sem almoço, sem pão, sem protectores que pedem ás arvores a cura da propria sorte.

Os brutos, os marçanos, os que obdecem apenas á funcção physiologica vendo a vida sem poesia, não namoram no theatro onde vão assis-



RIO DE JANEIRO — JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA — PARQUE DA ACCLAMAÇÃO

Paço. O esfarrapado é severo e condena. O esfarrapado, com as roupas lavadas de benzina, os archaicos

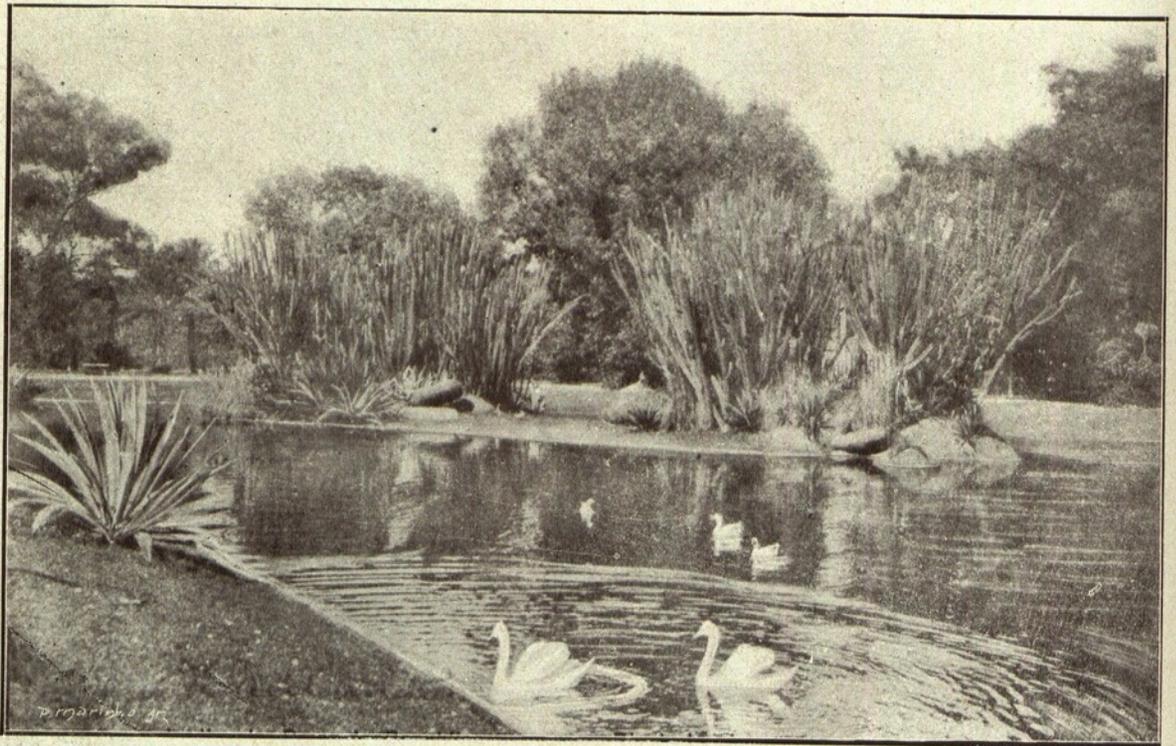
chapéus com reflexos furta-côres, os cabellos pintados, as unhas tractadas, leem o jornal e guardam horas e

horas um digno silencio. Estão ali, como n'um museu a arejar. E talvez seja triste vê-los ao sol, aquecendo a carcassa, enquanto um ou outro soldado ou marinheiro, almas simples nascidas nas florestas do norte sentam-se nos bancos e olham as moitas nostalgicos e pasmos.

Os que passeiam por esses sitios sabem de tudo isso porque os jardins

porteiros, os grandes manuaes de amôr occulto da cidade, sorriem e diagnosticam á primeira vista.

Os jardins publicos são os guardas da sensualidade. Os seus estados d'alma estudam-se pelas horas. De manhã, ha creanças, philosophos, vagabundos e gente a fazer o seu *footing*. A essa hora esforçam-se elles por tomar um ar serio, lavam-



RIO DE JANEIRO — JARDIM DA PRAÇA DA REPUBLICA

não guardam segredo, para mostrar de certo o poder da sua influencia. Não ha dama dando *rendez-vous* a um rapaz, indo ella a uma hora e elle a outra, entrando um por uma porta, e outro por outra sem que os jardins deixem de murmurar esse colloquio. Como? Em tudo — no ambiente, nas correntes mysteriosas que vão de folha em folha, cantando a nova. O frequentador sabe da fatal entrevista apenas pelo andar do homem, e os

se, irrigam-se, tomam o duche reanimador dos dilirios noturnos. Mas vá o sol subindo e suba ao espaço a poeira, ou melancolicamente teça a chuva entre as folhas uma teia de christal, começam a chegar os que dormiram até tarde, começam de apparecer os nevropathas, surgem os amorosos. Quando entra um sujeito desconhecido, o jardim parece recebê-lo com um riso silencioso de velho satyro.

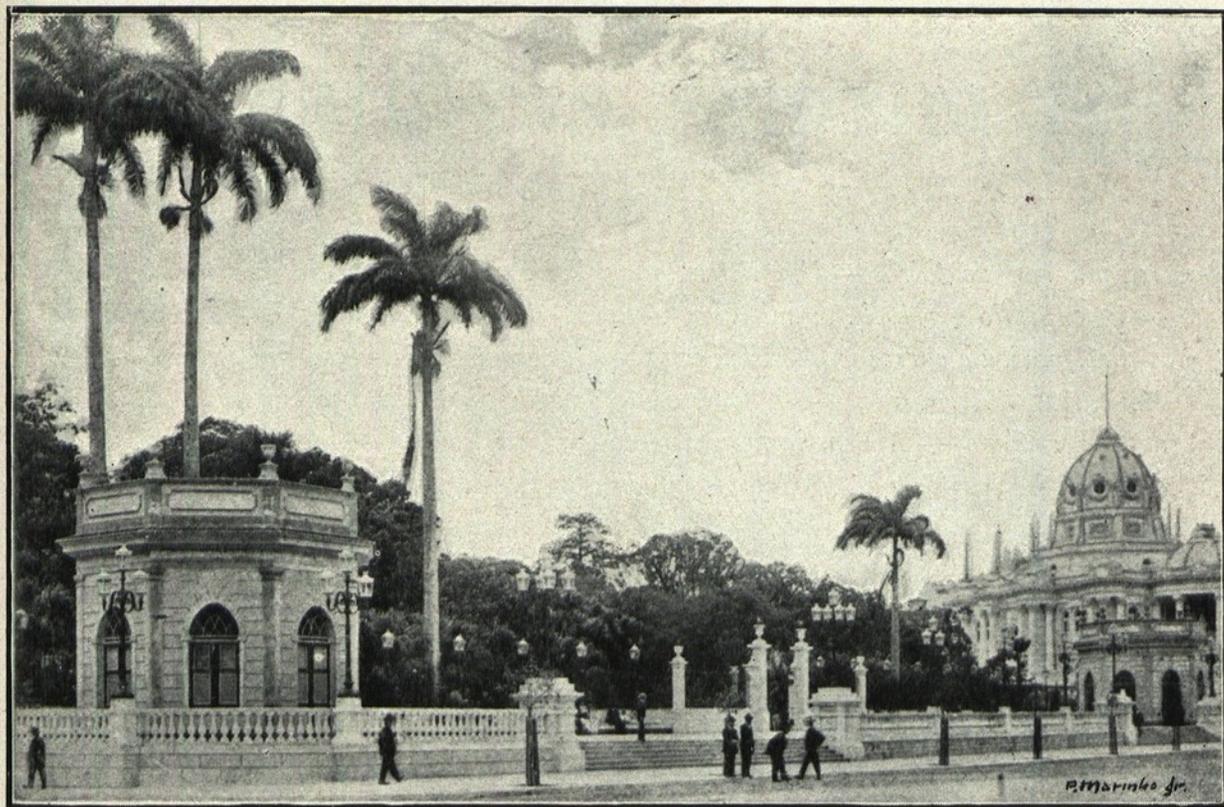
Até ás cinco da tarde quando o dia morre, o culto de Eros toma variedades exquisitas e abundantes. D'ahi em diante, com as primeiras sombras, os combustões amenos, as aguas dos lagos mais mysteriosas e a voz das arvores mais sensivel — podeis ter a certeza que é a ronda da porneia. A concorrência augmenta. Ha gente aos bandos em começo de

sympathia e pares solitarios em inicio de contactos. A areia das aléas parece mais sêcca, um pó sêcco paira no ar.

Por isso os jardins, nas grandes cidades, são como escapadas de civilisação, e eu não entro n'um jardim, sem me sentir dominado pela Natureza brutal — de que com tanto custo, quando não está nos jardins, parece liberto o Homem da Cidade...

Rio de Janeiro.

JOÃO DO RIOS.



RIO DE JANEIRO — PASSEIO PUBLICO E PAVILHÃO



UM RECANTO DO BEATO

A miseria em Lisboa

Conversa na rua do Oiro. — Um litterato, os bairros velhos de Lisboa e o seu pittoresco. — O capitulo terrivel: a miseria. — Leve esboço desse capitulo. — Lisboa no verão. — Sol, poeira e carroças. — A burguezia que sae e os miseraveis que ficam. — Alfama, Mouraria, Bairro Alto. — O fadista. — Mansardas e bécos pittorescos. — Lixo, lama, doença e fome. — A beneficencia particular. — Que faz o Estado? — Bairros Grandella, d'«O Seculo» e d'«O Commercio do Porto» — A miseria e os crimes. — Remedios: bairros novos, educação nova. — A tentativa fecunda de Mauricio Bouchor.

— Oh! meu caro amigo — dizia-me ha tempos um dos nossos homens de letras, na rua do Oiro, travando-me do braço — acabo de percorrer demoradamente, durante um mez, os bairros velhos de Lisboa. Não imagina! Um encanto!... Nós, que andamos por ahí a folhear livros no Ferreira e a desperdiçar horas pelo Cruz e pelo Martinho, tinhamos obrigação, comprehende bem? tinhamos obrigação de estudar pacientemente esses bairros antigos. Ha lá thesouros, meu caro amigo, ha lá thesouros de arte, inestimaveis...

Parou um momento, accendendo um cigarro, e continuou:

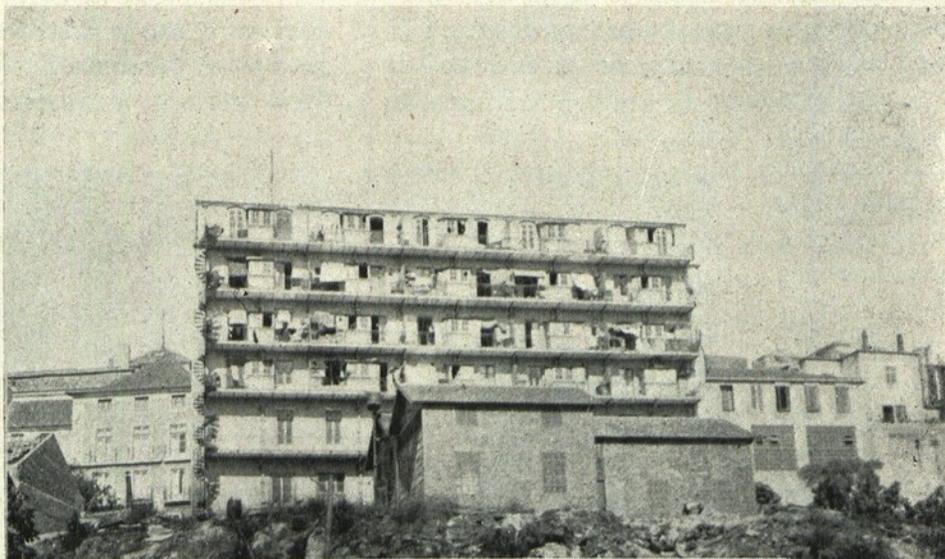
— Eu sei o que o meu amigo vae dizer: já está explorado, já está tudo explorado! Mas olhe que é um engano! Não me quer decerto fallar na *Lisboa Antiga*, hein? Obra muito apreciavel, mas... pesada, lenta, minuciosa... Você sabe bem o que eu quero, não é verdade? E' a impressão, hein? O impressionismo, percebe?... a côr, o momento da côr, o aspecto flagrante, hein? Ora aonde é que o meu amigo os encontra?... em que obras?...

Houve um silencio e eu esbocei um gesto vago.

— O Herculano, no prefacio do *Monge de Cistér*, — elucidou o homem de letras, com

o ar arguto de quem desvenda mysterios — o Herculano recorda lá os seus passeios por Alfama e pela Mouraria. Gostava muito de vaguear longas horas naquelles beccos e por aquellas cafurnas. Era historiador, archeologo e artista, mas... quer que lhe diga?... o Herculano envelheceu, o Herculano é pesado, o Herculano, comprehende?... o Herculano... aqui para nós... parece que deixa cahir um pingo

— Li-lh'oo eu no rosto, meu caro. E' quanto me basta... — Quer-me citar talvez (já esperava!) a *Severa* e a *Rosa Engeitada*?... Não lhe nego que haja nessas obras obser-



BAIRRO DO «SECULO»

de rapé em cada periodo... O que a gente quer hoje, não é verdade? é a impressão, a côr, o momento flagrante, hein?... Como é que você ainda se atreve a defender o... impressionismo de Herculano?!...

— Mas eu não defendi nada, absolutamente nada, meu amigo...

vação, pittoresco, caracterês bem definidos... Ha, sim senhor. Mas é um pittoresco, uma observação, como direi?... só de figuras, só de dialogos... E eu quero mais alguma cousa...

Eram cinco horas da tarde uma tarde de ceu admiravelmente limpo e, no rumor dos

trens, das carroças e dos automoveis, uma multidão immensa, agitada e inquieta, ladeava a rua, trasbordando dos passeios estreitos. Um ar frio de crepusculo invernoso avivava a côr ás faces das burguezinhas, aninhadas nas suas pelles macias. A' porta das lojas estacionavam decorativamente os *dandys*, com a solemnidade desdenhosa de juizes de *toilettes* e conquistadores de corações. E uma ou outra senhora que passava, atarefada pelas compras, com embrulhos nos braços e os filhos pela mão, acordava a sympathia honesta que se sente pelos lares de felicidade tranquilla e de dedicações obscuras.

O homem de letras calarase meio minuto e, como eu não lhe perguntasse o que era essa alguma cousa mais que elle queria, elucidou-me louvavelmente:

— Vê você, por exemplo, este aspecto da rua do Oiro, á hora mais interessante, mais pittoresca... Já

está dado, percebe?... Elle é o Beldemio, é o Eça, é o Fialho, é o Alfredo Mesquita... Tente a gente dar isto... Não é capaz... E' que nada, percebe? absolutamente nada, meu amigo...

Eu quasi nem o ouvia, deixando-me arrastar na onda humana; e, sentindo deliciosamente essa atmosphaera tépida de cidade populosa, levava os olhos errantes e o espirito vago...

— Não tento, meu amigo, não tento...
— respondi distrahidamente.

— Mas dos bairros antigos, meu caro amigo, — voltou a sua voz tenaz — dos bairros antigos só temos tido descripções superficiaes, ligeirissimas, feitas por pennas de grandes artistas, é verdade, mas sem o interesse minucioso e carinhoso que nos merecem essas maravilhas de arte... Eu desejava poder fazer um livro em que dêsse uma ideia perfeita daquellas ruas, com os seus

cotovellos sombrios, as suas casas em que velhos relevos se apagam, as suas tabernas fumarentas, animadas por violões e fados de lastima e infortunios, e a sua população de fadistas, de meretrizes, de operarios e pequenos commerciantes...



BOQUEIRÃO DO DURO

sumpto merecedor dum capitulo á parte, um longo capitulo consciencioso e sólido, documentado e largo, em que a arte se não vestiria de rhetorica e em que a emoção resultaria dum estendal lastimoso e inquietador de miserias ainda mal desvendadas e de infortunios cuja voz a morte abafa as mais das vezes, irremediavelmente. Esse capitulo da miseria e da pobreza lisboeta, que até hoje só um ou outro artigo de philantropo e só alguns algarismos de estatisticas nos deixaram entrevêr...

Eu então interrompi o homem de letras, que tivêra a amabilidade de travar-me do braço, e disse-lhe que em todo esse plano estava já incluído um as-

— O meu amigo — disse-lhe eu por minha vez — conhece a miseria da capital apenas pelo mendigo que lhe estende a mão na rua e pelas supplicas de desgraçados, nos jornaes... Foi a esses bairros de miseria e trouxe de lá unicamente a impressão de que são lindos e pittorescos bairros antigos. Achou muito curioso decerto o rancho de pequenada que o seguia pelas viellas, a pedir-lhe cinco reisinhos — mas não se deu ao trabalho de entrar nessas casas humidas, de lama e treva, em que habitam os miseraveis... Tudo muito pittoresco, certa-

Desejo aqui deixar, ao meu homem de letras, um esboço muito vago e muito pouco litterario desse capitulo de pobreza e de angustias humildes. Nestes começos do verão, a rua do Oiro perdeu o seu aspecto encantador, as suas elegantes friorentas, os seus *dandys* enfatiados, e, nos passeios quasi desertos, os caixeiros, os corretores, os pequenos burocratas passam, agoniados da calma estival, enxugando um suor de



RUA DE CARLOS DIAS, AO BEATO

mente... mas é tamanha a desgraça dessas centenas de homens que o pittoresco parece ter sido posto alli para lhes realçar terrivelmente o infortunio...

Era eu agora quem fallava sempre e, no aperto de mão da despedida, ainda lhe disse, com a voz um pouco sacudida e impaciente:

— E quando fizer o seu livro não se esqueça de descrever essa miseria... com a impressão, hein? o impressionismo, percebe?... o aspecto flagrante, não é verdade?...

Elle sorriu constrangido, perturbado nos seus planos d'arte pura.

canção e affrontamento. O meu homem de letras está num sitio fresco e rumoroso de aguas e folhagens, limando os seus periodos sonoros, sobre as encruzilhadas, os beccos, os nichos, os arcos e os antros de Alfama e da Mouraria.

Lisboa desolada, Lisboa abandonada, lembra uma cidade gafada de peste, uma cidade de arvores poeirentas e desnudadas de folhagem, terra maldita e sequiosa, em que as verduras murcham e as neurasthenias alastram. Um vento suão corre a Avenida desde o monumento até á Rotunda; e o sol repassa duma luz violenta as revoadas sufocantes da poeira. As tardes, muito tran-

quillas, varridas pelas aragens da barra e alongadas em dulcíssimos crepúsculos, é que offerecem horas de serena frescura. Figuras modestas, de fato coçado, que não apparecem no inverno e na primavera, surgem agora não se sabe donde, invadem a Baixa, as praças e os jardins, com o ar tímido de

da intimidade familiar a que os arrancam.

Lisboa fóge. Antigamente, só o alto funcionalismo, a alta finança, o commercio abastado, os ricaços, a burguezia prospera, é que se permittiam o luxo de largar a sua casa de Lisboa por dois ou tres mezes e ir para o campo alegrar a pequenada e arejar os pulmões. Agora muito funcionario modesto, muito commerciantesinho sem cotação e sem pretensões a ostentar luxo, tambem deixam Lisboa em agosto ou setembro. Só por indolencia ou por exigencias imprevisitas de interesses. é que quem tem dinheiro para veraneiar fica na capital estes mezes.

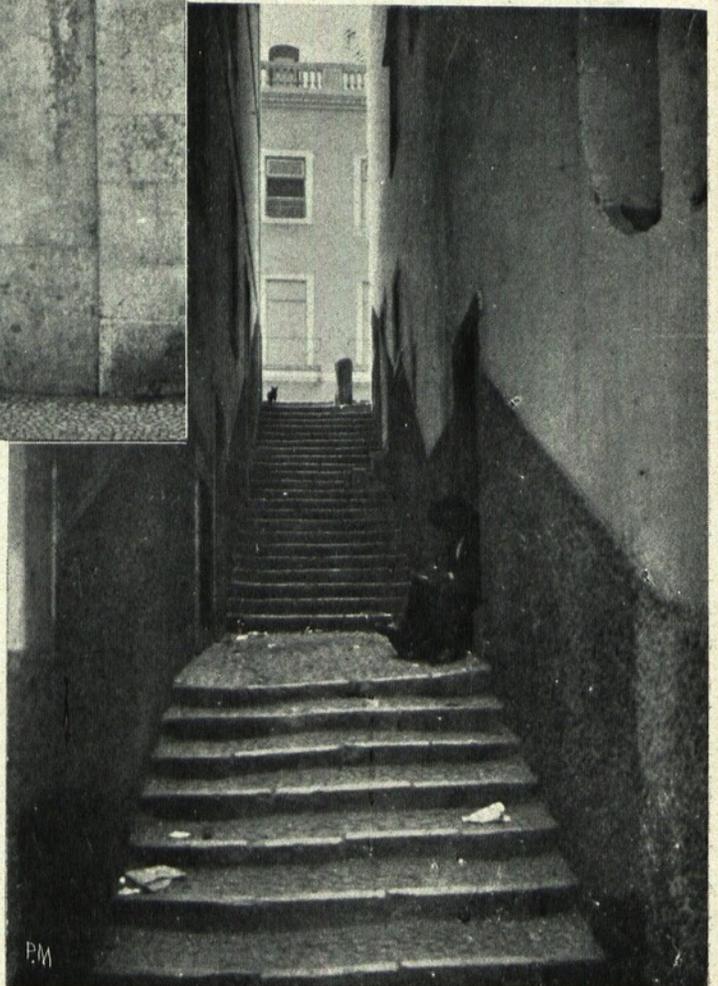
Mas ha outros que não soffrem nem de indolencia, nem de abundancia de interesses a zelar, e que não largam nunca Lisboa: são os desgraçados sem eira nem beira, os



ESCADINHAS DE D. GASTÃO, AO BEATO

quem põe pé em terra alheia e se sente pouco á vontade nella.

Todos os dias, por essas ruas fóra, passa um cortejo vagaroso de carroças, com mobílias empilhadas a trouxe-mouxe e atadas de lado a lado por grossas cordas. Luzem espelhos, baterias de cosinha. E moveis disparatados, de pernas para o ar, estatelando pelas ruas, aos olhos de todos, o seu mogno já baço e os seus remendos velhos, têm qualquer cousa de impudico, no devassar indiscreto



BECO DA INDIA, AOS ANJOS

que passam a vida miseravel na incerteza do jantar do dia seguinte.

Esses não pódem, depois dum dia de trabalho, tomar o comboio de Cascaes ou de Cintra. Não pódem, depois do jantar alegre, em familia, ir vêr o sol afogar-se no Atlantico, ou caminhar, em passos lentos, até junto duma fresca fonte rustica, ouvindo o correr d'agua e escutando o chocalhar dos guisos dos rebanhos, que recolhem, pelo entardecer, na luz tranquilla e melancólica dos poentes.

São os condemnados a viver na esta-

dante, com uma navalha sempre afiada para funcionar e a unha sempre prompta a desferir a guitarra.

Não tinha modo de vida. Vivia ao Deus dará, pelas tabernas. Embebedava-se com o dinheiro das desgraçadas que se apaixonavam por elle e em quem batia. Tinha a protecção effectiva dos rapazes fidalgos que, por volta de 1840, adoptaram com furor o seu traje, o seu character, o seu feitio, as suas maneiras e o seu modo de andar. O fadista, em geral, acabava lamentosamente, com meia folha de navalha atravessada nas



RUA DE CARLOS DIAS, AO BEATO

gnada monotonia da cidade quasi deserta, na Lisboa velha, na Lisboa triste dos bairros seculares, que são como chagas verminosas no esplendor novo da capital.

Antigamente essas viellas sinistras eram perigosas. Hoje a policia já limpou muito os sitios mais infestados. O typo do fadista, que lá floresceu com impudencia, tende a desaparecer.

Flôr da miseria e da crápula ignobil, vivia no Bairro Alto, em Alfama e na Mouraria, como em terreno seu. O fadista era em geral um sujeito esgrouviado, asqueroso, com um chapéu de abas exageradamente largas, calça á bocca de sino, cigarro descahido ao canto dos beiços, melena abun-

tripas, ou num hospital, escalavrado d'alcool, roído de doenças e de vicios, como um frangalho immundo deitado a uma sentina.

O typo passou quasi por completo, mas os bairros ficaram. São realmente muito pittorescos. O homem de letras tem razão. Nada mais pittoresco com os seus bêcos, as suas ladeiras empedradas, os seus nichos encardidos em que vacillam luzes, os seus pateos, os seus monturos, os seus largos angulosos e irregulares, os seus predios de frontaria esculpida, os seus arcos de granito lavrado, as inscripções antigas ao cimo dos portaes inuteis, alpendres em que o sol e as chuvas se insinuam, degraus que se desmornam... De maneira que o espirito, re-

volvendo recordações de romances históricos, trechos de chronicas, lendas de moiros, romanceiros de navegações, de conquistas e de amôres, se deixa arrastar deliciosamente para episódios medievais e cavalheirescos...

Nada mais pittoresco, com effeito, que essas viellas com os seus nomes ingenuos e antiquados: *Escadinhas de D. Gastão*, *Becco do Fala-Só*, *Becco da India*, *Boqueirão do Duro*... Mas tambem nada mais sujo, mais negro, menos arejado, menos illuminado...

Ha um tapete de lixo em cada viella e

casas. Não ha caridade, não ha protecção, não ha propaganda altruista que consigam fazer desaparecer, dentro de poucos annos, a fome e a mortalidade exaggerada que continuamente minam os corpos de alguns milhares de desgraçados.

Entre a Avenida da Liberdade e a rua do Capellão ha um abysmo incommensuravel. Por muito oiro que corra das mãos da burguezia e da aristocracia, a acção desse dinheiro, para minorar a desgraça immensa dessa pobre gente, será por muito tempo



PATEO DO ZÉ PADEIRO, NO BEATO

uma camada secular de porcaria na fachada de cada um desses predios com frestas em vez de portas e janellas. Uma população macilenta circula nas ruas. E' essa pobre gente que enche os hospitaes todos os dias.

Alimentam-se horrivelmente mal com sardinha, batata e brôa. O interior das casas onde vivem é immundo. Muitas vezes, num quarto sem janellas, dormem oito pessoas. E esta descripção não é de phantasia: baseia-se nos dados que apparecem de vez em quando nos artigos de philantropos, que visitam esses bairros pobres, distribuindo esmolas.

Esta miseria estende-se a centenas de

semelhante á de um regador d'agua despejado no Sahara para o alagar.

Quando a tuberculose entra numa dessas casas, varre tudo, de alto a baixo. De meio em meio anno, sae alguém para a cóva. E os que ficam esperam com resignação a sua vez.

A iniciativa particular tem feito muito nas pequenas cousas, mas nada póde conseguir de radical. Fornece aos doentes remedios, roupas, dinheiro. Dá-lhes amparo. Allivia muita dôr, é extremamente louvavel, mas, embora seja de um altruismo consolador, mostra-se quasi completamente inefficaz.

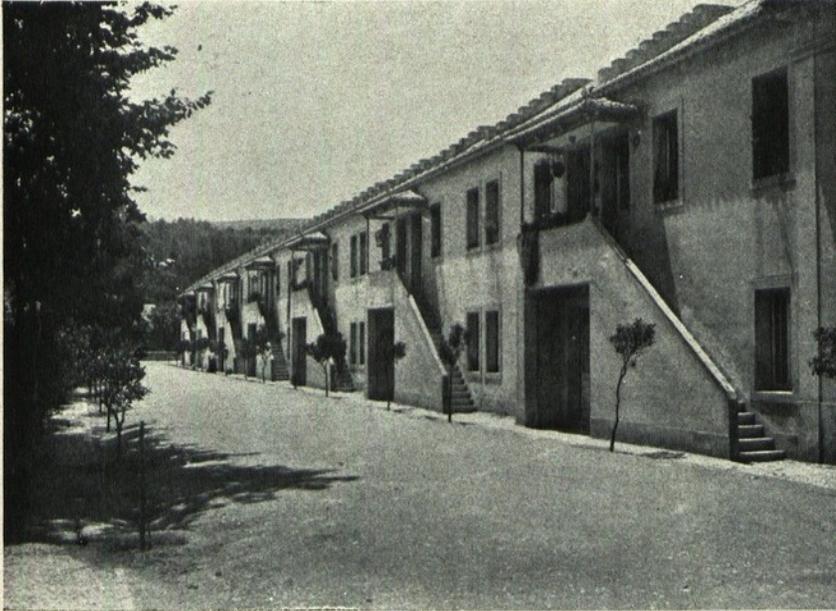
E o Estado? Que faz o Estado, no en-

tanto? Ouve as reclamações dos jornaes e promette pensar no assumpto. Mas ainda até hoje o não resolveu. E nem porisso merece muitas censuras. Suppondo mesmo que elle não perdesse tanto tempo com as pequeninas intrigas dos partidos e os seus obscuros interesses, nem porisso o problema deixava de ser terrivelmente difficil.

Não se expropriam bairros inteiros, para

predios, ao fim de alguns annos, acham-se cuidadosamente determinados. E um desgraçado, — um desses pobres seres que parecem vir a este mundo para ser levados brutalmente, a pontapés, até á cova, — um desgraçado, que saia duma das immundas viellas do Porto, tão semelhantes ás immundas viellas de Lisboa, deverá ter a impressão de entrar num paraizo, ao pôr em ordem os seus moveis pobresinhos, numa dessas casas modestas, arejadas, illuminadas e alegres do Bairro Operario.

Em Lisboa a necessidade de bairros operarios, semelhantes a este, ainda é maior, porque ha o dobro da população e a miseria é igual. O bairro Grandella e o bairro do

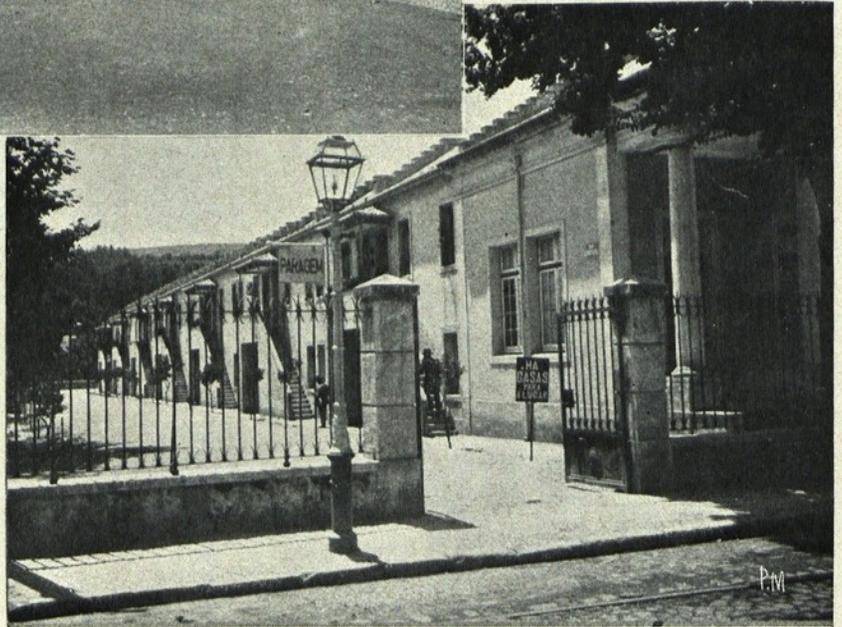


os deitar abaixo, com um simples decreto.

Não se levanta um grande bairro, ou varios bairros, com um outro decreto.

Neste ponto a iniciativa de emprezas particulares pôde fazer muito, abrindo o caminho e dando o exemplo.

O proprietario dos Armazens Grandella construiu um pequeno bairro operario, muito alegre e muito hygienico, nos arredores de Lisboa. O *Seculo* tambem construiu outro para o seu pessoal. O *Commercio do Porto* fundou o Bairro Operario do Lordello do Ouro, cuja regulamentação está minuciosamente estabelecida num folheto muito interessante. Os mutuos deveres e direitos dos habitantes, os serviços d'agua, de illuminação e de limpeza, a renda e aquisição dos



BAIRRO GRANDELLA, EM BEMFICA

Seculo não se pôdem ter em conta, senão como um exemplo muito apreciavel, e não como um avanço efficaz. Se é certo que os poderes publicos terão grandes difficuldades em resolver o problema do saneamento ou do arrasamento, pelo menos parcial, dos bairros velhos de Lisboa, mais um motivo para que se preocupem com elle.

A vida asquerosa da população destes bairros concorre muito para a assustadora criminalidade da capital. No verão, o calor, pela exasperação violenta que produz, ainda a faz aumentar terrivelmente.

O burguez tem os banhos hygienicos, os refrescos salutaes, a satisfação da sensualidade irritada pela temperatura estival. O pobre sente uma exacerbação dolorosa, no corpo e no espirito, que é muitas vezes o impulso final dado a uma tendencia criminosa, depois duma rixa, ou em questões de familia e de amôr, sobretudo entre gente de

Qual o remedio para tão grande e profunda desgraça?

Antes de tudo, deitar abaixo os bairros velhos, os bairros do vicio e do crime, respeitanto as recordações historicas e artisticas, conservando um ou outro aspecto integral de encruzilhadas e bécos mais pittorescos. E levantar bairros novos, hygienicos, arejados, amplamente fornecidos de agua e de luz.



RUA DE CARLOS DIAS, AO BEATO

cerebro rude, sem educação e sem reflexão.

Porisso, os suicidios, as facadas e as brigas são, nesta época de poucos e maus theatros, as distrações do lisboeta, que abre pacatamente o seu jornal, depois do almoço, a procurar informar-se dos acontecimentos da vespera. Elle lê, resume á familia as peripecias do crime e conclue por se queixar do atrazo, da miseria e da ignorancia do povo. Em seguida veste-se, accende um cigarro, sae e trata despreoccupadamente dos seus negocios, sem se lembrar mais das facadas e dos suicidios tragicos. E no dia seguinte, lendo a descripção de novos crimes, torna, do mesmo modo a indignar-se e a esquecer essas miserias.

Melhorar as condições economicas, physicas e moraes, dos pobres que para lá fôsem viver. Conseguir finalmente o que todos os portuguezes, que sabem lêr e escrever, andam a apregoar ha mais de trinta annos: fazer desaparecer os cincoenta por cento de analphabetos.

Ensinar-lhes a serem cidadãos na mais ampla, na mais nobre e elevada significação desta palavra. Desviá-los da rethorica vã que lhes atordoa os ouvidos, nos comicios. Distribuir-lhes manuaes claros e escriptos numa linguagem chá, com os conhecimentos geraes mais vulgarisaveis das sciencias, das industrias, das artes e das lettras. Pela litteratura sobretudo, pela sua

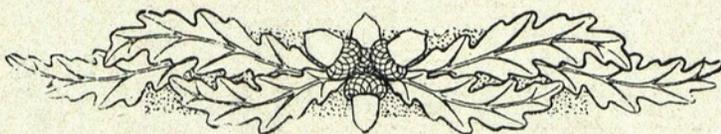
acção altruista e humanitaria, pelo seu alto grau de sociabilidade, pelas nobres e bellas ideias que provoca, é que o nivel intellectual do povo se elevaria.

Em França ha neste sentido uma tentativa que, segundo o testemunho do critico Gustavo Lanson, está dando resultados admiraveis. Mauricio Bouchor tem adaptado intelligentemente as obras primas litterarias, ao espirito do povo, em vez de lhe offerecer

derrancados *vaudevilles* e comedias obscenas e grosseiras.

Se alguma cousa se tentasse neste sentido, os jornaes de Lisboa teriam menos assumptos sensaçionaes, menos pormenores de crimes de sangue, para encher as suas columnas; e o povo começaria a entrar num caminho mais feliz, mais bello e mais perfeito, de dignidade e de comprehensão da vida.

LUIS DA CAMARA REYS.



Beijos de mãe

(Com as rimas obrigadas do soneto *Lgrimas de mãe*, inserto no n.º 40 dos SERÕES)

Ao distincto poeta Mario Florival

Ha beijos mais suaves do que auroras
Que vida vão levar ás flôr's virentes:
Ha beijos que, talvez, são a deshoras,
O confôrto das almas indigentes!

Ha beijos cujas leis esmagadoras,
Os tornam bem crueis ou insolentes:
Quando os cercam palavras tão traidoras
Que maculam as virgens innocentes!

Mas os beijos tão puros como o lirio,
Sempre cheios d'amor e sem martyrio
Em que se encontra apenas a verdade,

Beijos dados por almas crystalinas,
São os beijos das mães!... As matutinas
Alvoradas da nossa mocidade!

Ricardo de Souza.



VISTA GERAL DO CASTELLO, LADO OCCIDENTAL.

O castello de S. Jorge em Lisboa



PERDE-SE na noite dos seculos a origem da cidade de Lisboa. Nem documentos escritos, nem monumentos, nos permitem averiguar não só quem foram os fundadores de Lisboa, nem a epocha em que começou a sua povoação.

Considerações philologicas parecem attribuir origem phenicia ao nome da cidade (*alis ubbo*, enseada amena), e d'ahi resultou naturalmente suppôr-se que foram os navegadores phenicios quem primeiro veio fundar n'este extremo da Europa uma colonia ou entreposto, para as relações commerciaes.

Invadida successivamente a peninsula ibérica por povos de varias origens, foi no

anno 205 A. C., isto é, ha 2213 annos, occupada pelos romanos a povoação de Lisboa, que já era uma das mais importantes da *provincia da Lusitania*, e que foi a primeira d'esta provincia que obteve o fóro de *município romano*, privilegio que concedia á cidade reger-se por leis proprias, gosar de beneficios especiaes, e que dava aos moradores a honra de usarem o titulo de cidadãos romanos.

O nome phenicio (?) da cidade foi corrompido pelos romanos para *Olisipo*, e depois de Julio Cesar (100 a 44 A. C.), era designada oficialmente *Felicitas Julia*, segundo consta de varias incripções conhecidas, de que a mais antiga é do anno 73 D. C., e a mais recente de meados do seculo III.

Os romanos, depois de occuparem a cidade, trataram provavelmente de a fortifi-

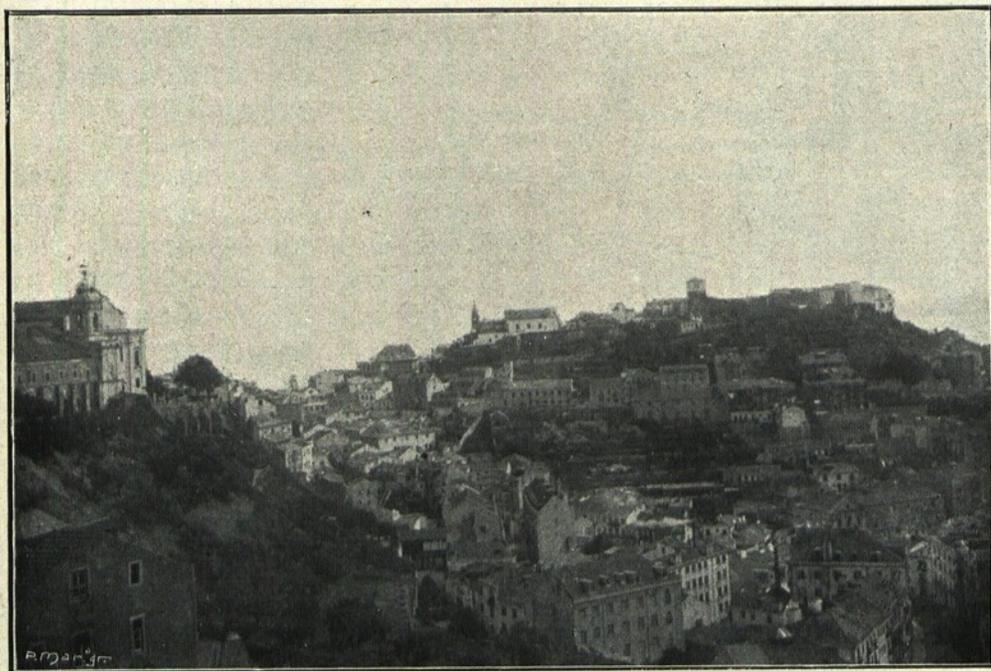
car, segundo o seu costume, não só para a poderem manter facilmente na eventualidade de futuros ataques, mas para provocarem a colonisação dos arrabaldes e atraírem colonos, que ao abrigo da guarnição e das fortificações da cidade, encontrassem protecção contra os bandos de salteadores que em diferentes epochas infestaram a península, impedindo os progressos do commercio e da agricultura.

Pela vertente sul do monte do Castello, até ao rio, ficavam espalhadas as edificações; ahí existiam um theatro, umas thermas, uma *fabrica* (edificio) *grande e magestosa*; no

Presumimos que as fortificações romanas de Lisboa consistiriam, segundo o seu sistema defensivo, no *castellum*, e em *fortes isolados*. Quanto a estes ultimos não se conhecem vestigios de nenhum, a não ser que o massame de alvenaria acima mencionado, descoberto no sub-solo da Baixa, seja o *res-tante de uma torre ou atalaya romana*, como presume o archeologo que o estudou. Pelo que respeita ao *castellum* ou fortaleza por excellencia, seria a obra defensiva situada no alto do monte, qual sentinella vigilante, e que seguia talvez o mesmo traçado que ainda conservam as muralhas de

uma pequena parte do actual castello, que adiante descreveremos, e que, com João Nunes Tinoco, designaremos por *castellejo*.

Tendo sido a península iberica invadida pelos povos que tem a designação de barbaros do norte, foi a cidade conquistada e devastada successiva-



VISTA GERAL DO CASTELLO, LADO NORTE

mente pelas diversas raças invasoras, até que no anno 714 D. C. cahiu em poder dos musulmanos, que acabavam de invadir a península, trazendo consigo uma civilisação muito adeantada.

O nome antigo da cidade foi pouco alterado pelos invasores barbaros, passando para *Olisipona*, que depois os mouros, pela falta de *p* na sua linguagem, transformaram em *Olisibona* ou *Lissibona*, onde já se conhece nitidamente a origem da fórma actual da denominação.

De posse da cidade, que representava uma das suas principaes conquistas na península, trataram os povos barbaros, ou os musulmanos, de a transformar em uma praça

valle da Baixa, pelo qual entrava um braço do Tejo, então ainda provavelmente navegavel, havia hortas, outras thermas romanas, um templo dedicado á deusa Thetis, e um caes ou uma torre isolada, de que se descobriu um massame soterrado, cujo destino exacto se não pode averiguar; aguas para os gastos domesticos havia-as em abundancia, provenientes do lençol aquifero que existe nas entranhas do monte do castello, e que se aproveitavam nas fontes ou chafarizes que hoje se chamam d'El-Rei, da Praia, e de Dentro; as aguas para banhos, além das thermas mencionadas, eram fornecidas pelas *alcaçarias* de *alfama* (do arabe *alhamma*, fonte quente).

de guerra de primeira ordem, construindo, em epocha que se desconhece, os recintos de fortes muralhas que constituiam o *castellejo*, a *alcaçova*, a *cerca moura*, e a *sobras destacadas*. Ignora-se quaes os povos que fizeram estes trabalhos monumentaes para aquelle tempo; a tradição geral attribue-os

velha, fortissimo recinto que permittiu aos musulmanos resistirem, durante quasi quatro mezes de cerco, a tropas numerosas, aguerridas, munidas de meios de ataque os mais aperfeiçoados, e além d'isso incitadas pelo odio de religião e de raça.

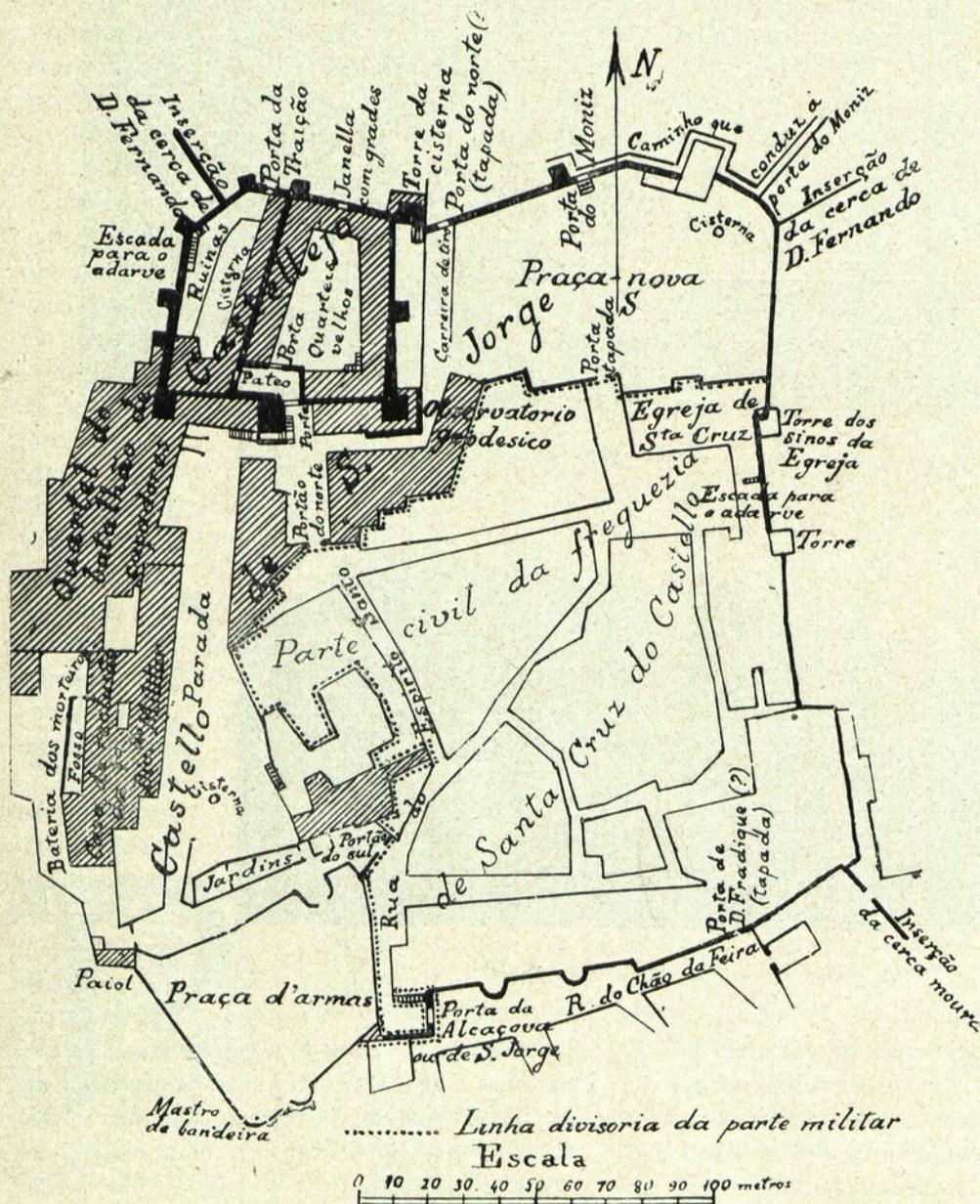
Muitos dos edificios construidos pelos ro-

manos ficaram fóra do recinto da *cerca moura*, o que denota ou que já então estavam demolidos ou soterrados, ou que se encontrava grande inconveniente em prolongar o traçado das muralhas para os abranger no seu ambito. Assim ficaram de fóra os banhos e as outras edificações do valle da Baixa, e as alcaçarias de Alfama. A dentro das muralhas ficaram ou foram edificadas mais tarde, pelo menos duas mesquitas: uma no local da igreja de Santa Maria Maior (Sé de Lisboa), e outra no da igreja de Santa Cruz do Castello.

Nem a *cerca moura*, nem as *obras avançadas* fazem parte

d'este estudo. Estas acham-se descriptas detalhada e documentadamente em monographias que temos publicado, subordinadas ao plano de estudo da organização defensiva de Lisboa.

Aqui vamos dar uma breve noticia historica e descriptiva do castello de S. Jorge, que é hoje a parte militar do recinto da



PLANTA ACTUAL DO CASTELLO (1908)

aos musulmanos; e o certo é que quando em 1147 a cidade cahiu para sempre no poder de christãos, tomada depois de demorado cerco pelo exercito de D. Affonso Henriques, alliado com tropas de origem franceza, allemã e ingleza, era Lisboa fechada por uma linha de muralhas que constituiam a chamada *cerca moura*, e mais tarde *cerca*

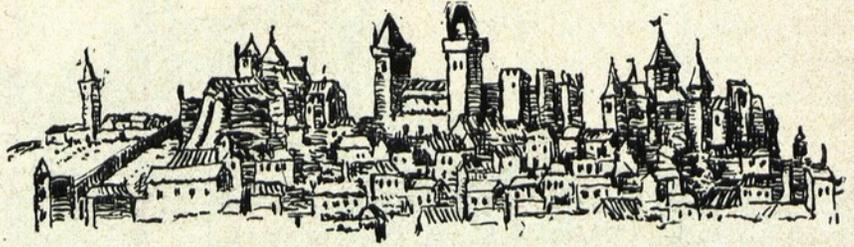
Alcaçova ou *Cidadella*, recinto fechado por muralhas, que limitam uma das freguezias de Lisboa, denominada de Santa Cruz do Castello.

O Paço do Castello

Não ha em Lisboa pessoa alguma que não conheça, pelo menos de vista, o castello de S. Jorge, que se ergue imponente e altivo por sobre a casaria da cidade baixa, no alto de um monte abrupto, que a ganancia commercial não conseguiu ainda cobrir totalmente com edificações. Hoje avulta, e attrahe principalmente a attenção, a mole de casas que constituem o quartel do batalhão de caçadores 5; mas tempos houve em que ahi se erguia o palacio do alcaide ou governador mouro de Lisboa, depois adaptado e melhorado pelos nossos reis para sua moradia. O *Paço da Alcaçova* ou do *Castello* foi residencia permanente ou temporaria de quasi todos os nossos reis até D. Sebastião, tendo porém passado para logar secundario

castellejo: *E entraram pela porta dalcaçova* (hoje porta de S. Jorge). *E desy se foram as portas dos paços delrey, e entraram dentro do currall... E daly se foram as portas do castello...*

Não restam vestigios alguns, nem existem plantas, nem descripções detalhadas, nem mesmo se sabe onde era o sitio exacto do



VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL

segundo a vista «Lisbona» do Theatrum Urbium, de Jorge Braunio (Seculo XVI)

Paço da Alcaçova. As vistas antigas de Lisboa mostram todas o palacio com linhas mais ou menos phantasiosas, de fórma que se póde dizer que apenas o que se sabe com segurança sobre tal edificio é que elle existiu ali. No que porém não póde haver duvida é que das suas janellas, e do alto dos seus terraços, se disfructava um extenso e

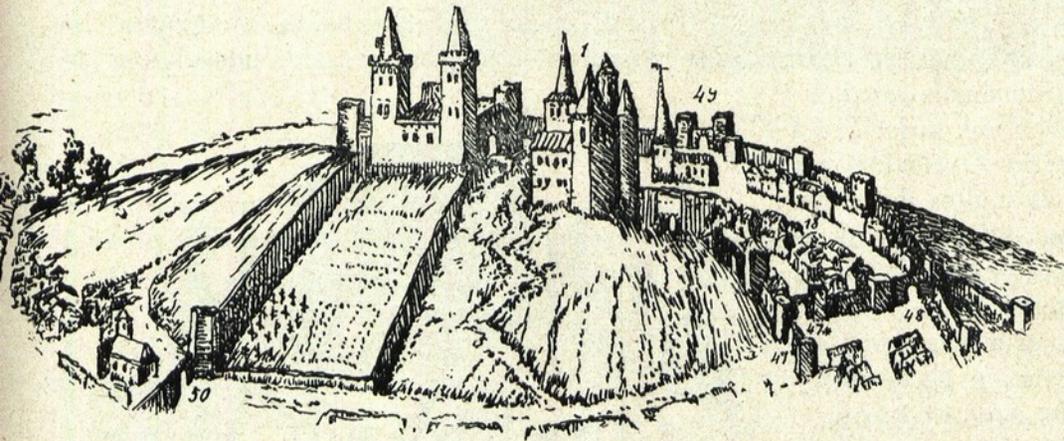
lindo panorama, que ainda hoje póde gozar aquelle que se der ao trabalho de subir aos *adarves* das

muralhas, ou ás esplanadas do castello. N'aquelles paços, como residencia régia, passaram-se factos que os nossos antigos chronistas registaram nas

suas chronicas, alguns dos quaes se prendem mais ou menos directamente com a historia da nossa vida social.

O Castello «militar»

Até D. João I, a parte do recinto militar da Alcaçova ou Cidadella, que nós chama-



VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL

segundo a vista «Olissipo» do Theatrum Urbium, de Jorge Braunio (Seculo XVI, anno 1572, ?)

quando foi construido, na ribeira de Lisboa, por D. Manoel, o seu *Paço da Ribeira*, no local, approximadamente, onde são hoje os edificios que formam o lado occidental do Terreiro do Paço ou Praça do Commercio.

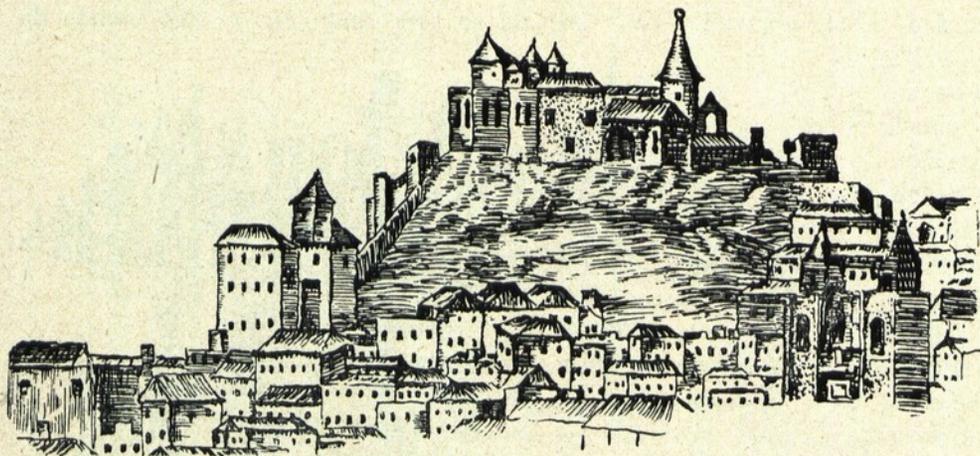
A seguinte passagem do *Auto de acclamação de D. João II* dá a entender que o *Paço do castello* ficava exteriormente ao

remos *castellejo*, era apenas conhecida por Castello de Lisboa; aquelle rei porém, tendo erigido S. Jorge padroeiro do castello e do reino de Portugal, deu logar a que o castello da cidade passasse a denominar-se de S. Jorge, santo cuja imagem tem residencia

mandante do regimento, commandante militar da fortificação. O commandante do batalhão n.º 5 de caçadores d'El-Rei é actualmente o commandante da fortificação.

A importancia militar do Castello de S. Jorge é hoje nulla, e crêmos que apenas

teria tido alguma como castello medieval, quando as guerras se faziam a pequena distancia das muralhas das fortalezas. Assim, depois da tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques, não nos consta que o castello tenha tomado qualquer parte activa nas luctas que se tem travado em Lisboa ou nos campos dos arredores; não temos conhecimento de que as boccas de fogo que guardavam as suas esplanadas, comquanto sempre ameaçadoras, tivessem tido alguma vez



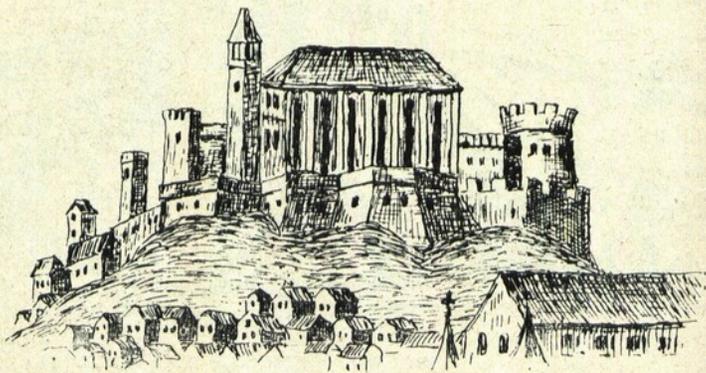
VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL

segundo a vista «Desembarcacion de Su M. en Lisboa», desenho de Domingos Vieira Serrão, da «Viagem d'El-Rei D. Filippe II ao Reino de Portugal», em 1619, por João Baptista Lavanha.

na igreja parochial de Santa Cruz, de onde todos os annos sahe, para se incorporar na historica procissão do Corpo de Deus.

Anteriormente a 1769, desde remotas eras que não é possível precisar, havia uma entidade denominada *alcaide-mór*, que estendia a sua jurisdição á cidade e ao castello. O *alcaide-mór* de Lisboa, além de muitos direitos e regalias, tinha por attribuição principal, e mais importante, a defesa da cidade e do castello; a sua residencia official era primitivamente na *Torre de Menagem*, e posteriormente no palacio das *Alcaçovas*. Em 1769 foi extincta a *alcaldia-mór* da cidade de Lisboa, sendo a guarda do castello confiada a um governador militar, subordinado ás ordens dos generaes da côrte e provincia da Estremadura. Data de 17 de novembro de 1868 a classificação do castello de S. Jorge na 2.^a classe das praças de guerra. Desde então o commandante do corpo ali aquartelado accumula o commando da praça. Por decreto de 13 de setembro de 1897 foi o castello de S. Jorge desclassificado, ficando o com-

mandante do regimento, commandante militar da fortificação. O commandante do batalhão n.º 5 de caçadores d'El-Rei é actualmente o commandante da fortificação.



VISTA DO CASTELLO E DO PAÇO REAL

segundo uma gravura com legendas em portuguez e em inglez, intitulada «Lisboa em 1650». Esta vista é completamente phantasiosa.

oportunidade de vomitar os seus projecteis em defesa de qualquer causa.

Apenas no tempo do mestre de Aviz, defensor do reino, o castello, que estava guardado com gente da rainha D. Leonor, viuva de D. Fernando I, chegou a inspirar

alguns receios á cidade de Lisboa, já então toda partidaria do mestre. Comtudo o castello foi entregue a D. João, sem lucta, porque a sua força de resistencia era fraquíssima, no dia 30 de dezembro de 1383.

Todavia o castello não tem deixado de ser venerado, como guarda fiel das nossas tradições, e da recordação que a elle anda associado, de haver sido, como os das cidades medievas, o protector do commercio, da industria, e o defensor da vida dos nossos avoengos, que á sombra das suas muralhas vieram acolher-se para dar origem á nobre cidade de Lisboa.

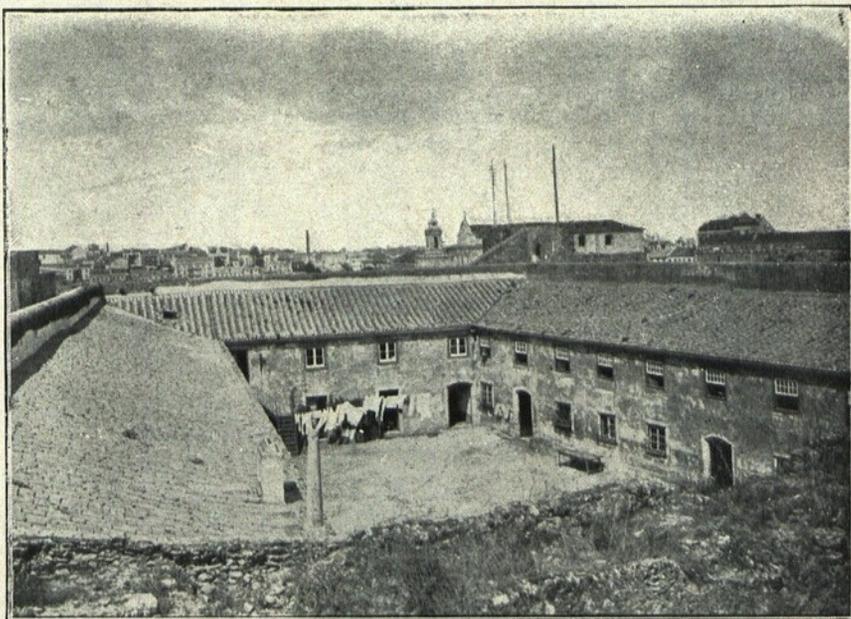
Hoje o recinto militar da freguezia de Santa Cruz do Castello comprehende, além do *castellejo*, varios aquartelamentos, com tres amplos terreiros ou paradas, e tres outras de menor importancia.

Com as fachadas voltadas para o poente sobre o valle da Baixa, e para o nascente sobre uma parada interior, fica uma vasta edificação em tres andares, onde está aquartelado o batalhão n.º 5 de caçadores d'El-Rei, onde é o seu parque de metralhadoras, e a Casa de Reclusão da 1.ª divisão militar; em 1825 o quartel alojava o batalhão de infantaria n.º 8 Inferiormente á parada existe uma cisterna; e fronteiro ao edificio mencionado, bem como no topo norte da parada, e ainda de ambos os lados da rua que conduz á Praça Nova, ficam habitações de officiaes e sargentos, casernas, e outras dependencias do quartel. Não se sabe qual a primitiva applicação, nem quando foram construidos os pesados edificios do quartel, de que parte porventura assenta no local do *Paço do Castello*, ou de annexos do mesmo. O actual edificio da casa de reclusão parece remontar a D. João V (1706-50), mas antes de 1655 já havia ali uma prisão, que n'essa epocha se chamava *Presidio do Castello de S. Jorge*.

Anteriormente ao terremoto de 1755 parece que existia, em uma pequena exten-

são do local que agora occupa o edificio do quartel de caçadores, uma igreja de Santa Barbara, e ao nascente da mesma igreja o *largo de Santa Barbara*.

Nem os quartéis, nem a Casa de Reclusão, nem os restantes edificios, offerecem interesse algum, quer architectonico, quer archeologico. Apenas na Rua das Cosinhas, em frente da Rua do Espirito Santo, se vê um portal ou *portão do norte*, tambem antigamente chamado *portão do Espirito Santo* e *portão das cosinhas*, de entrada no recinto

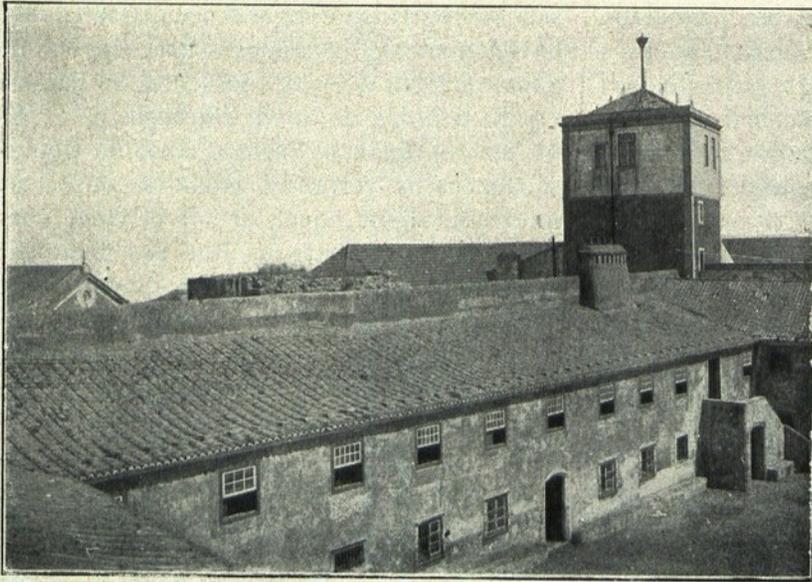


QUARTEIS VELHOS DO RECINTO ORIENTAL

Vista tirada do sul para o norte

militar, e que denota ser muito antigo, talvez de D. Affonso III, como indicam as armas do reino, que se vêem na parede, do lado esquerdo do vão, *como as começou a usar D. Affonso III depois da conquista do Algarve*. A porta é ogival, e encimada pela esphera armillar de D. Manoel, o que indica talvez obras no tempo d'este rei. A outra porta de acesso ao recinto militar dos aquartelamentos, ou *portão do sul*, na Rua de Santa Cruz, cousa alguma offerece de interessante.

No interior do recinto fechado com muralhas, que chamámos *castellejo*, e que é dividido, por uma parede correndo na direcção norte-sul, em dois recintos, um oriental e outro occidental, foram construidas, encostadas ás paredes, em epocha que se desconhece, umas habitações com andar terreo,



QUARTEIS VELHOS DO RECINTO ORIENTAL

Vista tirada do norte para o sul. Vê-se ao fundo a torre do observatorio geodesico

e primeiro andar, deixando ao centro duas paradas. Nos fins do seculo XVIII e principio do XIX esteve n'ellas installada a humanitaria instituição da *Casa Pia de Correção da Côrte*, por diligencia e ordem do intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique. Por occasião da invasão franceza parece que se fechou a Casa Pia, que actualmente se acha, como se sabe, installada no mosteiro dos Jeronymos. Depois aquellas habitações foram destinadas para aquartelamentos, tendo ahi estado, em 1825, o regimento de infantaria n.º 18, e são conhecidas hoje por *quarteis velhos* e *quarteis do castello dos mouros*. Junto da porta de entrada para o recinto oriental, á mão esquerda, a primeira casa foi outr'ora uma ermida, cuja invocação desconhecemos.

No recinto occidental conservam-se em ruínas, e apenas com as paredes mestras, as edificações encostadas ás muralhas norte e occidental; junto á parede do sul existe um corpo de edificio, moradia de um artifice, e que em 1825 era a cosinha do quartel de infantaria n.º 18; e adjacente ao muro divisorio foi construida, ha poucos annos, no local das ruínas dos quarteis, uma cavallariça e suas dependencias, para o gado do parque de metralhadoras do batalhão de caçadores. Os velhos quarteis do recinto oriental estão melhor conservados, sendo ahi a séde do districto de recrutamento e re-

serva n.º 16, e servem de quartel á 7.ª companhia de reformados, e de residencia a officiaes e sargentos; em 1825 tambem serviam de quartel ao regimento de infantaria n.º 18.

Além dos dois terraplenos que ficam ao centro dos quarteis velhos, e da parada á frente do quartel do batalhão de caçadores, pertencem mais ao Ministerio da Guerra tres praças ou terraplenos chamados Praça d'Armas, Praça Nova e Bateria dos Mor-teiros.

A Praça d'Armas é uma bella esplanada, situada ao sul dos aquartelamentos mencionados, e de onde se disfructa um extenso panorama sobre o sul e o poente. Este terrapleno é muito antigo, mas não é contemporaneo da construcção das muralhas. A face occidental tem ainda uma plataforma de cantaria para peças de artilheria, que de lá tiraram ha alguns annos. Com essas peças se davam as salvas do estylo nos dias de grande gala, e de certas solemnidades; mas para attender ás reclamações dos moradores da visinhança, que se queixavam de que os tiros não só lhes faziam estremecer as habitações, mas lhes partiam os vidros, foi determinado, por portaria de 7 de junho de 1881, que se deixassem de dar as salvas no castello.

N'esta praça ha ainda um mastro de bandeira onde se faz fluctuar a bandeira das quinias, nos domingos e nos dias de grande gala. Como pagina negra da historia de Portugal, recordaremos que essa bandeira foi arreada, com toda a solemnidade, mas com geral indignação dos bons cidadãos portuguezes, no dia 13 de dezembro de 1807, para ser substituida pela bandeira do imperador dos francezes, aqui representado pelo general Junot!

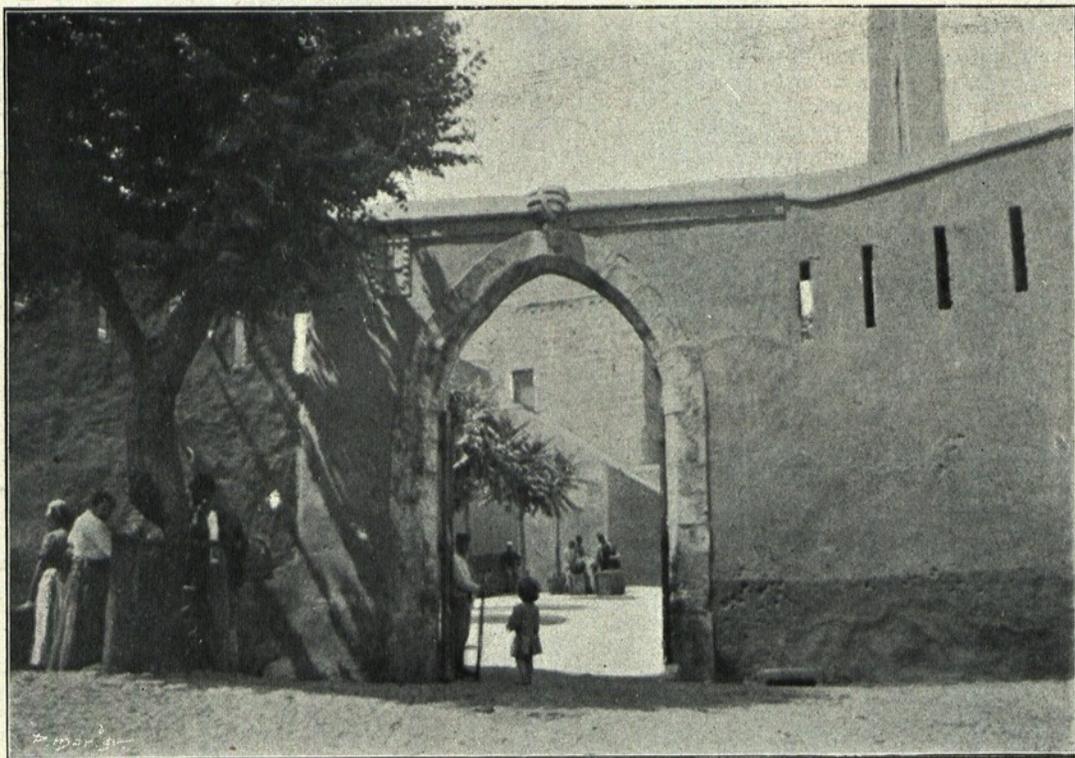
A Praça Nova é outro terrapleno ainda mais vasto, que occupa o angulo nordeste do recinto da Alcaçova. O panorama que d'esta praça se disfructa é totalmente diffe-

rente do que se gosa da Praça d'Armas, pois que ahi as vistas se estendem sobre o nascente, para os lados de S. Vicente, e sobre o norte para os lados da Graça e de Sant'Anna. Inferiormente ao solo d'esta praça existe uma cisterna cujo boccal fica proximo de um *cubello*.

Hoje esta praça fórma um vasto terrapleno, livre e desembaraçado; mas não foi sempre assim, como nos mostram os mappas

e terminava em uma porta das muralhas da Alcaçova voltadas ao norte, e que chamavam do Moniz ou de Martim Moniz. A outra rua ficava contigua ás muralhas orientaes do *castellejo*, e acabava em outra porta das mesmas muralhas, que parece designavam por *porta do norte*.

Esta ultima, que está hoje tapada, por detraz do espaldão da carreira de tiro para revolver, mas que perfeitamente se distin-



PORTÃO DO NORTE OU DO ESPIRITO SANTO

A' esquerda, na parede, vê-se o escudo com as armas do reino no tempo de D. Affonso III

antigos de Lisboa. Esse largo foi em tempos coberto de edificações, que a pouco e pouco foram sendo arrasadas, tendo desaparecido as ultimas talvez entre os annos de 1864 e 1870. Entre ellas figuravam os *paços dos bispos* de Lisboa, doados por D. Affonso Henriques ao primeiro bispo D. Gilberto, e que ficavam unidos á igreja de Santa Cruz. Tambem não nos ficaram vestigios, nem graphicos, nem descriptivos, d'esses paços, e d'elles pouco mais se sabe do que o que fica mencionado.

Entre essa casaria houve n'outro tempo duas ruas parallelas, na direcção norte-sul, além de outras transversaes. Uma d'ellas passava pela frente da igreja de Santa Cruz,

que pela banda de fóra, tinha um dos postigos abertos ainda em 1750, e por ella se serviam os que cultivavam a terra que *desta porta ha até o caminho que se diz da costa do Castello*.

A porta de Martim Moniz acha-se relativamente bem conservada, parecendo todavia ser reconstrucção posterior dois ou tres seculos á conquista de Lisboa, talvez por occasião do levantamento das muralhas da *cerca nova*. Tambem em outro tempo dava serventia publica para as terras da encosta, do lado das Olarias. Em 1650 tinha uma communicacão travezada, talvez coberta, que desapareceu sem deixar vestigios.

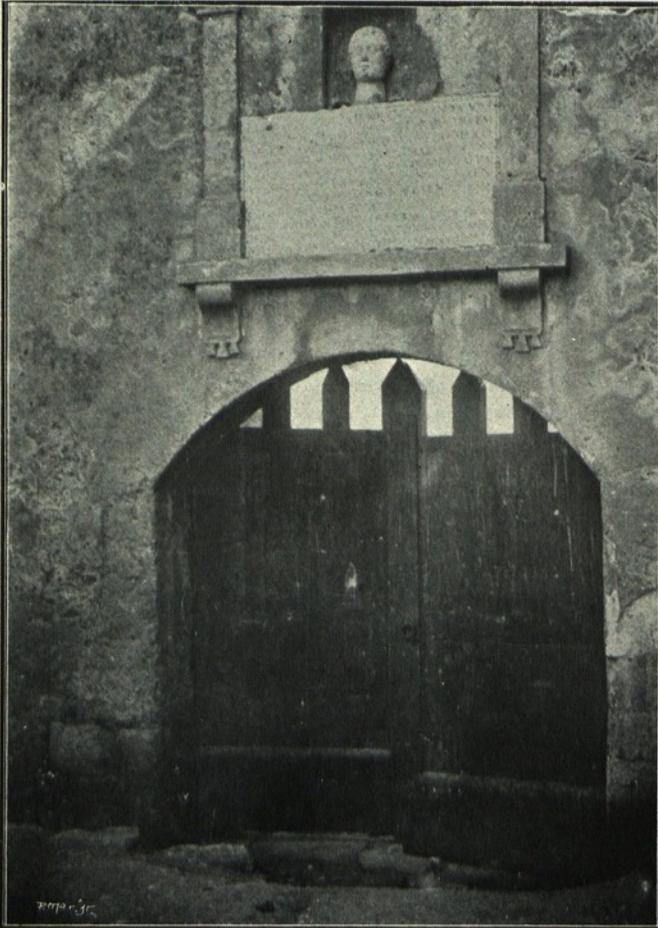
E' bem conhecida a tradição relativa ao

feito de Martim Moniz (que todavia os documentos não confirmam), de este guerreiro se ter atravessado entre os batentes d'aquella porta da Alcaçova, para facultar a entrada dos soldados de D. Affonso Henriques, e a tomada da fortaleza. Sobre a porta, para commemorar o feito, ou melhor para perpetuar a tradição, acha-se collocada, pela banda de fóra, uma mutilada cabeça de marmore, mettida em um pequeno nicho, e por baixo d'ella uma lapida com a seguinte inscripção:

ELREI DÓ AFONSO HENRIQUES MANDOV AQVI
COLOCAR ESTA STATVA E CABECA DE PEDRA EM
MEMORIA DA GLORIOSA MORTE QVE DÓ MARTI
MVNIS PROGENITOR DA FAMILIA DOS VASCON-
CELOS RECEBEV NESTA PORTA QVANDO ATRA-
VESANDESE NELA FRANQVEOV AOS SEVS A EN-
TRADA COM QVE SE GANHOV AOS MOVROS ESTA
CIDADE NO ANNO DE 1147.

JOÃO ROIZ DE VASCONCELOS E SOVSA CONDE DE CAS-
TELMELHOR SEV DECIMO QVARTO NETO POR BARO-
NIA FES AQVI POR ESTA INSCRIPSAO NO ANNO DE 1046.

Esta historica porta não está actualmente



PORTA DE MARTIM MONIZ, CABEÇA E INSCRIPÇÃO
(Estado actual)

franca para serviço do publico, e o acesso para se vêr o busto e a inscripção é muito difficil, pois que se acham quasi occultas, sendo necessario conhecer-se a maneira de se conseguir examinal-as. Para isso entra-se por uma pequena porta que tem o n.º 92-A da Costa do Castello, sóbe-se uma comprida escada de pedra, e segue-se por um caminho contiguo ás muralhas e a um *cubello* da Praça Nova; está-se lá então.

Finalmente, do lado occidental da Casa de Reclusão, com vistas sobre o valle da Baixa e monte fronteiro, fica um pequeno terra-pleno conhecido pela designação de Bateria dos Morteiros ou Praça ou Bateria de Obuzes, ultima recordação de lá terem estado estas bocças de fogo de tiro curvo. N'ella está o paiol do batalhão.

A Alcaçova ou Cidadella

O recinto da Alcaçova ou Cidadella é completamente fechado com muralhas, ou de vedação ou de suporte, sendo actualmente o acesso para o serviço publico feito por uma unica porta, que se abre na Rua do Chão da Feira. As outras portas que existem, ou estão fechadas ao publico, ou entaipadas.

No Chão da Feira, cuja denominação é antiquissima, e indica a existencia n'aquelle sitio do genero de negocio que tem logar ainda hoje na nossa Feira da Ladra, que remonta talvez á epocha do dominio musulmano (comquanto não com esta designação), tem as muralhas dois *cubellos* ou torres, com planta semi-circular, entre *quadrellas* ou lanços rectilineos do muro.

Sobre o mesmo Chão abre-se a porta da Alcaçova ou de S. Jorge, ou porta principal do Castello, que estava antigamente voltada para o sul, mas que por meados do seculo passado foi reconstruida, ficando orientada então para o poente; pela rectaguarda do portal ha uma escada em dois lanços, para acesso a uma varanda que fica sobre a entrada, pelo lado interior, e na qual era postada antigamente uma sentinella.

Parece que n'este mesmo Largo do

Chão da Feira se abria, em outros tempos, uma porta para o interior da Alcaçova, que chamavam de D. Fradique; não se reconhece hoje. A denominação, segundo alguns, provem de D. Fradique de Toledo, capitão general dos presidios castelhanos, que por 1632 morava no proximo palacio, tendo deixado o nome a um *pateo* (que ainda hoje o conserva), e, segundo os nossos escriptores, á proxima porta da muralha; nós cremos porém que a denominação é mais antiga, não sendo portanto devida ao D. Fradique mencionado.

No angulo sudéste da muralha vinha inserir-se a *cerca moura*, que d'ahi se dirigia para o sul, vindo fechar, depois de abraçar o povoado, no angulo sudoeste do mesmo recinto da *Alcaçova*, mas em sitio que se não pode hoje marcar exactamente; talvez no saliente sul da Praça

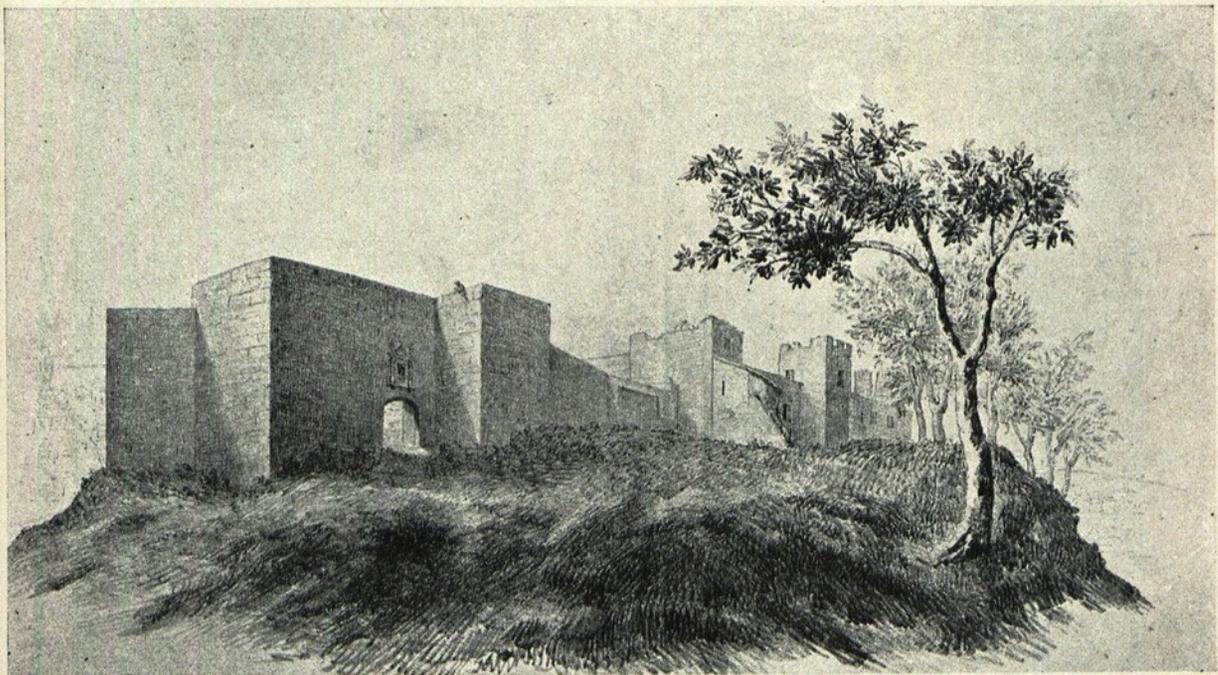
d'Armas, ou proximo da porta da Alcaçova ou de S. Jorge.

Caminhando daquelle angulo sudéste para o norte, conhecem-se perfeitamente dois *cubellos* primitivos, com secção rectangular, e entre elles um lanço de muralha bem conservado, com o *adarve*, e a guarda do lado exterior, e ao meio d'esta *quadrella*, uma escada de accesso, com direcção normal ao muro. Um dos *cubellos* serve de base á torre dos sinos da igreja de Santa Cruz do Castello, que se levanta no local de uma mesquita musulmana, purificada por D Affonso Henriques para servir ao culto

christão, logo depois da conquista de Lisboa em 1147. O *adarve* da muralha passa por detraz d'essa torre, penetra-a formando um cotovello no seu interior, e segue pela recta-guarda do altar-mór da igreja, terminando



CABEÇA DE MARTIM MONIZ
Segundo gravura de Sendim (1839)



LANÇO NORTE DAS MURALHAS DA ALCAÇOVA E DO CASTELLEJO — PORTA DE MARTIM MONIZ
Reducção de gravura de Sendim, que acompanha o fasciculo 5.º dos «Quadros Historicos»
de Castilho (1839)

junto a um muro de vedação que o separa da Praça Nova. Na restante extensão a muralha ou fica mettida no interior das edificações, não se reconhecendo nem pela banda de fóra nem de dentro da Alcaçova, e na parte que ainda está á vista, acha-se muito arruinada pelo facto da exploração dos seus enxilhares, e serve de fundação a muros de fachada de varios predios, ou de suporte ao terreno interior, até á altura do qual ella tem sido arrazada.

A' egreja de Santa Cruz do Castello segue-se a Praça Nova, de que já tratámos. Dois *cubellos* ou torres, com secção rectangular, e da construcção primitiva, existem ainda encostados ao lanço norte das muralhas. A *quadrella* entre aquellas duas torres, e a que liga a occidental ao *castellejo*, são igualmente da construcção primitiva, e levantam-se desguarnecidas de terra em ambos os paramentos, conservando ainda o *adarve* ou caminho de ronda, e a guarda exterior; o accesso ao *adarve* faz-se por uma escada, de construcção recente, que começa no eirado da torre do lado oriental. N'esta extensão existem duas portas, a que já nos referimos: a do Moniz, e a do norte.

(Continúa.)

Na restante extensão das faces norte e oriental d'esta praça as muralhas são de reconstrucção moderna, talvez do meiado do seculo passado, não acompanhando exactamente o traçado que tinham as primitivas, que se conhece por meio de antigas plantas de Lisboa.

No angulo nordeste das muralhas da Praça Nova vinha inserir-se a primeira *quadrella*, de que ainda se conhecem vestigios, da linha de cintura oriental da *cerca de D. Fernando*.

A' Praça Nova fica contiguo, para o poente, o *castellejo*, de que em breve vamos tratar, que occupa o canto noroeste do recinto da cidadella; e continuando d'elle para o sul encontramos, a limitar o recinto, os muros de suporte da fachada occidental do quartel de caçadores, dos terraplenos da Bateria dos Morteiros, e da Praça d'Armas, terminando no muro da porta principal do castello, ou de S. Jorge.

A muralha moura ou primitiva da Alcaçova não se conhece n'esta extensão, nem será facil reconstituir-lhe o traçado, pois que não nos ficaram documentos, nem mappas de Lisboa, que nos permittam conjecturar sequer a linha que ellas seguiam.

A. VIEIRA DA SILVA.



LANÇO DAS MURALHAS DA ALCAÇOVA E TORRES SOBRE O CHÃO DA FEIRA
Porta de S. Jorge



Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSIS. — Capítulos I a XIV: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite e acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer ve o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lel-o. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatório de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Prospero de Blondel, ex-policia ao serviço de Cavanagh, declara que a espera vêr durante a procissão do Corpo de Deus. Quando a procissão se dirige para a capital ha uma terrivel explosão, e apenas se dissipa o fumo Paulina Mamavieff, é presa no meio do ajuntamento. A' noite Cavanagh e Ingersoll, disfarçados, visitam uma casa deshabitada, dos bairros Pobres da cidade, onde Dubanac, o auctor do attentado da manhan, e os seus desvairados companheiros são vistos no predio fronteiro. A multidão descobrindo os nihilistas assaltam a casa, e um dos do bando, tentando fugir pela janella, cae á rua. No regresso a Londres Cavanagh pede a Ingersoll para escrever uma serie de artigos para a imprensa acêrca do attentado de Antuerpia. Blondel comunica a noticia que Paulina foi capturada e que está na prisão de Bruges. O seu destino está na mão de Cavanagh, que exerce poderosa influencia na policia, e decide que ella deve ser mandada para a Russia. Pôr ordem de Cavanagh, Ingersoll parte para Burgos para ouvir a historia de Paulina.

XV

A SEGUNDA INTERVISTA

Ainda não tinha almoçado quando me dirigira ao Palacio da Justiça; mas a minha primeira visita quando de ali sahi foi para

ir ao telegrapho expedir um telegramma a Mr. Cavanagh. O seu codigo particular excessivamente engenhoso, accentuo-o de passagem, apprendera-o eu nos escriptorios de Bertrand & Comp.^a e empregava-o agora para lhe participar a minha entrevista e o meu singular encontro com o velho que

viajara desde Dovers commigo. A leal comprehensão do meu dever obrigava-me a não occultar nada da pessoa de quem me tornara voluntario collaborador; uma crença não menos profunda, na sua justiça emanente, recordava-me a minha absoluta convicção que Paulina Mamavieff estava innocente do crime de que a accusavam. O resto deixava-o a elle, e encaminhando-me para o café, para almoçar, diligenciava repetir a mim mesmo que nada era mais certo que a saudação oriental: *Kismet*, que é tantas vezes ás nossas boas vindas, substituidas por uma desagradavel obrigação.

O caso pareceu-me tão facil... e que difficil se ia tornar! Fora, illuminado pelo sol, tudo quanto me rodeava soffria a influencia da inercia medieval, enormes e grotescas egrejas e edificios, flamengos sombrios com chapéos pretos redondos, mulheres de Rubens anafadas e de tamancos, a Bruges das pontes e dos escuros canaes e eu á minha vontade por meio de tudo isso.

Que perversidade me impedia de saborear esse spectaculo em socego, de esquecer que era um ocioso viajante grato á belleza d'aquelle dia de verão? Uma historia tão velha como o episodio de Eva. A eterna historia da rebeldia do coração, de alguém que volta as costas ao sol para que não lhe descubram os seus intimos pensamentos. A pequena Paulina dominava-me. Raciocinei que a devia esquecer, e raciocinando assim, divisei a sua imagem nos espelhos com que a imaginação me rodeava por toda a parte; só ouvia a musica da sua voz embora mil outras vozes echoassem em redor de mim; todos os meus pensamentos giravam em torno da sua intrépida confissão e sobre os inenarraveis infortunios que a esperavam. Amal-a-hia já? Na verdade não vol-o posso dizer. Desejar crer que ella não era nada para mim, esquecer as suas palavras, zombar da sua fé — eram affirmações inimigas da verdade que qualquer observador escreveria. E eram tambem figadaes inimigas minhas, cegando-me quando eu precisava dos meus olhos como nunca na minha vida.

Indifferença, quando a inquietação e a impaciencia se tinham convertido quasi em febre. Porque não respondia Mr. Cavanagh immediatamente ao meu telegramma? Participara-lhe tão claramente quanto pude que a minha opinião ácerca da encarcerada do

Palacio da Justiça era que estava innocente do crime de que a accusavam. Porque não comprehendia que eu poderia explicar satisfactoriamente as minhas razões d'esta convicção. Nem por um momento o queria considerar culpado do intuito de condemnar uma creatura tão nova como uma creança de escola só porque a policia de Baku teimava em que ella era criminosa.

Mas não me respondia nada; não recebi nenhum telegramma n'aquelle dia, nem na manhan immediata quando me dirigi ao correio quasi antes dos continuos varrerem a repartição. E lembrava-me que se eu queria salvar Paulina as horas eram preciosas. O conde Marcelli insinuara que ella devia sahir de Bruges antes do fim da semana. Se tal acontecesse, nenhum poder humano a salvaria dos demonios do Mar Negro que lhe tinham infamado para sempre a mãe e açoutado o pae até morrer. Não era para admirar que eu estivesse á porta da prisão ás dez horas a perguntar pelo conde, e resolvido a visitar de novo a prêsá, a realizar outra entrevista, dissessem de mim o que quisessem.

Para ser breve, não fizeram nenhuma opposição. O conde ausentara-se outra vez, e o laconico capitão Ricardo fez-me as honras da casa com todo o ceremonial. Podia visitar a terrorista, disse-me, durante quinze minutos como d'antes, e acrescentou:

— Mas, Mr. Ingersoll, olhe que são quinze e não trinta.

Dar-me ao trabalho de argumentar com um funcionario tão praxista seria uma futilidade sem exemplo. Inclinei-me e agradecei-lhe o mais succintamente possivel.

— Sabe que decidiram removel-a no proximo domingo — informou-me. — E' bom que vão todos para a Russia para lhes acabar com a raça. Não temos logar para elles aqui na Belgica.

— Tem a certeza, capitão, que esta prêsá é uma das que vão?

— Ella negou sempre o crime. O attentado de Antuerpia foi commettido pelo seu bando, não ha duvida. Aparecem em toda a parte. Se pedissem a minha opinião, atirava-lhes como a coelhos e os tribunaes que desembrulhassem a meada depois...

— Innocentes e criminosos, capitão Ricardo?

— Innocentes e criminosos... pois ha lá

innocentes entre elles! Pensemos primeiro na gente honesta; é a minha opinião.

Chegamos á porta da cellula e não pude continuar a discussão. Reconheci que o capitão olhava para mim com uma certa curiosidade quando entrei, mas esse sentimento não me perturbou. Mademoiselle Paulina já vestida, estava deitada em cima da cama e pareceu-me, de repente, que dormia. Tal não succedia e pôz-se a pé de prompto mostrando-se risonha na sua moldura de cabellos castanhos anelados.

— E' surpresa esta sua visita — disse.

— Mas eu promettera-lhe que viria!

— E' exactamente o que me surprehende. Trouxe o meu chocolate?

— Trouxe; o bastante para que adoecça uma semana.

— Não é mau adoecer uma semana quando se tem a certeza que depois se fica melhor. Porque voltou Mr. Ingersoll?

— Para lhe fazer algumas perguntas.

— Porque faz perguntas a uma mulher que nunca fala verdade?

— Não é ainda uma mulher; é, ou pelo menos deve ser, uma creança.

Tornou-se séria a estas palavras e fitou-me com vivacidade.

— Não tenho soffrido bastante para ser uma mulher?

— Talvez. Venho aqui para que não soffra mais. Temos quinze minutos, Paulina e eu, para dizermos um ao outro muitas coisas. Não me esquecerei de nenhuma.

— Muito bem; então não abrirei o pacote do chocolate. A bocca cheia póde dizer a verdade.

Puxei uma cadeira para junto da cama, e demorei-me um segundo antes de principiar a interrogar-a. A renda da sua camisola indicava-me quanto o seu coração batia rapidamente. Sabia já que era uma bella actriz, mas que lhe custava representar n'este momento, revelava-se no esforço mental que exercia.

— Vamos conversar ácerca de Baku — comecei.

— Pois, sim, — respondeu.

— E do fallecido Jehan Cavanagh. Conheceu-o pessoalmente?

— Só o vi uma vez na minha vida. Foi na noite em que o matei.

— Na noite em que o mataram. Porque estava elle em Baku?

— Era proprietario de minas de petroleo, de muitas. Foi esse o motivo que o levou a Baku.

— Seu pae era empregado d'elle?

— De modo nenhum. Meu pae era secretario da Companhia de Transportes do Mar Negro. Conhecia todos os inglezes que viviam ali, porque falava inglez.

— Quando é que seu pae se mettu na politica?

— Quando o general Seroff foi a nossa casa. . .

— Para quê?

— Para vêr minha mãe.

— Compreendo; seu pae tinha uma offensa a vingar.

— Que nunca vingou. Fôram os meus amigos que o fizeram.

— E todos os agravos contra o velho Cavanagh se resumiam em ser amigo do general Seroff?

— Protegia o general contra os meus. Salvou-lhe a vida. Foi o motivo porque lhe dei um tiro.

— No café francez de Baku?

— Ahi mesmo.

— Quem a acompanhava?

— Um velho dalmata creado de meu pae.

— Mais ninguem?

Fez-se carmesim.

— Vou dizer-lh'o — redarguiu; — havia outra pessoa.

— Um amigo? Um parente?

— Um amigo.

— Não seria um namorado seu?

— Era — respondeu em voz baixa; — o meu noivo.

— Estava para casar com esse homem? Riu, até um pouco estrepitosamente, presumo.

— Ninguem se importa muito com o casamento em Baku.

— Pois sim, mas Paulina pensava n'elle.

— Não desejo responder-lhe; não tem direito a interrogar-me Mr. Ingersoll. Porque me apoquentas assim?

— Desejo vêl-a em liberdade; evitar que a mandem para a Russia.

— Mas eu desejo ir para lá.

— Encontrar-se com o seu noivo?

— Já tem ciumes d'elle, Mr. Ingersoll. E' verdade, quero ir para ali por causa d'eile.

— Não lhe posso então ser agradável em mais nada?

— Pode — retrucou levantando-se com toda a impetuosa agilidade de uma creança; — tenho ainda mais que conversar, Mr. Ingersoll. Porque veio aqui? Vou declarar-lh'o. Porque a minha bonita cara o attrahiu. Se fôsse uma mulher velha e feia teria vindo? Oh, não diga que sim, porque se o disser não o acredito. Voltou porque se persuadiu que eu gostava que viesse. Agora sabe que eu amo alguém e arrepende-se do seu interesse por mim. Eis a razão porque não lhe chamarei amigo, Mr. Ingersoll. Auxilia-me porque eu sou Paulina, não por causa da verdade e da justiça, ou de qualquer coisa semelhante. Seja franco, confesse-o, Mr. Ingersoll. Aprecial-o-hia mais se o fosse.

Paulina conservava-se na minha frente, offegante, excitada, com os olhos muito abertos, com os grossos labios separados, com a curta saia azul erguida de modo a mostrar as meias amarellas e com os luzidios caracoés cahidos sobre os hombros. O seu braço esquerdo, erguido, estava nú até o cotevello; apertou o chocolate de encontro ao peito com a mão direita; o seu rosto enrubescera e irara-se; o lindo cabello dispersava-se-lhe pelo busto. Ninguém tornará a ver na cellula d'uma prisão imagem semelhante. Appellei para toda a minha força de vontade para

não a estreitar nos meus braços e confessar-lhe que a amava.

— Tudo isso é verdade — concordei por fim. — Estime-me um pouco por causa d'isso.

Deu um passo pela cellula e mergulhou profundamente os seus olhos nos meus.

— Veiu aqui porque desejava amar-me?

— Não sei. Convenci-me que era a mais

linda mulher que tinha visto e não acreditei que fizesse o que diziam. Procurei-a por esse motivo, queria salva-la.

— Para quê, Mr. Ingersoll?

— Não o sabia então; sei-o agora. Par amim, Paulina.

— Com que fim, Mr. Ingersoll?

— Porque aprendi a amal-a.

Conservou-se impassivel. Depois encostou-se á parede que lhe ficava por trás, escondeu a cara na mão e rompeu n'um apaixonado chôro.

— Não me pode salvar — soluçou.

— A vontade tudo pode, qualquer dia...

— Para o meu noivo de Baku...

— O tempo o dirá. Venho salva-la.

Adeus Paulina. Se a mandarem para a Russia, seguil-a-hei. Até á vista.

Permaneceu um instante como irresoluta. Ouvia já o laconico capitão á porta, e, não me importando com o que elle dissesse ou pensasse, apertei-a nos meus braços e beijei-a.



...APERTEI-A NOS MEUS BRAÇOS E BEIJEI-A

(Continúa.)

Tradução do inglez de EDUARDO DE NORONHA.

CENTENARIO

DA

GUERRA PENINSULAR

AGOSTO DE 1808

Dia 23

Dia 22

Ajusta-se que entre os exercitos inglez e francez se estabeleça armisticio, ficando o rio Sizandro como linha que demarque os terrenos occupados por um e outro, declarando-se neutra, para ambos, a posição de **Torres Vedras**. Dalrymple fará acceitar o armisticio pelos portuguezes, cujas forças se postarão entre Leiria e Thomar; os francezes não ficarão prisioneiros de guerra e levarão para França o que lhes pertencer; aos individuos d'esta nação, e bem assim aos portuguezes, que a favor do dominio de Napoleão se tiveram declarado, será dada protecção pelos inglezes; do porto de Lisboa, que passa a ser considerado neutro, terá liberdade de sahir a esquadra russa n'elle fundeada, não podendo ser perseguida senão depois do tempo fixado pelas leis maritimas; a artilharia de calibre francez e o gado da cavallaria dos invasores serão tambem levados para França; a ruptura do armisticio declarar-se-ha vinte e quatro horas antes de principiarem de novo as hostilidades; as fortalezas, em poder dos francezes e que até 25 de agosto não houverem capitulado, serão entregues aos inglezes.

Esta ultima clausula consta de um artigo adicional.

O general Kellermann, depois de combinado o armisticio, volta para o seu acampamento, que n'este dia é em Cabeça de Montachique.

Junot chega de tarde a **Lisboa**, onde é recebido como se tivesse ficado vencedor no Vimeiro, o que é affirmado em uma proclamação de Lagarde, intendente geral da policia. O castello de S. Jorge dá uma salva de 21 tiros no momento da chegada. Apesar das falsas noticias espalhadas na capital pelos francezes, muitos d'estes não occultam a sua tristeza e desalento.

Fazem-se epigrammas contra os invasores, um dos quaes satyrisa os defeitos physicos de alguns dos generaes, e termina assim:

*Dois d'elles eram manetas;
Era calvo o das «Gazetas»,
Delaborde enfermo e pisco,
O Junot trazia um risco,
Falta vir um com muletas.*

Sir Arthur Wellesley, escrevendo do campo do **Ramalhal** a lord Castlereagh, pede-lhe que embora lhe veja o nome na convenção feita para a evacuação de Portugal pelos francezes, não creia que elle a negociasse ou approvasse. nem que houvesse intervindo na sua redacção.

Foi o general sir Hugh Dalrymple que a negociou, na presença de Burrard e de Wellesley. Depois de o general Kellermann a redigir, Dalrymple desejou que Wellesley a assignasse, o que foi suggerido por Kellermann. Wellesley poz



O MARECHAL-GENERAL
WILLIAM CARR BERESFORD

objecção á *verbiage* (1) do documento e a ficar indefinido o praso da convenção, que no seu entender devia ser de 48 horas, unicamente. Approva que se permita aos francezes que evacuem Portugal, porque lhe parece impossivel que as tropas de sir John Moore marchem sobre Santarem,

diatamente, a empregal-os em tomar ou bloquear praças de guerra portuguezas. Entende, porém, que se fôr permitido aos francezes o sahirem de Portugal, só deverão levar consigo o que lhes pertence, e que se tomem as medidas necessarias para que os seus generaes restituam a prata que roubaram das egrejas. Acha que poderiam crear-se difficuldades para a Inglaterra se se atacasse a esquadra russa ancorada no porto de Lisboa, e que, se é má a combinação para o exercito inglez, podia ser ainda peor. Affirma-lhe que fez todo o possivel junto de Dalrymple para que as condições fôsem modificadas, e acrescenta:

«Não lhe occulto, meu caro lord, que a minha situação n'este exercito é melindrosissima. Nunca tinha visto sir Hugh Dalrymple até hontem, e não é facil empreza o aconselharmos um homem no dia em que o vemos pela primeira vez. Elle deve ao menos estar preparado para receber conselhos. Eu fui bem succedido com o exercito e afigura-se-me que este não seguirá de boamente as instrucções e ordens de outro, relativas a qualquer assumpto. E' mais uma circumstancia embaraçosa, que póde dar maus resultados; e, para lhe dizer a verdade, preferia voltar para Inglaterra a continuar aqui. Todavia, continuarei, se assim o desejar; só lhe peço que não me censure, se as coisas não caminharem como nós e os nossos amigos de Londres desejamos.»

Dia 24

O coronel Murray, que tinha ido a bordo da esquadra ingleza, apresentar a sir Charles Cotton, os artigos da convenção estipulada entre Junot e Dalrymple, volta com a resposta do almirante. Nega-se este a acceitar semelhantes condições e diz que procederá isoladamente em relação á esquadra russa.



GENERAL SILVEIRA

VALOR DOS LUSOS TERROR DOS FRANCEZES.

GENERAL SILVEIRA

a fim de lhes cortar a retirada para Evora, e porque, podendo o inimigo estabelecer-se ao abrigo d'esta praça, do forte da Graça, de Almeida e de Peniche, seria necessario fazer o sitio em regra a estas fortificações ou bloqueal-as, na peor estação do anno em que se pódem fazer taes operações em Portugal, julga preferivel, para a causa geral, ter 30:000 inglezes em Hespanha, onde, feita a convenção, poderão penetrar imme-

(1) Está no original inglez esta palavra franceza.

Dalrymple envia Murray para **Lisboa**, a fim de participar a Junot que, em consequência d'aquella opposição, está roto o armistício, mas que Murray vai munido de plenos poderes para entabolar negociações acerca de outra convenção, feita sobre novas bases.

Foi então que o exercito inglez avançou para a frente, até penetrar no Ramalhal.

Dia 25

A divisão de sir John Moore começa a desembarcar na praia da **Maceira**. Unido o seu effectivo ao das tropas commandadas por sir Hugh Dalrymple, eleva-se a 30:000 homens a força total do exercito britânico existente em Portugal.

Dia 26

Por determinação da junta de Beja, estabelece-se em **Evora** uma junta, que fica governando em nome do principe regente.

(Esta junta exerceu os seus poderes até que se constituiu em Lisboa a nova regencia.)

Os francezes abandonam **Setubal**, o que dá lugar a que ali se constitua uma junta provisional de governo.

Dia 27

Dalrymple recebe informação, mandada pelo coronel Murray, de se estar negociando, em **Lisboa**, outra convenção sobre novas bases, sendo o negociador, da parte dos francezes, o general Kellermann, que já tratara da primeira.

Sir Charles Cotton escreve a sir Hew Dalrymple, de bordo do navio *Hibernia*, que para em frente de **Cascaes**, a lembrar-lhe que, tendo os francezes evacuado Setubal, será bom mandar para lá as forças de sir John Moore desembarcadas na Maceira. «Com a assistencia dos leaes portuguezes,

accrescente o almirante, poder-se-ha tomar posse das duas margens do Tejo.» Diz tambem que nunca poderá concordar com os artigos preliminares do armistício que leu na vespera, de modo que sirvam de base para um tratado definitivo.

Communica, na mesma data, a Dalrymple, em outro officio, que segundo lhe participam os informadores que tem em Lisboa,



SIR ARTHUR WELLESLEY

os francezes estão em tamanho desalento, que se renderão a discrição, e aceitarão a clausula de irem para França como prisioneiros de guerra.

Dia 28

As tropas portuguezas do commando de Bernardim Freire, que não tinham partido da Lourinhã por causa do armistício em

ajuste entre francezes e inglezes, occupam o logar da **Encarnação**, visinho de Mafra.

As forças de Traz-os-Montes e Beira Alta, commandadas pelo general Manoel Pinto Ba-



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente à Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Vergonhosa fugida do Anjo da Victoria chefe dos Francezes nas terras de Portugal. A fome, as mortes e muito mais o medo dos Inglezes e Portuguezes, foi o maior assalto d'aquelles peitos da Aleivosia que os aterrou ao ultimo lance de cobardia.

O Lord General vê a fugida, e promptamente persegue o inimigo, fica Portugal livre desta, como diz Lagard (sic), multidão de Caens. Edital de 9 de Abril de 1808.

cellar, que estavam de observação em **Santarem**, recebem ordem para avançar.

Roto o armisticio e esperando-se novos combates, sir Hugh Dalrymple faz o seu exercito mudar de posição, occupando parte d'elle **Torres Vedras**, e ficando a outra acampada para a retaguarda da mesma villa.

Dia 29

Reina grande agitação em Lisboa, augmentando as esperanças e os receios a todo o instante pela ignorancia em que está o publico ácerca da marcha das negociações entre Murray e Kellermann, bem como pelas noticias contradictorias espalhadas pelos francezes e pelas pessoas que estão em comunicação com as provincias.

Junot emprega os maximos esforços para envolver nas negociações com os inglezes o almirante Siniavin, e tornar crível que este faz causa commum com os francezes, o que não é verdade, porquanto o official russo declara que deseja tratar separadamente dos francezes. Estes, ficando isolados, só pódem fiar-se na sua costumada habilidade diplomatica, da qual realmente dão muitas provas em tão difficil conjunctura. A par da negociação trocada entre Kellermann e Murray, abre-se outra de Junot directamente com Dalrymple. As difficuldades crescem em virtude de incidir a negociação sobre propriedades e interesses de uma terceira nação — Portugal.

Os portuguezes, cobrando ousadia, ultrapassam a linha de demarcação entre os dois exercitos, accommettem as patrulhas francezas e ameaçam um ataque dos lados de **Santarem**. Embora Dalrymple se ponha de fóra d'estes acontecimentos, o desaccordo entre elle e Junot vae-se aggravando, a ponto de que este ultimo, recobrando por momentos a sua energia natural, ameaça largar fogo aos edificios publicos de Lisboa e defender palmo a palmo as

ruas da cidade, á custa da qual será feita a retirada. A artilharia do castello de S. Jorge, que está em poder dos francezes, póde effectivamente causar, em grande parte da capital, prejuisos incalculaveis.

Parece que Dalrymple, temendo Junot, se resolveu a assignar a convenção, que tantos dissabores havia de causar-lhe.

Dia 30

Conclue-se em **Lisboa** o tratado entre francezes e inglezes, que é designado pelo nome de *convenção de Cintra*. Consta de 22 artigos principaes e de mais 3 complementares, tendo havido, sobre pormenores de alguns d'elles, divergencias entre Wellesley e Dalrymple. Diversas condições são quasi as mesmas que as do armisticio, tendo-se, porém, excluido a que, n'este, se referia á esquadra russa do almirante Siniavin. Estabelece-se que o governo britannico fornecerá os transportes para se recolherem a França as tropas de Junot, ficando os doentes ao cuidado dos inglezes e devendo as despezas ser pagas pelo governo de Paris; que o exercito francez se concentre em Lisboa e arredores até duas leguas de distancia, e que o inglez avance até á distancia de tres; que as tropas britannicas occupem Cascaes, S. Julião e o Bugio, logo que esteja devidamente ratificada a convenção, e Elvas, Almeida e o castello de Palmella, quando isto seja realisavel; finalmente que os generaes francezes possam levar comsigo o que fôr propriedade sua.

Embora se lhe chame usualmente *convenção de Cintra*, este ajuste foi feito e assignado em Lisboa por Murray e Kellermann. Junot ratificou-o tambem em Lisboa, no dia 30 de agosto, e Dalrymple em Torres Vedras, no dia 31, segundo refere Arthur Wellesley na allegação com que justificou o seu procedimento perante a commissão de generaes inglezes, que, em Londres, inquiriram do modo por que se tinham havido os negociadores, quando a opinião publica tanto os estigmatizava em todo o Reino Unido.

Proviria aquella errada denominação, como quer Brialmont, de ser datado de Cintra o

officio de Dalrymple para o governo inglez, que acompanhou a copia da convenção?

Este ponto historico de pouca importancia, que o averigüe qualquer paciente in-



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nucional de Lisboa

Tem a seguinte epigrapha:

Novo restabelecimento de Portugal.
 Inglaterra reunida á Espanha restabelecem novamente a Lusitania na sua antiga ordem. As aguias serpentarias são passadas de fulminantes raios. Caco Francez é morto por Hercules em premio dos seus roubos. O gallo Francez seguro nas garras do Leão Forte.
 A virtude resplandece. As quinas Portuguezas apparecem. O Anjo inspira louvores. Os dons de Ceres espalham-se. A paz permanece. A tranquillidade não será mais perturbada. Junot.
 Edital de 1 de Fevereiro de 1808.

vestigador, quando não tenha assumpto mais interessante com que occupar o seu tempo.

Junot ratifica em **Lisboa** a precedente convenção, mas, por lapso, assigna apenas os artigos addicionaes.



O GENERAL FRANCEZ BRENNIER ENTREGANDO A ESPADA
AOS VENCEDORES DA BATALHA DO VIMEIRO

Aquarella inedita do tempo

Pertencente a Bibliotheca Nacional de Lisboa

O conde de Castro Marim, com algumas tropas do Algarve, entra em **Evora**, tendo empregado o tempo que passou em Beja a estabelecer relações com o general Francisco de Paula Leite, e outras auctoridades militares do Alemtejo, e havendo lá deixado a maior parte das forças que o acompanhavam.

SETEMBRO DE 1808

Dia 1

Junot recebe a convenção revestida das necessarias ratificações. E'-lhe enviado como refens o coronel de estado maior inglez Duncan. O major Desroches é mandado a Dalrymple, nas mesmas condições.

As forças portuguezas reunidas em **Campo Maior** marcham a juntar-se com as do Al-

garve, a fim de, em cumprimento das instrucções do governo do Porto, marcharem para Lisboa, sob o commando do Conde de Castro Marim.

(Quando chegaram á Azaruja, logar entre Extremoz e Evora, fizeram alto e mandaram á descoberta 20 cavalleiros, commandados por Francisco de Mello Breyner.)

Dia 2

Estabelece-se em **Oeiras** o quartel general do exercito britannico, ficando a direita apoiada nos fortes da barra do Tejo e a esquerda nas alturas de Bellas.

Os fortes de S. Julião, Cascaes e Bugio, são entregues ás tropas britannicas, e é n'elles «impropriamente hasteada», confessa-o Napier, a bandeira ingleza, em vez da portugueza. As forças que occupam aquellas obras são os regimentos 3 e 42, que desembarcam para tal fim. Commanda-os o major-general Guilherme Carr Beresford, que tamanha parte ha de tomar na reorganisação do nosso exercito e que tão odioso nome deixou em Portugal por causa da sua interferencia na conspiração de 1817. Vinha da Madeira, onde tinha estado commandando as tropas inglezas que guarneceram a ilha, e exercendo as funcções de governador militar, de accordo com um ajuste havido entre os governos britannico e portuguez.

Aquelles acontecimentos causam a maior alegria em Lisboa, cujo povo tem andado em constante alvoroço, não perdendo de vista os movimentos da esquadra britannica muitos vigias que a espreitam constantemente das duas margens do rio e que viram logo, no meio da incerteza que reinava, que um facto importante ia dar-se, quando, tendo-se separado da esquadra de Cotton alguns navios e estendido pela enseada de Paço d'Arcos até á Boa Viagem, sahiram d'elles escaleres cheios de tropas de desembarque.

O Tejo fica assim aberto á navegação, depois de nove mezes de rigoroso bloqueio exercido pelos inglezes.

O exercito francez, concentrado em **Lisboa**, occupa as principaes praças e cerca-se de vedetas e patrulhas, como se estivesse em frente do inimigo. De noite as sentinellas fazem fogo sobre qualquer pessoa, que se approxima do seu posto.

Os lisboetas, a despeito da presença do inimigo, começam a manifestar a alegria que os anima, e o resentimento de que estão possuidos contra os francezes, aos quaes os commerciantes não querem vender provisões. Cantam, de modo que elles possam ouvir, cantigas de triumpho, e fabricam, á vista do detestado inimigo, milhares de lanternas, para illuminar as ruas no dia do embarque dos soldados de Junot.

Declaram que estando certo o auxilio dos hespanhoes, Portugal não precisava de que a Inglaterra lhe viesse acudir, para afinal de contas se fazer um tratado n'aquellas condições, com a aggravante de não haver n'elle referencia ao Principe Regente nem á Junta do Porto, e que tem condições muito mais desvantajosas que o que fizera o general hespanhol D. Francisco Castaños em Baylen, depois de vencer as forças de Dupont.

Os chefes francezes passam pelas maiores angustias, porque nem carne pôdem alcançar para as suas tropas e hospitaes.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que veiu a ser agraciado com o titulo de conde de Amarante, pela maneira brilhante como defendeu esta villa contra os francezes, durante a segunda invasão, estando com as nossas tropas no campo da **Encarnação** pede por escripto a Bernardim Freire que se pergunte ao general Dalrymple se consente que o exercito portuguez rompa as hostilidades contra os francezes. Se a resposta fór affirmativa, pôde desde já proceder-se; se fór negativa, deve lavrar-se protesto. «E' necessario, diz Silveira, obstar ao saque já iniciado em Lisboa, no dia anterior.»

Dalrymple manda de **Cintra** uma copia da convenção a Bernardim Freire, explicando-lhe que não lh'a enviou mais cedo, porque teve de devolver a convenção a Junot, em consequencia d'este só ter assignado os artigos addicionaes.

Dia 3

Lagrave, ajudante de campo de Junot, parte para Paris, a fim de levar a Napoleão copia da convenção e o relatorio do general em chefe.

Dia 4

O general Bernardim Freire, que se acha com o seu exercito na **Encarnação**, protesta contra a convenção realisada entre inglezes e francezes, em razão da falta de contemplação n'ella havida para com o Principe Regente e o governo que o representa, e de tudo o que nas suas estipulações é contrario á honra, segurança e interesses de Portugal. Especifica no protesto o não se dizer na convenção que é só provisoria a entrega das praças de guerra portuguezas, etc., ás tropas inglezas. Lembra que os francezes buscam excitar desconfianças a respeito das vistas da Grã Bretanha, e que o governo hespanhol se tem recusado a admitir indefinidamente forças inglezas no seu territorio, sem embargo dos riscos que tem corrido a sua nação, o que mostra que sente aquella desconfiança. Entende que o exercito inglez existente em Portugal deve considerar-se como auxiliar. Outra clausula da convenção lhe merece protesto: é a que isenta de castigo os portuguezes que tenham servido os francezes, e aos quaes deve applicar-se, pelo menos, a pena de exterminio.

Dia 5

O conde de Castro Marim, Francisco de Mello da Cunha Mendonça e Menezes, general das tropas levantadas no Algarve, protesta contra a convenção, porque nem o Principe Regente nem o seu governo fóram consultados a tal respeito, e pela falta de attenção que se usou para com elle, não obstante os serviços que tem prestado. Lembra que, sem o auxilio de estrangeiros, expulsou do Algarve os francezes, avançou pelo Alemtejo e veiu postar-se na margem esquerda do Tejo com as forças do seu commando.

Dia 7

Os portuguezes arrancam as taboetas francezas que havia em muitos sitios, em **Lisboa**.

Os officiaes inglezes que apparecem nas ruas são applaudidos com delirio e seguidos por immensa multidão, e os soldados, quando vão occupar os arsenaes, são tambem muito acclamados e brindados com refrescos.

Padres batem no peito, excitando o povo contra os inimigos.

Dia 8

E' levado á presença de Junot, em Lisboa, um homem que, segundo dizem, intentava assassinal-o. O general francez não o manda castigar, e até, pelo contrario, lhe dá uma quantia em dinheiro, promettendo o dobro a quem executar o intento. Depois d'isto, ordena que o soltem.

As tropas do Algarve, sob o commando do conde de Castro Marim, que de Evora tinham vindo por Montemór-o-Novo e Vendas Novas, recebendo n'este lugar informações positivas a respeito dos acontecimentos militares e politicos por irtermedio de Francisco de Mello Breyner, chegam á villa de **Palmella**, que já encontram evacuada pelo inimigo.

(O conde transfere o seu quartel general para Azeitão, onde permaneceu até ir occupar o seu lugar na regencia que se organisou em Lisboa, pouco depois, havendo antes guarnecido com tropas suas a margem esquerda do Tejo, desde Coina até á Trafaria, no intento de obstar a que o inimigo por ali se escape.)

M. A.



A Princeezinha

Pode-se lá viver sem ter amado alguém!
Sem sentir dentro d'alma — ah, podel-a sentir! —
Uma saudade em flôr, a chorar e a rir!

(Ceia dos Cardeaes — *Julio Dantas.*)

Debruçada ao balcão, a linda Princeezinha
Escuta, enamorada, as fallas maviosas
Do Principe gentil e vae tingindo em rosas
O seu rosto moreno onde a graça se aninha.

Encanta, se sorri, a vermelha boquinha,
E mostra, a rebrilhar, as perolas formosas
Por onde passa a luz d'estrellas, nebulosas,
Quando falla de amor a boa fadasinha;

Mas o que mais fascina é a luz do seu olhar,
Feita da luz do sol e raios de luar...
Olhar feito de treva, ardente, encantador.

E o seu apaixonado e gentil D. João
Que nunca pôde amar, sentir, ter coração,
Olhando o seu olhar, sentiu nascer o Amor.

J. B. Pinto da Silva



A VINDIMA

Os nossos vinhos e o Brazil

A crise vinicola

Uma das questões mais palpitantes que actualmente preocupa milhares de portugueses, e á qual as discussões politicas, relegando-a para o segundo plano, não conseguiram tirar a sua primacial importancia, é a crise vinicola que a região duriense vem de ha annos atravessando e cujos effeitos desastrosos se teem vindo accentuando dia a dia.

Pelo enorme desenvolvimento que no centro e sul do paiz tem tido a cultura da vinha, pela multiplicidade de interesses a que ha a attender, esta questão é uma das mais complexas e de tão difficil solução, que, apesar do largo debate e das numerosissimas emendas que no parlamento soffreu o projecto apresentado pelo governo para acudir á angustiosa situação do Douro, dizem os entendidos não serem as medidas promul-

gadas de resultado efficaz, como tanto era de esperar e de desejar para bem de todos.

Causas

Sem querer de modo algum entrar na apreciação e estudo dos factores que provocaram a actual crise, para o que me faltaria a competencia, não posso comtudo, soccorrendo-me do aphorismo que attribue ás *mesmas causas* a produção dos *mesmos effeitos*, deixar de citar o que se passou com a crise vinicola do sul da França em junho do anno passado, e principalmente o factor, a que, depois de concencioso estudo, ella foi attribuida. Este factor, o maior determinante da medonha crise, que levou á revolta o povo faminto, aos gritos desesperados de — *temos tão bom vinho e nem um bocado de pão para comer!* — foi o excesso de pro-

dução resultante da fraude; e, o que é mais lamentável, a fraude era praticada, não só pelos vendedores a retalho, donos de armazens de vinho e pelos intermediários, mas pelos próprios proprietários da região que principalmente soffria das suas consequências!

Não vá julgar-se que possuidores de grandes vinhas se entretivessem em fabricar aquellesinhos artificiaes em que podem entrar todas as drogas... menos o sumo da uva. Não. A chimica tem progredido immensamente, e o desejo immoderado do ganho é, como a necessidade, um magnifico inventor.

Foi assim que, depois da destruição das antigas vinhas pelo phyloxera e da sua replantação com bacello americano enxertado em castas francezas, se estendeu a cultura, em vista dos bons resultados colhidos, aos terrenos planos. Estas *vinhas de planicie*, abundantemente regadas, produziram enormes cachos de grandes bagos, mas com pouco sabor; no entanto o seu vinho, embora fizesse subir a produção em cêrca de metade da produção normal, manteve os mesmos preços dos outros vinhos.

Era excellente... mas era pouco para os proprietários. Como augmentar ainda a produção?

Fôram-se ao bagaço dos lagares, deita-

ram-lhe assucar e agua, e obtiveram pela fermentação um liquido que dava a perfeita illusão do verdadeiro vinho. E, não satisfeitos ainda, repetiram a operação com o mesmo bagaço vendendo os *seus productos* a 55 e 45 réis o litro!

D'esta fórmula obtinha o lavrador, sem canceiras, uma produção tripla da que rasoavelmente deveria ter.

Pela parte que diz respeito aos intermediários e vendedores a retalho, a fraude mais geralmente empregada consistia em adicionar agua ao vinho, juntando-lhe depois o alcool necessario para lhe restituir o grau natural.

Parecem-me bastar estas ligeiras indicações, e desnecessarias outras referentes aos innumerados processos de adulterar e falsificar os vinhos.

Do que fica exposto deduz-se facilmente o papel funesto e decisivo que cabe á fraude na produção d'estas crises tão profundamente perturbadoras da economia e socego de uma região.

Remedios?

Porque assim está provado, seria de toda a conveniencia no interesse não só dos viticultores como da saude publica, o estabelecimento de uma fiscalisação séria destinada a coibir abusos, que, é voz corrente, têm larga pratica entre nós: as providencias, n'este sentido tomadas, tenho-as na conta das mais efficazes para a solução do momentoso problema.

Outro ponto que se me afigura de grande importancia para o mesmo fim, é o da adopção de marcas que pela excellencia do producto se acreditem nos mercados, e sobretudo que *mantenham* os creditos adquiridos. Quem não conhece pela experiencia de todos os dias que os mais variados productos apresentados sob determinada marca quando lançados no mercado, se convertem, á medida que o consumo augmenta, em productos de qualidade inferior.

O decrescimo do consumo é a consequencia natural d'este descredito que os proprios interessados se fazem, que não a concorrencia de productos similares.



Portugal



Italia



França



Hespanha

Diagramma comparativo da exportação de vinhos de Portugal, Italia, França e Hespanha para o Brazil

Segundo a estatistica aduaneira de 1906, Portugal exporta para o Brazil 435:000 hectolitros no valor de 20:000 contos de réis (moeda brasileira); a Italia, 100:000 hectolitros no valor de 3:800 contos (moeda brasileira); a França, 24:000 hectolitros no valor de 1:500 contos (moeda brasileira); a Hespanha, 15:000 hectolitros no valor de 580 contos (moeda brasileira).

Garantida a genuinidade e qualidade dos nossos vinhos, e feita d'elles uma intelligente propaganda nos mercados estrangeiros, que tratados do commercio favoraveis nos abriam e alargariam, creio que poderiamos muito bem collocar a colheita annual, se não toda, pelo menos a maior parte, o que já seria compensador das despesas do grangeio e daria margem a lucros, embora não grandes.

Não só aos governos, mas tambem aos

cia dos vinhos italianos, francezes e hespanhoes.

Os proprios brasileiros, que sempre têm mostrado uma terna e especial predilecção por Portugal e por tudo quanto é nosso e nos interessa, protegem o desenvolvimento e expansão do commercio de vinhos portuguezes, que preferem aos outros, desde que os saibam puros.

Em condições tão excepcionalmente favoraveis, não será difficil manter o lugar já



CONDUÇÃO DA UVA PARA O LAGAR

vinicultores compete, pois, trabalhar de mãos dadas para que os esforços de uns não sejam contrariados pelos outros.

O nosso principal consummidor: o Brazil

O melhor e mais certo mercado dos vinhos portuguezes, o nosso maior consumidor, é o Brazil, onde uma numerosissima colonia, notavel pelo acrisolado patriotismo de que tem dado sobejas provas, procura mantê-los no primeiro lugar, e oppõe pelo facto uma barreira fortissima á concorren-

conquistado: basta enviar para a florescente republica productos que nem illudam a benevola expectativa de uns, nem aniquilem os bons desejos e esforços de outros.

A concorrência

N'uma conceituada revista franceza li ha dias, entre varias considerações ácerca do grande desenvolvimento que nos ultimos annos tem tido o commercio brasileiro, um apello aos vinicultores do seu paiz, chamando-lhes a attenção para a importação dos vinhos e fazendo-lhes notar, que se

deixavam bater por Portugal e pela Italia.

E' natural que os francezes trabalhem pela collocação dos seus vinhos, da mesma fórma que os italianos e os hespanhoes, que tõem um grande excesso de producção sobre as suas necessidades; e natural é tambem que, por esforços habil e intelligentemente dirigidos, consigam augmentar dentro em pouco tempo a sua exportação vinica, aproveitando a incuria e desleixo que infelizmente nos são habituaes.

Conclusão

Portugal, exportando para o Brazil tres vezes mais vinho do que a Italia, a França e a Hespanha reunidas, precisa ainda trabalhar muito para alargar o ambito do seu principal mercado consumidor, e para estreitar ainda mais as relações commerciaes entre os dois paizes que falam a mesma lingua e que tõem simplesmente *a dividil-os uma linha imaginaria*, na phrase brilhante d'um distincto diplomata brasileiro.



MARIA

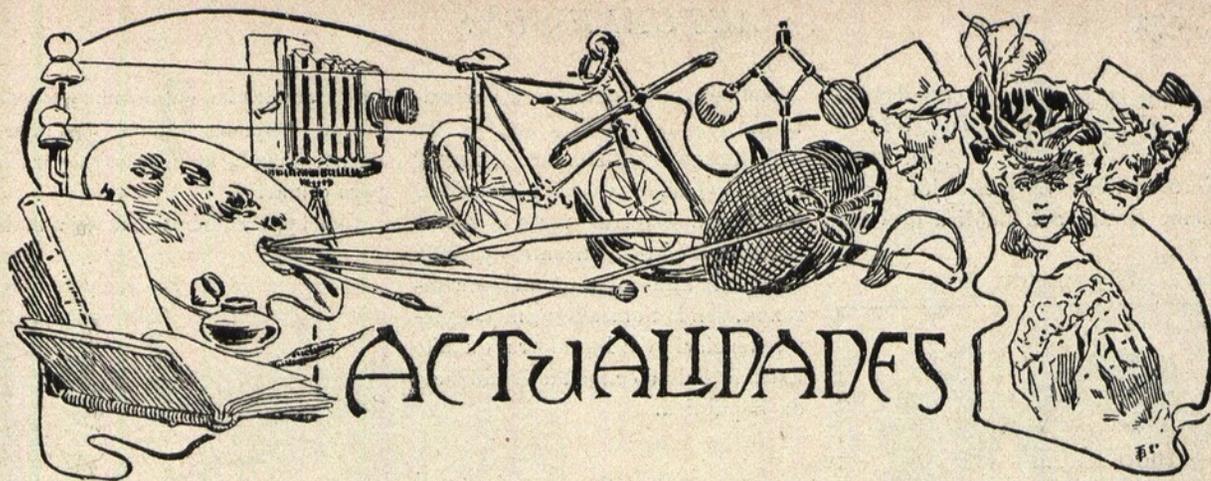
Para o José Dantas da Gama

Maria foi essa mulher formosa
Que ha dois mil annos suspirou de dôr
Quando o supremo e divinal Senhor
Foi do Calvario á região ditosa.

E foi tambem a Magdalena airosa
Que se fez santa por divino amor
Seguindo após o justo Redemptor
Que lhe estendera a sua mão bondosa . . .

E se este nome não tivesse a graça
Da peregrina briza quando passa
Beijando a flor olente que seduz,

Bastava que elle o mesmo nome fosse
Puro e suave, mavioso e doce
Da mãe do Hebreu que falleceu na cruz!



Grandes topicos

A questão marroquina. Como era de esperar, todas as potencias signatarias da acta de Algeciras deram a sua adhesão á nota franco-hespanhola relativa á attitude que ellas devem tomar perante o pedido de Muley Hafid para ser reconhecido sultão de Marrocos. Apenas a Allemanha destoou do côro geral. Depois de um longo compasso de espera, a chancellaria de Berlim resolveu-se finalmente a responder á nota da França e da Hespanha, adherindo tambem ás propostas d'aquellas duas potencias, mas fazendo-lhes algumas objecções.

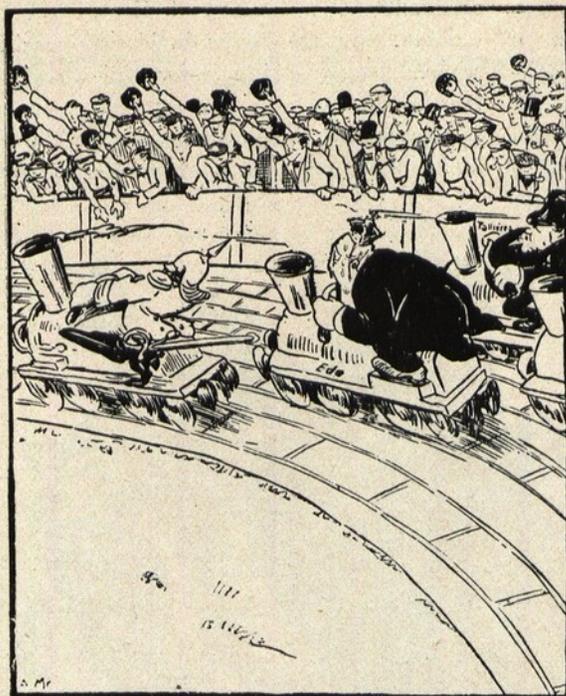
A primeira refere-se á attitude que Muley Hafid deve tomar perante as potencias e os seus nacionaes. A Allemanha está prompta a associar-se ás negociações communs n'esse sentido mas deseja «que se deixe a Muley Hafid alguma liberdade de movimentos» para tomar as suas medidas a fim de evitar a repetição de novas excitações entre as populações musulmanas que ameaçariam a manuten-

ção da tranquillidade e da ordem, no qual todas as potencias teem interesse commum.

A segunda diz respeito ao reembolso das despezas feitas pela França e pela Hespanha com as suas ex-

pedições militares. A chancellaria allemã não contesta esse direito áquelles dois paizes, mas observa que elles devem «tomar em consideração a situação financeira de Marrocos, no melhoramento do qual todas as potencias teem um commum interesse.»

Como se vê, estas objecções nada teem de consistente, denunciando apenas o proposito de fazer opposição a um adversario. Por isso mesmo, é natural que as insignificantes difficuldades que ellas possam levantar, sejam facil e rapidamente resolvidas pela diplomacia. Por seu lado, das suas declarações extrajudiciaes sobre o assumpto, deprehende-se que Muley Hafid não fará grande opposição á nota franco-hespanhola, limitando-se porventura a exigir que a sua soberania seja mantida integralmente. Assim, é natural que a questão fique em breve regulada — com grande desgosto dos pescadores das aguas turvas da politica internacional e porventura dos bellicosos chauvinistas germanicos.



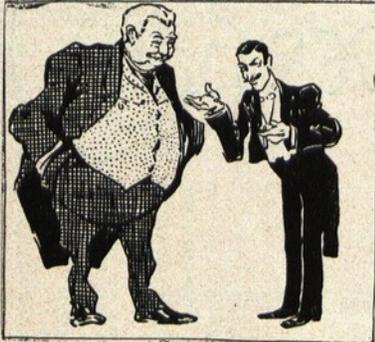
O STADIUM DOS REIS

Publicou-se ha tempo uma estatistica do numero de kilometros que os varios soberanos teem percorrido em caminho de ferro durante a sua vida. Não seria muito preferivel que os potentados dispendessem a sua energia n'uma corrida em competencia? Assim divertiriam os povos, e sempre luzia o dinheiro gasto.

Do «Wabre Jacob»

A Republica
de Cuba

O governo dos Estados-Unidos da America do Norte parece ter resolvido finalmente deixar a Republica de Cuba



TAFT O GRANDE

«Na Europa, não se dão altos cargos a homens tão gordos como Taft.

«Não; na Italia por exemplo, e depois que elles engordam.»

Do «Pasquino»

entregue de novo aos seus destinos. Assim é que, n'uma conferencia ultimamente realisada entre o governador americano de Cuba, o sr. Magoon, e Roosevelt, foi deliberado que as eleições legislativas e presidenciaes, se effectuem no dia 14 de novembro proximo, e que o presidente eleito entre no exercicio das suas funcções constitucionaes no dia 28 de janeiro de 1909.

Logo que essa deliberação se tornou conhecida, a Convenção do partido conservador de Cuba, convocada para designar os candidatos á presidencia e á vice-presidencia, elegeu por unanimidade o general Mario Menocal para o desempenho do primeiro cargo, e o dr. Raphael Montoro, marquez de Montoro, para o segundo.

O general Menocal, que bastante se distinguuiu na guerra com a Hespanha, tem apenas 40 annos de idade. É tambem um engenheiro distincto, tendo feito o seu curso nos Estados-Unidos.

Actualmente dedica-se á agricultura.

O marquez de Montoro conta 50 annos. Quando Cuba pertencia á Hespanha, diversas vezes a representou em côrtes. Durante o periodo da autonomia foi secretario da fazenda, sendo nomeado ministro plenipotenciario em Inglaterra, quando Estrada Palma occupou a presidencia da Republica.

A invasão
da Inglaterra

TERMINARAM as grandes manobras do exercito inglez, complemento das celebradas pela frota britannica. Este enorme apparato militar teve, affirmam os criticos e os politicos, por principal fim, responder ás manobras do exercito allemão, que d'esta vez tiveram por campo os arrabaldes de Strasburgo, cujo relêvo de terreno é semelhante ao do sul de Inglaterra.

No parlamento inglez foi interpellado o governo ácerca da espionagem effectuada por alguns officiaes allemães no condado de Kent, e ainda, para não deixar duvidas a respeito como o imperador Guilherme interpreta a sua invasão, appareceu este inopinadamente no meio da esquadra de Lord Beres-



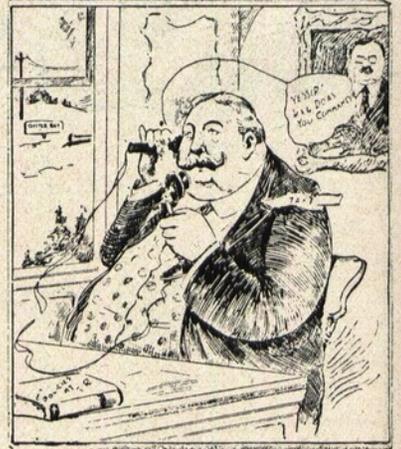
A DANÇA DO URSO

ROOSEVELT (a Taft)—Ursó, pega n'este cacete e faze o que eu fizer.

Do «Life»

ford, fundeada então na enseada d'uma pequena cidade dinamarqueza, quando se preparava para ir para o mar.

Este apparecimento causou a mais



OUVINDO A VOZ DO PATRÃO

TAFT — Sim, senhor, serão cumpridas as suas ordens.

Do «International Syndicate»

assombrosa estupefação em todos os marinheiros da primeira potencia maritima, mas não houve remedio senão fazer o que fizeram, saudal-o com todas as pompas devidas á sua elevada gerarchia de chefe de Estado e á sua qualidade de almirante inglez.

As manobras do exercito de terra, effectuadas no condado de Kent, no mesmo ponto que servira de theatro á espionagem allemã, suppunha uma invasão dos belgas e approximaram-se tanto quanto possivel da verdade. As tropas executaram movimentos e foram postos em acção meios e elementos que até ahi nunca tinham figurado.

Seja como fór, e não sendo provavel uma guerra entre a Allemanha e a Inglaterra, principalmente havendo como ha a celebre entente cordéal com a França, o Kaiser tem conseguido pôr em vibração o patriotismo inglez e incutir ao seu commercio um medo profundo.

Os socialistas italianos **O** congresso do partido socialista italiano, ultimamente reunido em Florença, teve um extraordinario interesse por se debater n'elle a questão do reformismo e do syndicalismo revolucionario.

Em parte alguma a «acção directa» se tem manifestado com mais violencia do que em Italia, e é sabido como as organizações operarias ali procuram perturbar a ordem publica sob os mais futeis pretextos.

O menor incidente bastava para decidir a proclamação da grève geral em qualquer cidade, e os operarios das outras cidades solidarizavam-se immediatamente com os grévistas, provocando a suspensão completa da vida collectiva.

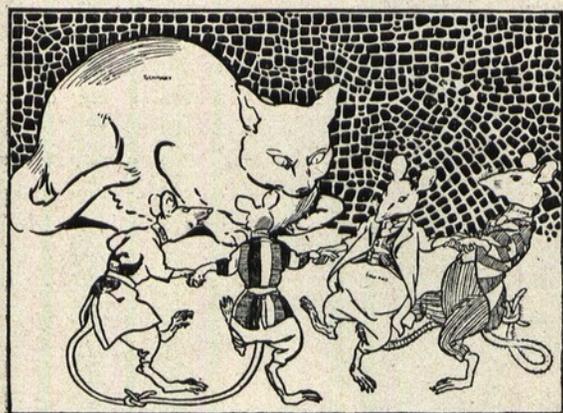
Os socialistas parlamentares por mais de uma vez protestaram contra essa tactica.

No congresso de Florença acabaram os reformistas por triumphar em toda a linha, pois a assembléa



GUILHERME DA ALLEMANHA (muito contente, à parte)—N'aquella arvore ha uma ameixa em que elles todos andam com o olho.

Do «Nebels palter»



O BIGODE PERDIDO

Contam os periodicos allemães (diz o caricaturista japonês) que o Kaiser queimou o bigode quando accendia o charuto. O bigode imperial perdeu o seu prestigio, e Sua Majestade está profundamente desgostoso.

Do «Tokyo Punch»

approvou, por uma maioria de 10:000 votos, uma ordem do dia repelindo o principio do syndicalismo revolucionario e condemnando a grève geral como meio normal de luta.

MORTOS ILLUSTRES

Morte de Salmeron. — No dia 20 de setembro falleceu em Pau, onde estava convalescendo de uma grave doença, o notavel democrata hespanhol D. Nicolau Salmeron y Alonso, ex-chefe do partido republicano e antigo presidente da Republica.

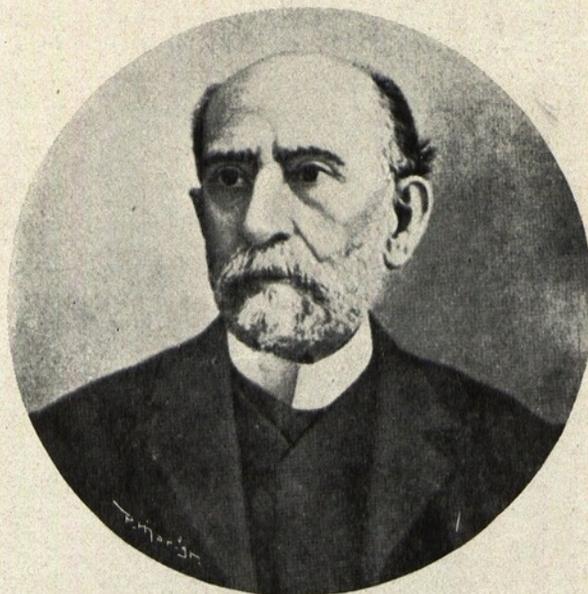
O grande cidadão, que foi uma verdadeira gloria do visinho reino, nascera em Alhama lo Seco em 1837. Tendo estudado, direito litteratura e philosophia em Granada e Madrid, quando acabou o ultimo curso ficou addido ao Instituto de Santo Isidro d'esta cidade. Em 1850 entrou para o jornalismo, redigindo a *Discusion* e a *Democracia*. Fazendo parte do directorio republicano democratico de Madrid, desde 1865, em 1868 foi preso, só recuperando a liberdade em

consequencia da revolução de setembro do mesmo anno.

Eleito deputado em 1871, foi investido na chefia do partido republicano, e, depois da abdicação do

rei Amadeu, nomeado ministro da justiça em fevereiro de 1873. Por occasião da insurreição de Carthagena, tendo-se demittido o chefe do poder executivo, Pi y Margall, foi Salmeron eleito presidente da Republica, em 18 de julho do mesmo anno. Mezes depois, o parlamento restabelecia a pena de morte para os crimes militares. Repugnando-lhe sancionar essa medida, Salmeron demittiu-se em 7 de setembro do anno seguinte. Dois mezes depois era eleito presidente do Congresso.

A restauração da monarchia, levada a efeito pelo golpe de Estado do general Pavia, obrigou-o a refugiar-se em Lisboa, d'onde passou para Paris. Ali, com Ruiz Zorrilla, redigiu os celebres manifestos republicanos de 1876 e 1879.



NICOLAS SALMERON

Quando, em 1871, Sagasta subiu ao poder, o illustre exilado poude regressar a Hespanha, sendo reintegrado na sua cadeira de philosophia da Universidade de Madrid. No anno seguinte foi reeleito deputado, e desde então sempre os republicanos o tiveram com o seu representante no Congresso.

Em 1903, os diversos partidos republicanos hespanhoes, reconhecendo a necessidade de uma acção commum, resolveram fundir-se no partido da União, e proclamaram-o seu chefe. Fazendo-o, porém, contavam que Salmeron organisasse para breve um movimento revolucionario, que de novo restabelecesse o regimen republicano. Dadas as circunstancias politicas e sociaes de momento, Salmeron não o poude fazer, e, por isso, a sua influencia junto dos seus correligionarios, co-

meçou a breve trecho a decahir consideravelmente.

Entretanto, Salmeron ia pugnando



PABLO SARASATE

pela realização de todas as reformas compatíveis com o regimen monarchico. N'esse sentido organisou o anno passado a Solidariedade

catalã obra de um largo alcance social, mas que devia ainda mais incompatibilisal-o com uma grande parte do partido republicano. D'ahi o seu afastamento da chefia do partido, que o congresso geral do mesmo, realisado ha mezes, confiou a um directorio constituido pelos seus representantes em córtes.

Pablo Sarasate.

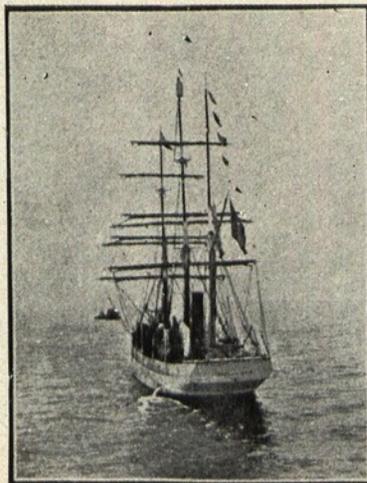
— Finou-se ha poucos dias o eminente violinista Pablo Martin Meliton de Sarasate, universalmente conhecido. Nascido em Pamplona em 1844, tinha apenas onze annos, quando foi admittido no Conservatorio de Paris. Aos dezoito annos obteve o primeiro premio de violino. Dentro em pouco tornou-se uma celebridade,

victoriado em todo o mundo culto. Os empresarios disputaram-no a péso de ouro. Os seus companheiros fizeram-lhe retumbantes exequias.

Vida na sciencia e na industria

A tocha **U**M tal Raffaele maior do mundo Cascone, processado por assassino e absolvido ha pouco tempo, tendo soffrido um longo e penoso encarceramento, fez voto de que, se ficasse livre, manifestaria a sua gratidão por um modo extraordinario. Effectivamente, logo depois de solto, mandou fazer uma tocha colossal para a cathedral de Santa Catella. Tem esta tocha quasi tres metros e meio de alto, mais de 3 decímetros de diametro, e pesa cerca de 146 kilos. A superficie é decorada com artisticas pinturas religiosas, de cores brilhantes. É feita toda de cera, e custou a quantia de 60 libras. Ao chegar ao seu destino, será collocada e acesa com toda a solemnidade, e deverá arder ininterruptamente durante mais de dois annos.

Expedição **A** 16 de agosto antarctica partiu do Havre para o Oceano Antartico. Mr. Charcot a bordo do



O «POURQUOI PAS?»

seu navio o *Pourquoi pas?* Espera descobrir os restos de um continente perdido. O governo francez subsidia a expedição com 600.000 francos. O *Pourquoi pas?* é uma barca de 800 toneladas.

Descoberta **D**EVE-SE ao sr. Lipmann o novo photographica processo para obter a photographia em relevo: é simplicissimo. Consiste em preparar a camada sensivel d'uma prova photographica de forma que apresente uma quantidade de pequenas superficies convexas, affectando a forma do olho composto d'um insecto.

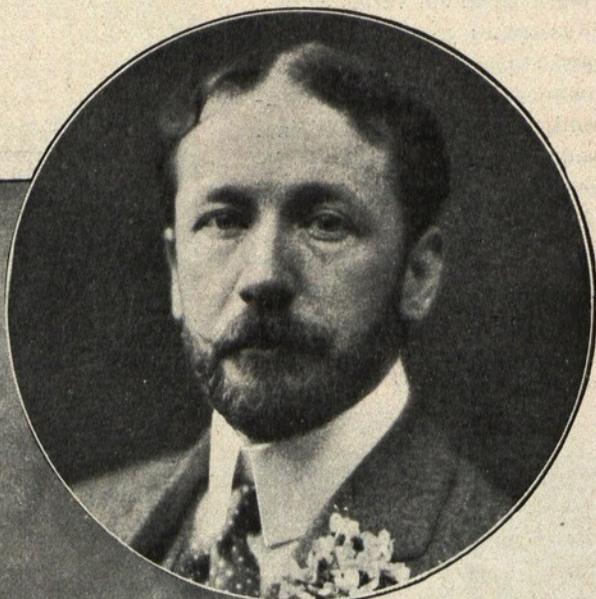
A photographia em relevo é um melhoramento que deve transformar com vantagem as illustrações, dando-lhes um aspecto completamente novo e muito interessante.

Resenha portugueza

LEGAÇÃO DO BRAZIL EM LISBOA

Como encarregado dos negocios da sua nação, cargo que tem exercido com a mais notavel distincção desde a partida para Berlim do sr. Itibiré da Cunha, ministro da Republica dos Estados Unidos do Brazil na nossa cõrte, veiu continuar entre nós a sua brilhante carreira diplomatica o sr. Oscar Teffé von Hoonholt, primeiro secretario da legação.

Figura eminente e altamente distincta, allian-do ás mais altas faculdades de espirito os mais



raros dotes de coração, tem superiormente servido o seu paiz em Roma, S. Petersburgo, Vienna e Berne e nas Republicas dos Estados Unidos e da Argentina, onde esteve encarregado de negocios durante treze annos; e em toda a parte tem sabido honrar a patria e o seu nome, aliás bem conhecido no mundo diplomatico, pois que seu pae, o almirante barão de Teffé, representou o Brazil em varias cõrtes da Europa.

Sua elegante e formosissima esposa, de quem reproduzimos o retrato com vivo desvanecimento, é uma das mais encantadoras senhoras do corpo diplomatico estrangeiro, actualmente acreditado entre nós.

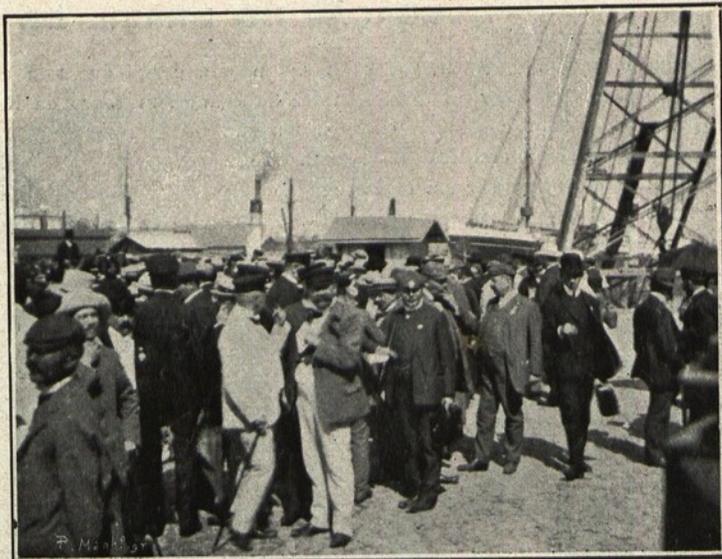
Que Portugal lhes seja uma segunda e querida patria e que os conserve largo tempo sob a belleza do seu incomparavel céo, é o que sinceramente desejamos.

Medicos allemães em Lisboa

Tem-se nos ultimos tempos accentuado a affluencia de notabilidades scientificas ao nosso paiz.

Este facto, tão lisonjeiro para nós, tem origem em varias causas, entre as quaes se destaca a boa impressão que d'aqui levaram todos os que concorreram ao Congresso Internacional de Medicina, realisado sob a presidencia do illustre medico e professor dr. Miguel Bombarda.

É, pois, com sincero prazer que registamos hoje a visita que no fim de setembro fizeram á capital portuguesa 341 medicos allemães, que a bordo do vapor *Oceana* re-



gressaram á patria, da sua util e proveitosa excursão. O pouco tempo de demora entre nós — dois dias — não consentiu que em sua honra se

organisassem festas demonstrativas do apreço em que era tida a sua visita; fóram no entanto recebidos por uma commissão de medicos portugueses, presidida pelo illustre director da Escola Medica de Lisboa, sr. conselheiro Silva Amado, que na Sociedade de Geographia fez perante os nossos hospedes e escolhida assistencia, uma brilhante conferencia ácerca do clima de Lisboa, a qual foi escutada com o maior interesse.

Visitaram ainda o Jardim Botânico, o Hospital do Rego, o convento dos Jeronymos e a Casa Pia, e admiraram as decantadas bellezas de Cintra.

Ouvimos que retiraram favoravelmente impressionados.

SPORTS

Durante os calores do estio Lisboa quasi se despovoa, e a animação da capital espalha-se por esse paiz fora, pelas thérmas e praias, que se disputam pela organização de attrahentes festas a mais numerosa e selecta concorrencia.

Como é natural, occupam logar proeminente pela sua situação e pelos valiosos elementos de que dispõem, as praias proximas de Lisboa, e d'entre ellas destaca-se a formosa praia de Paço d'Arcos pelo conjuncto de variadas diversões que annualmente alli se realisam.

Em setembro d'este anno, três ma-



LUCTA DE TRACÇÃO

gnificas festas desportivas chamaram a presenca-las enorme e escolhida assistencia, na qual predominava o elemento feminino, e que foram:

Regata de Canôas monotypos. — Terceira d'este genero, promovida pelo Real Club Naval e que, como as anteriores, despertou o mais vivo entusiasmo. N'ella tomaram parte barcos dos nossos mais distinctos *sportsmen*, que primorosamente a disputaram, ficando vencedora a *Guida* do sr. João Bissau, que gastou no percurso da corrida — duas voltas n'um triangulo formado por balisas em Pedrouços, Trafaria, e Paço d'Arcos — 4 horas e vinte minutos.

Torneios athleticos. — Varias festas d'esta natureza conseguiram

manter justamente interessado um publico que da melhor vontade a elles concorre no desejo de admirar o desenvolvimento da força e destreza da nossa mocidade.

As provas consistiam em corridas pedestres e velocipedicas, saltos em comprimento, lueta de tracção, lançamento de pesos, etc., e n'elles tomaram parte muitos e distinctos amadores.

Travessia do Tejo. — Durante o mez de setembro tão fertil em festas desportivas, a travessia do Tejo chamou sobre si todas as atenções pelo esforço que demandava dos que concorreram a tão

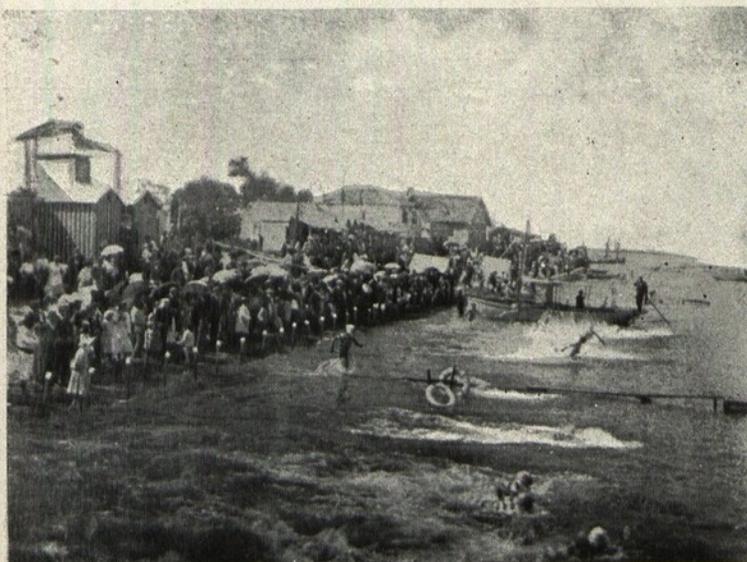
difficil prova. Dois certamens d'esta natureza se realisaram com pleno exito e sem nenhum incidente desastroso. Ao primeiro promovido pela Liga de Natação, concorreram 30 praças do exercito e da armada, tendo direito a premio quem fizesse o percurso da Trafaria a Pedrouços, 2:500 metros, em menos d'uma hora. O vencedor foi o 2.º grumete do cruzador *D. Carlos*, Joaquim Matheus Junior que gastou 42 minutos, cabendo por isso a este navio a taça offerecida por El-Rei, que será disputada no proximo anno, e recebendo o bravo marinheiro uma medalha de prata e o premio pecuniario de 15,000 réis.



TAÇA D. CARLOS



OS VENCEDORES



UM ASPECTO DA CORRIDA



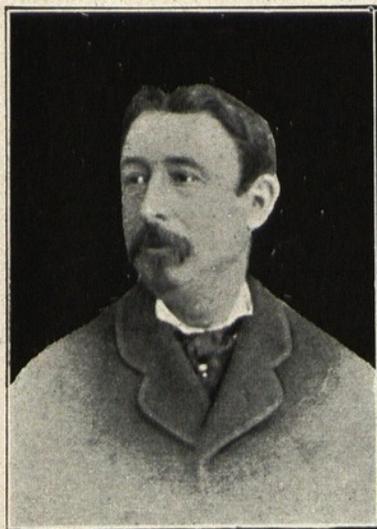
ESCUDO DO REAL GYMNASIO CLUB

O segundo certamen foi organizado pelo Real Gymnasio Club, e n'elle disputaram o valioso premio, um escudo de prata, de que damos a photographia, oito dos nossos

melhores nadadores. A distancia entre a Trafaria e Pedrouços foi vencida em 1 hora e 10 minutos pelo sr. Frederico Soares, do Club de Natação Awata, que foi o pri-

meiro dos concorrentes a chegar; porisso em poder d'aquelle club ficou o magnifico escudo de prata, recebendo o vencedor uma medalha de ouro.

OS NOVOS PARES DO REINO



VISCONDE DE BALSEMÃO



BARBOSA DU BOCAGE



CONDE DAS ALCAÇOVAS

Iremos dando successivamente nos *Serões* pela ordem por que os fórmos obtendo, os retratos dos Pares do Reino por direito hereditario, que ultimamente tomaram assento na Camara, e de cujo talento e

illustração muito tem a esperar o paiz.

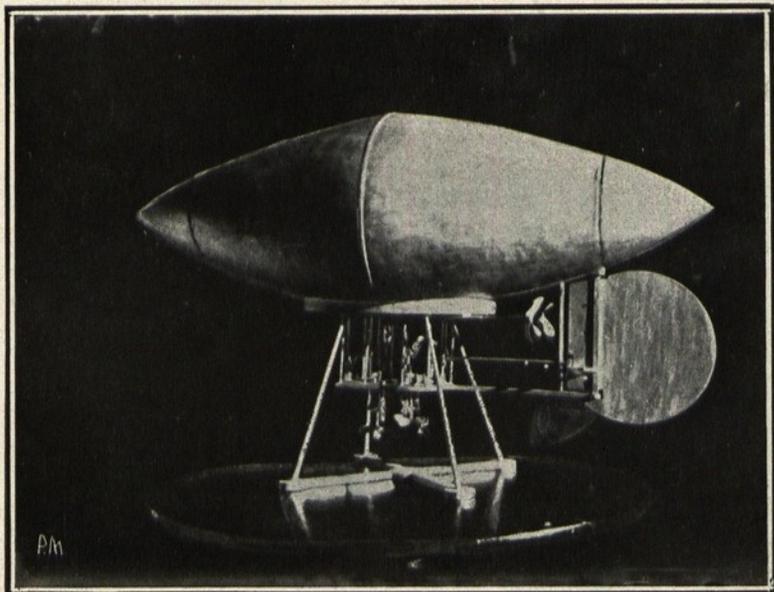
Os que hoje honram as nossas columnas hão de por certo, no desempenho das suas elevadas funcções, esforçar-se por manter as honrosis-

simas tradições dos seus maiores, que tanto illustraram os seus nomes e nos quaes os supremos interesses da Nação encontraram sempre denodados defensores. E' voto este que confiadamente fazemos.

A AEROSTAÇÃO EM PORTUGAL

Um dirigivel portuguez. — O problema da navegação aerea que tantos espiritos arrojados tem apaixonado, e a cuja solução no momento actual todas as nações do mundo ligam o maximo interesse pela sua applicação á arte da guerra, não podia deixar de tentar tambem a inventiva dos nossos patriocios. Assim é que um pequeno e elegante modelo de dirigivel foi apresentado em agosto findo ás autoridades superiores da marinha pelo seu inventor, 1.º sargento da Armada Real, sr. Francisco Miguel Anastacio.

A construcção d'este aerostato dirige profundamente dos modelos mais vulgares, na materia de que é formado o envolucro — aluminio,



MODELO DO DIRIGIVEL «PORTUGUEZ»

em vez de seda ou cautchú e na supressão da barquinha, que é substituída por um estrado fixo ao envolvero e obedecendo ao mesmo movimento d'este.

Na opinião do inventor estas duas modificações devem influir extraordinariamente não só na facilidade da direcção, mas sobretudo na velocidade, porisso que faltando ao envolvero a rigidez, que lhe é assegurada pelo emprego do alumínio, a sua ogiva anterior achatarse-ia por effeito da accumulção de gaz na parte opposta á da direcção do balão, o que junto ás oscillações da barquinha diminuiria consideravelmente o andamento.

A direcção é-lhe dada por um leme, e o apparelho propulsor é constituído por duas helices que se movem em sentidos contrarios, accionadas por um motor a gazolina installado no centro do estrado; duas outras helices ligadas á parte inferior d'este estrado são destinadas, uma a fazer subir o balão sem

alijar lastro e a outra a fazê-lo descer sem perda de gaz. O balão assenta no solo por meio de quatro escoras que partem da base do envolvero em sentido obliquo para o exterior. O inventor pensou desde o principio em fazer do seu apparelho um poderoso meio de ataque quer na terra quer no mar; para isso dispoz á frente do estrado, n'um dos balaustres que ligam este ao envolvero, um canhão que pode girar para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, e aos lados dois tubos de lançamento de projecteis.

Estas disposições permittiriam a destruição de exercitos e esquadras inteiras, quasi sem risco, pois o aerostato póde — servindo-se da helice vertical da ascensão — pôr-se rapidamente e conservar-se fóra do raio de acção dos canhões até hoje conhecidos. Para a sua manobra bastam dois homens.

Uma commissão de officiaes de marinha está estudando o interessante invento.

Os bombeiros de Santarem em Lisboa



DIRECÇÕES DOS BOMBEIROS DA AJUDA E DE SANTAREM

Bombeiros voluntarios de Santarem. — Os bombeiros voluntarios de Santarem organisaram, em 27 de setembro, uma excursão a Lisboa na qual tomaram parte cerca de 400 pessoas, acompanhadas pela excellente banda da cor-

poração, uma das melhores do paiz. Na sua curta visita não faltaram a cumprimentar as corporações dos Voluntarios da capital, sendo a photographia que damos, tirada na Praça da Alegria, junto do quartel dos Voluntarios da Ajuda.

Nova opera portugueza

Augusto Machado. — Com o alegre alvoroço que as boas novas sempre causam, foi acolhida a noticia de ter Augusto Machado, o



AUGUSTO MACHADO

inspirado compositor da *Laureana*, concluido duas novas partituras, que nos será provavelmente dado admirar n'esta época theatral.

Uma d'ellas foi expressamente escripta para a peça intitulada o *Espadachim do outeiro*, do nosso estimado director, o sr. H. Lopes de Mendonça.

E' uma opera-comica, cuja acção se passa no alvorecer do seculo XVIII.

Os nomes gloriosos dos auctores, desde longo tempo tão justamente apreciados e queridos do publico, são segura garantia de exito para a empreza do theatro da Trindade, digna dos maiores encomios pela sua arrojada iniciativa em favôr da arte nacional.

A segunda partitura é uma comedia lyrica que tem por titulo a *Burguesinha*.

O libretto é extrahido de um romance de Frederico Soulié, cujo titulo é *Le lion amoureux*, e que por meados do seculo XIX alcançou merecida voga, não só em França, como por toda a Europa.

Desde já auguramos farta colheita de triumphaes louros ao insigne compositor e illustre director da Escola de Musica do Conservatorio de Lisboa, a quem a arte musical tão assignalados serviços deve.

OS EMPREZARIOS

DOS

THEATROS DE LISBOA



VISCONDE DE S. LUIZ BRAGA
(D. Amelia)



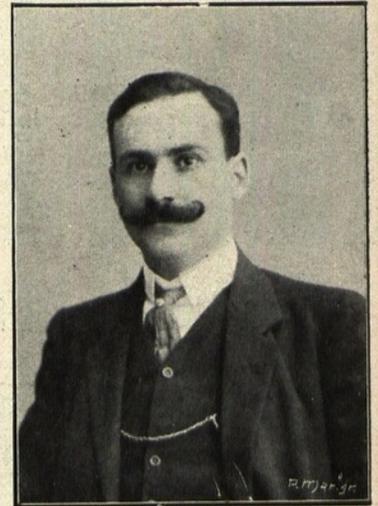
COMMENDADOR ANTONIO SANTOS
(Colyseu dos Recreios)



MIMON ANAHORY
(S. Carlos)



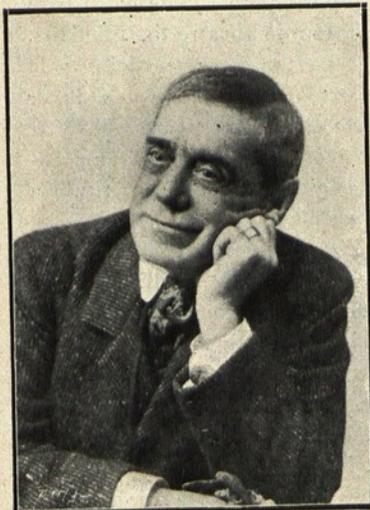
AFFONSO TAVEIRA
(Trindade)



LUIZ GALHARDO
(Avenida)



AUGUSTO FERREIRA
(D. Maria)



JOSÉ ANTONIO DO VALLE
(Gymnasio)



EDUARDO VICTORINO
(Principe Real)

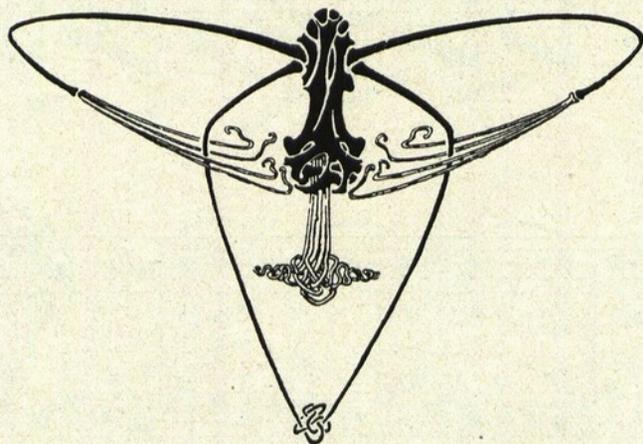




Nas azas do sonho

DE

F. Mendelssohn



Nas azas do sonho

DE F. MENDELSSOHN

Andante

p

f

f

cresc.

p

a Tempo

p *rall.* *pp* *cresc. f*

dim *p* *cresc.*

cresc. *f*

dim. *p*

pp.

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

L'Epil'vite
L'Epil'vite
L'Epil'vite

CREME EPILATORIA

prompta a ser empregada.

Resultado garantido

Perfumada, dissolve instantansamente as pennungens desengaçadas, a barba, os pellos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada.

M. A. GRAZIANI, Phar^{co} de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.

AGENTES DEPOSITARIOS PARA *Portugal*. **CURIEL & DELIGANT, 19, Rua do Arco a Jesus, Lisboa**

PREÇO do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz remédio contra

DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo:

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — Só se vende em Gottas e em Pilulas

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS

Em todas as estações
perservação absoluta de pelles, lãs, vestidos

PELO

Não mais
NAPHTALINA
inefficaçia
e nauseabunda

NECROMITE

Não mais pós
nem
saquinhos

Composto de essencias de plantas e d'um novo producto d'uma efficaçia insecticida muito energica (sem perigo)

Envio franco de porte de correio d'uma carteira com 12 folhas por 200 réis. Dirigir-se aos representantes

CURIEL & DELIGANT  **Rua do Arco a Jesus, 19 LISBOA**

Os quatro grandes flagellos do seculo XX

pele Dr. Hardisson Ferreira

Tuberculose — Avarigenese — Alcoolismo — Mortalidade infantil

(Em 3 annos a tísica matou 16.971 portuguezes. A neisserose ataca um terço da população das grandes cidades. Em 7 individuos ha um avariado. A diarrhéa infantil é o maior factor da mortalidade geral).

200 RÉIS

Quintino Durward

POR

WALTER SCOTT

Versão de A. J. RAMALHO E SOUSA

9.º vol. da Bibliotheca "OBRAS PRIMAS"

1 vol. br. 200, enc. 300 réis

A salvação de Portugal

Segundo um estrangeiro amigo

(Aos portuguezes esclarecidos que desejam a prosperidade do seu paiz)

100 RÉIS

Perfis de intellectuaes

(Visitas e Passeios)

POR SILVA BASTOS

SUMMARIO:

Conde de Sabugosa, Braamcamp Freire, José de Sousa Monteiro,
Conde de Arnoso, Teofilo Braga, Gama Barros, A. de Sousa Silva Costa Lobo,
Os da Torre do Tombo, Teixeira de Queiroz,
Dr. Alfredo Bensaude, José Leite de Vasconcellos, José de Mascarenhas Relvas,
O Professor Gonçalves, de Coimbra, Dr. Mendes dos Remedios,
Dr. Augusto dos Santos Rocha, Joaquim de Vasconcellos,
D. C. Michaelis de Vasconcellos, Alberto Sampaio, Ricardo Severo, Bazilio Telles.

1 vol., 600 réis

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Contos Nocturnos

DE

HOFFMANN

Versão de J. A. D'OLIVEIRA

A collecção *Obras Primas*, editada pela Livraria Ferreira, enriqueceu-se com mais este volume cujo valor é escusado encarecer. Toda a gente conhece, pelo menos de tradição, a imaginação exuberante e extranha do grande escriptor allemão, e os seus contos ficaram na litteratura universal como um exemplo excepcional de correlação intima entre o fantastico e o real. A cuidada versão do sr. Oliveira familiarisará com elles os leitores portuguezes, e o preço extraordinariamente modico de 200 réis, que é o de todos os volumes d'esta magnifica collecção, põe-os ao alcance das bolsas mais modestas.

El-Rei D. Carlos I e Principe Real D. Luiz Filippe

ORAÇÃO FUNEBRE

PELO

Conego Bernardo Chouzal

Seguindo o exemplo do grande Vieira, o mestre dos oradores portuguezes, consegue o sr. conego Chouzal, n'uma brilhante oração funebre, apreciar com singular imparcialidade e hombridade altamente louvavel factos e figuras da historia de hoje, sem destoar da unção christã inherente ao pulpito. Sob este ponto de vista, a sua oração é um documento historico de incontestavel valor, e as suas eloquentes syntheses illustam admiravelmente os tragicos acontecimentos que as suggeriram.

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Grande vantagem

aos novos assignantes dos

SERÕES

Desejosa a administração dos «Serões» por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos novos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem na revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre** —, a collecção, por volume, dos numeros publicados nos annos anteriores, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "Serões" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2\$200 réis
	Semestre	1\$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro -	Anno	15 fr.

Pedidos á

ADMINISTRAÇÃO DOS SERÕES

PRAÇA DOS RESTAURADORES (Passagem do Anuario Commercial), 27

Telephone 805

LISBOA